



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM TERAPIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA**

**O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FAMILIAR E COMUNITÁRIO
COM CRIANÇAS VULNERÁVEIS: O CASO “CENTRO DIA MÃES DE
MAVALANE” BAIRRO DE MAVALANE A.**

Florência Saquina Mulungo Jossefa

Maputo, 04 de Março de 2022



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM TERAPIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA**

**O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FAMILIAR E COMUNITÁRIO
COM CRIANÇAS VULNERÁVEIS: O CASO “CENTRO DIA MÃES DE
MAVALANE” BAIRRO DE MAVALANE A.**

Florência Saquina Mulungo Jossefa

Maputo, 04 de Março de 2022

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Florência Saquina Mulungo Jossefa**, declaro por minha honra, que este trabalho, nunca foi apresentado para obtenção de qualquer grau acadêmico, e ele constitui o resultado da minha pesquisa, com a supervisão da Prof^a. Doutora Bernardete Tesoura, consultando a bibliografia mencionada e realizando trabalho de campo, de modo a preencher os requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Terapia Familiar e Comunitária.

Maputo, 04 de Março de 2022

Autora

(Florência Saquina Mulungo Jossefa)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Albino Manhique e Saquina Mulungo, e a toda a família Jossefa que tanto esperou por este momento. Ao meu esposo, António Luciano Jossefa, e aos meus filhos, pelas privações de carinho que passaram e pela compreensão demonstrada ao longo da minha formação.

AGRADECIMENTOS

Dou graças ao Senhor, Todo-poderoso, pela vida, saúde e protecção. Esta dissertação não poderia ser concretizada sem o apoio de Deus e de algumas pessoas, a quem é devido um profundo agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço à minha supervisora, a Prof.^a Doutora Bernadette Tesoura, pela amizade e pelo incentivo dado na reflexão da temática sobre o “Funcionamento do Sistema Familiar e Comunitário”, quer através de ensinamentos e orientação bem como através da sua compreensão e disponibilidade sem limites, demonstrados ao longo do processo da elaboração da presente dissertação, o que muito contribuiu para o meu desenvolvimento intelectual.

Quero também agradecer a todos os docentes do Curso de Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária, pelos conhecimentos transmitidos, através das actividades pedagógicas teóricas e práticas ao longo do curso.

Os meus agradecimentos são extensivos especialmente ao Sr. Padre Anastácio Jorge, Director Geral do Centro Dia, que autorizou a recolha de dados e, também, a todos os educadores de infância e aos pais responsáveis ou encarregados de educação das crianças que frequentam o Centro Dia Mães de Mavalane pelo apoio em todo o processo de diagnóstico.

Quero ainda agradecer a todos os familiares, colegas e amigos que acreditaram nas minhas capacidades desde o início e, directa ou indirectamente, deram a sua valiosa contribuição para a materialização do presente trabalho.

A todos, o meu mais profundo *Kanimambo!*

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE TABELAS.....	x
LISTA DE GRÁFICOS.....	xi
1.1 Contextualização	1
1.2 Justificativa e Motivação do Estudo.....	3
1.3 Contributo do Estudo.....	4
1.4 Definição do Problema de Pesquisa	4
1.5 Objectivos	5
1.5.1 Objectivo Geral	5
1.5.2 Objectivos Específicos.....	5
1.6 Questões de Pesquisa.....	6
1.7 Apresentação Geral da Estrutura da Pesquisa.....	6
CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA.....	7
2.1 Conceptualização	7
2.1.1 Sistema.....	7
2.1.2 Família	8
2.1.3 Sistema Familiar	9
2.1.4 Criança	12
2.1.5 Vulnerabilidade	12
2.1.6. Sistema Comunitário.....	13
2.1.7. Centro de Acolhimento.....	14
2.1.8. Quadro Legal Sobre as Crianças Vulneráveis em Moçambique	14

2.1.9. Quadro Estatístico Sobre as Crianças Vulneráveis em Moçambique.....	15
2.2 Enquadramento Teórico.....	16
2.2.1 Teoria Psicodinâmica.....	17
2.3 Teoria Cognitivo – Comportamental.....	25
2.3.3 Teoria Sistémica	26
2.3.4 Teoria Ecológica.....	31
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DE ESTUDO	33
3.1 Introdução	33
3.2 Apresentação dos Métodos Usados na Pesquisa	33
3.2.1 Método Qualitativo	33
3.2.2 Método Descritivo	34
3.2.3 Método Analítico.....	34
3.3. Descrição da População Alvo de Estudo	35
3.4 Descrição da Amostra.....	35
3.5 Apresentação e Descrição dos Instrumentos de Pesquisa	36
3.5.1 Entrevista	36
3.5.2 Genograma	36
3.5.3 O FAST	37
3.6 Fiabilidade e Validade dos Instrumentos Usados na Colecta de Dados.....	39
3.7 Considerações Éticas	40
3.7.1 Consentimento Informado.....	40
3.7.2 Confidencialidade	40
3.8 Procedimentos no Tratamento de Dados	41
3.9 Limitações de Estudo	41
CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	43
4.1 Introdução	43
4.2 Análise e Interpretação dos Casos.....	43

4.2.1 Caso da Família P1	43
4.2.2. Caso da Família de P2	47
4.2.3. Caso da Família de P3	51
4.2.4 Caso da Família de P4	54
4.2.5 Caso da Família de P5	58
4.2.6 Caso da Família de P6	61
4.2.7 Comunidade Educadora do Centro Dia Mães de Mavalane	64
4.3 Quadro Resumo das Características dos Casos Analisados	68
4.3.1 Dados Anagráficos e Sociais das Famílias e dos Educadores.....	68
4.3.2 Níveis de Hierarquia e Coesão dos Sistemas Familiares em Estudo.....	71
4.4. Principais Padrões do Funcionamento do Sistema Familiar Com Crianças Vulneráveis.....	72
4.5. Síntese Conclusiva	72
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	74
5.1. Sumário dos Aspectos Salientes e Sua Discussão.....	74
5.2 Conclusões em Relação aos Objectivos	75
5.2.1 Objectivo Geral	75
5.2.2. Objectivos Específicos.....	75
5.3 Conclusões em Relação às Perguntas de Pesquisa.....	80
5.3.1. Que Características Apresentam o Sistema Familiar e Comunitário com Crianças Vulneráveis Acolhidas no CDMM?	80
5.3.2. Quais São as Causas da Vulnerabilidade Destas Crianças?.....	80
5.3.3. Como Interagem Estas Crianças Com os Seus Pais e Com os Educadores? 80	
5.3.4. Que Dinâmicas Funcionais ou Disfuncionais se Instauram no Seio das Famílias e a Comunidade Educativa do CDMM Com Crianças Vulneráveis?	81
5.3.5. Que Estratégias Podem Ajudar as Famílias e o CDMM a Interagir Positivamente Com os Seus Membros Garantindo-lhes Uma Educação e Formação Qualificadas?	81

5.4 Recomendações.....	82
5.4.1 Às Crianças do CDMM	82
5.4.2 Às Famílias e Encarregados de Educação.....	82
5.4.3 Ao Centro Dia Mães de Mavalane	83
5.4.4 À Universidade Eduardo Mondlane	84
5.4.5 Implicações da Pesquisa	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
APÊNDICES.....	94

RESUMO

O carácter disfuncional do sistema familiar é um fenómeno que coloca as crianças e adolescentes em estado de vulnerabilidade em todo o mundo. A vulnerabilidade pode ser provocada por determinadas situações que as famílias enfrentam tais como: problema de saúde física; o abalo psicológico ou mental; a condição socioeconómica e a pobreza extrema. Segundo a UNICEF (2014), as circunstâncias de miséria que se fizeram sentir no passado, em Moçambique, colocaram mais da metade da população moçambicana debaixo da linha da pobreza, ou seja, em condições de carência extrema, factor que contribuiu para o aumento da população de crianças vulneráveis. Neste contexto, os centros de acolhimento têm um papel importante a desempenhar na prestação de assistência social às crianças provenientes de sistemas familiares disfuncionais. O presente trabalho intitulado “O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis: o caso do Centro Dia Mães de Mavalane”, Bairro de Mavalane A, visa compreender como funcionam o sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM,

Bairro de Mavalane “A”. Identificar as causas da vulnerabilidade destas crianças e o tipo de interação existente entre a família e as suas crianças, entre o CDMM e as crianças significa ir ao âmago da questão e verificar qual é o seu impacto na estrutura familiar e no seu funcionamento comunitário. A pesquisa foi realizada no Centro Dia Mães de Mavalane, com 6 pais e encarregados das crianças acolhidas pelo CDMM e 4 educadores que as acompanham nas suas actividades do dia-a-dia. Dado o carácter do estudo, a pesquisadora optou por uma abordagem qualitativa, combinando dois métodos, o descritivo e analítico, através dos quais conseguiu obter dados que mostram o funcionamento dos sistemas familiar e comunitário com crianças vulneráveis. Os resultados da pesquisa mostraram a existência de fragilidade no funcionamento dos sistemas familiar e comunitário das crianças acolhidas no CDMM, caracterizada pela pobreza, por desestruturação do sistema familiar, pelas relações conflituosas entre os seus membros, por condições alimentares fracas e ausências frequentes da família e encarregados de educação que desfavorecem o bom funcionamento, fragilizando assim as crianças. Os resultados indicaram também que o tipo de interação existente nas famílias estudadas é caracterizado por um clima de tensão, de agressividade, de angústia e de ansiedade.

Palavras – chave: Família, Sistema Familiar, Criança, Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The dysfunctional character of the family system is a phenomenon that places children and adolescents in a state of vulnerability throughout the world. Vulnerability can be caused by factors such as: physical health problem; the psychological or mental shock; socioeconomic status and extreme poverty. According to UNICEF (2004), as the circumstances of misery that were felt in the past in Mozambique, put more than half of the Mozambican population below the poverty line, that is, in conditions of extreme poverty, a factor that presented conditions for the increase of the poverty of children people. In these centers, reception centers have a role to play in the context of social assistance to children from dysfunctional family systems. The present work entitled "The present work with the title "The system recognized as being known and with the mothers in the basic functioning of the Mavalane system, as the system known as it works as the family functioning of the Center of Mavalane Mother, Mavalane village, Mavalane neighborhood. Identifying the causes of these children's vulnerability and the type of interaction that exists between the family and their children, the CDMM and as children means going to the heart of the matter and verifying what its impact is on the family structure and not its functioning. The survey was carried out on Mother's Day in Mavalane, with 6 parents and guardians of the Children's Center welcomed by the CDMM and 4 educators who accompany them in their day-to-day activities. Given the character of the study, a qualitative researcher, combining methods, descriptive and analytical, through which it managed to obtain that shows the functioning of family systems and with two children. The results of the research of systems by systems taken in from the system are not many children and the results of the family of families, from the existence of wealth, by relationships from their family members, because of the weak family and the family system. of education that disadvantage the person in charge of proper functioning, thus weakening the children. The results indicate that the type of interaction existing in families is also characterized by an activity, of anguish and anxiety.

Keywords: Family, Family System, Child, Vulnerability.

LISTA DE ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

CDMM	Centro Dia Mães de Mavalane
FACED	Faculdade de Educação
FDC	Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade
INE	Instituto Nacional de Estatística
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Subsistemas do Sistema Familiar	11
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Representação Típica de P1	46
Tabela 2: Representação Ideal de P1	46
Tabela 3: Representação Conflitual de P1	47
Tabela 4: Representação Típica de P2	49
Tabela 5: Representação Ideal de P2	50
Tabela 6: Representação Conflitual de P2	50
Tabela 7: Representação Típica de P3	53
Tabela 8: Representação Ideal de P3	54
Tabela 9: Representação Conflitual de P3	54
Tabela 10: Representação Típica de P4	57
Tabela 11: Representação Ideal de P4	57
Tabela 12: Representação Conflitual de P4	58
Tabela 13: Representação Típica de P5	60
Tabela 14: Representação Ideal de P5	60
Tabela 15: Representação Conflitual de P5	61
Tabela 16: Representação Típica de P6	63
Tabela 17: Representação Ideal de P6	63
Tabela 18: Representação Conflitual de P6	64
Tabela 19: Dados das Famílias Entrevistadas	68
Tabela 20: Dados das Educadoras Entrevistadas.....	68
Tabela 21: Níveis de Hierarquia e Coesão dos Sistemas Familiares	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Genograma da Família de P1	45
Gráfico 2: Genograma da Família de P2	48
Gráfico 3: Genograma da Família de P3	52
Gráfico 4: Genograma da Família de P4	56
Gráfico 5: Genograma da Família de P5	59
Gráfico 6: Genograma da Família de P6	62

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

“O Funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis: o caso do Centro Dia Mães de Mavalane”, Bairro de Mavalane A, foi o tema escolhido para esta pesquisa.

A concepção de vulnerabilidade remete-nos à ideia de fragilidade e da dependência, em qualquer situação da vida e em qualquer idade. Em crianças e adolescentes, elas resultam, em grande medida, das limitações e incapacidades dos mais velhos, pais, responsáveis e mentores de gerir com eficácia, esta camada social em crescimento. Por outro lado, determinadas situações que as famílias passam, podem criar o estado de vulnerabilidade, tais como: a saúde física precária; o abalo psicológico; a condição socioeconómica e a pobreza extrema (Fonseca, Sena & Santos, 2012).

A temática da vulnerabilidade como factor preditivo de risco em crianças e adolescentes é um problema de cunho global. Recentemente, em 2018, o governo sueco criou uma lei que estabelece a Convenção Sobre os Direitos da Criança Sueca, que entrou em vigor em Janeiro de 2020 naquele país. O governo local decretou a lei em prol do reconhecimento das crianças como entidades legais a serem protegidas de discriminação, da violência e também da negligência (Fonseca, Sena & Santos, 2012).

No Brasil, o problema da vulnerabilidade infantil vem sendo discutido há pouco mais de vinte anos. No país em questão, as principais situações de vulnerabilidade que acometem as crianças e adolescentes dizem respeito aos problemas do alcoolismo e de conflitos familiares que fazem das crianças testemunhas oculares de agressões e de toda a forma de violência que acontece no seio do sistema familiar. Além destes riscos, os outros perigos que esta faixa etária corre são o trabalho infantil, a prostituição, o uso de drogas, a gravidez precoce e a prática do roubo, comportamentos estes, que fragilizam a sua personalidade (Fonseca, Sena & Santos, 2012).

Segundo o mesmo autor, esta situação ocasiona consequências negativas em relação à saúde, entre as quais: a dependência química, doenças sexualmente transmissíveis, lesões por acidentes, gravidez indesejada e morte prematura resultante de suicídio ou homicídio.

Em Moçambique, segundo o relatório sumário da UNICEF (2014), as circunstâncias de miséria que se fizeram sentir no passado no país colocaram mais da metade da população moçambicana abaixo do limiar da pobreza, isto é, em condições de carência extrema,

abandonada e entregue a si mesma. O relatório ressalta ainda que este factor contribuiu de forma significativa para o aumento de crianças vulneráveis a nível do país.

Porém, importa referir que, segundo o Ministério de Género, Criança e da Acção (2019), o número de centros de acolhimento de crianças vulneráveis continua sendo muito pequeno para a demanda e, este facto faz com que muitos centros de acolhimento não tenham capacidade para acolher todas as crianças que se encontram em situação de vulnerabilidade. Além disso, existem registados 168 centros de acolhimento registados em Moçambique, dos quais 98 trabalham em regime fechado. Todos esses centros são de carácter transitórios, ou seja, as crianças são acolhidas até aos 18 anos de idade, a partir da qual deverão seguir o seu próprio caminho, mediante uma orientação adequada (Ibidem).

O carácter disfuncional do sistema familiar também é apontado como sendo uma das principais causas que colocam as crianças na rua. Seguindo a mesma abordagem, o estudo da UNICEF (2014, p. 36) constatou que “as fragilidades dentro da família podem ser uma fonte adicional de vulnerabilidade infantil”, uma vez que a criança é imatura e ainda depende dos mais velhos. Esta situação de falta de acolhimento, e aumento de crianças em situação de vulnerabilidade, mostra a necessidade de criação de mais centros de acolhimento para crianças vulneráveis e a criação de mais ferramentas legais que salvaguardem os direitos e o bem-estar das crianças.

Segundo Minuchin (1990), a família é um sistema aberto em transformação e com estrutura e funções específicas bem como os padrões de interacção bem definidos. Na perspectiva deste autor, a família é vista como um todo onde os membros estão numa relação de interdependência, o problema de um membro afecta toda a família e a hierarquia e a coesão são os pilares básicos para o bom funcionamento do sistema familiar e comunitário.

Giddens (1999; 2004) descreve diferentes tipos de famílias com a sua própria identidade, compostas por membros unidos por laços de sanguinidade, de afectividade ou interesse que convivem por um determinado tempo durante o qual constroem uma história de vida, nomeadamente: a família nuclear, constituída por dois adultos de sexo diferente e os respectivos filhos biológicos ou adoptados.

O modelo do sistema familiar acima descrito é característico de famílias moçambicanas no geral, em particular, das famílias das crianças acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane (CDMM), famílias separadas ou divorciadas, famílias chefiadas por mulheres e famílias com maior número de membros. Segundo o Ministério de Economia e Finanças (MEF),

entre os anos de 2014 e 2015, a incidência da pobreza dos agregados familiares chefiados por mulheres, foi de 47.2% contra 45.5% das famílias chefiadas por homens. Neste sentido, a composição dos sistemas familiares com estas características, provocam uma grande instabilidade no seu funcionamento e, conseqüentemente, contribui para a sua fragilidade (Instituto Nacional de Estatística, 2015).

De acordo com o Relatório da UNICEF (2014), as circunstâncias de miséria e pobreza extrema contribui para o aumento de crianças vulneráveis. O carácter disfuncional do sistema familiar também é apontado como sendo uma das principais causas que colocam as crianças na rua. É neste contexto que se realiza o presente estudo visando compreender o modo como funciona o sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane, um projecto da Paróquia de Mavalane, vocacionada no atendimento de crianças cujas famílias vivem numa situação precária.

O centro funciona em regime aberto e alberga as crianças durante o dia, e, as mesmas regressam à noite para as suas respectivas casas. No centro, as crianças recebem três refeições diárias (pequeno-almoço, almoço e lanche), e são submetidas à actividades educativas e culturais tais como: a dança, a música, a pintura e a práticas artesanais, formação intelectual, curso de informática, e cursos de língua inglesa e francesa.

A instituição está localizada no bairro de Mavalane A, arredores da cidade de Maputo, capital de Moçambique, e está inserida na Escola Comunitária Solidariedade, que é uma escola de orientação cristã, pela natureza da sua função, orientada para um serviço comunitário, sem fins lucrativos. É um centro que acolhe crianças em situação de vulnerabilidade, residentes nos bairros Mavalane A e B, Hulene A e B, Maxaquene, Urbanização, Aeroporto, Polana Caniço e Ferroviário.

Actualmente, o centro é frequentado por 546 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, assistidas por 24 educadores de infância com idades compreendidas entre os 30 e 51 anos, residentes dos bairros Mavalane A, Mavalane B e Hulene B (Relatório de Actividades do Centro Dia Mães de Mavalane, 2019).

1.2 Justificativa e Motivação do Estudo

A definição sobre a vulnerabilidade remete à ideia de fragilidade e de dependência, que se conecta à situação de crianças e adolescentes, principalmente os de menor nível socioeconómico. Devido à fragilidade e dependência dos mais velhos, este público tornase muito submisso ao ambiente físico e social em que se encontra. Em determinadas situações,

o estado de vulnerabilidade pode afectar o desenvolvimento da criança, a saúde mesmo até na ausência da doença.

O panorama moçambicano de crianças em situação de vulnerabilidade, aliado a experiência tida com as crianças do Centro Dia Mães de Mavalane (CDMM), como assistente social fez com que me apercebesse da fragilidade de algumas crianças existentes nesta instituição, o que despertou interesse na pesquisadora em reflectir esta problemática, para poder descobrir os factores causadores desta vulnerabilidade das crianças que frequentam o Centro Dia Mães de Mavalane. Para tal, a pesquisadora achou pertinente estudar o problema tendo em consideração o sistema familiar e comunitário onde estas crianças estão inseridas.

Este artigo justifica-se pela importância de que o profissional de infância (assistente social) possa reflectir acerca da vulnerabilidade e factores de risco que envolvem as crianças e adolescentes.

1.3 Contributo do Estudo

Espera-se que este trabalho venha contribuir no âmbito académico como instrumento de consulta para desenvolvimento de trabalhos ligados a esta problemática, bem como no âmbito social, poderá ajudar o governo na elaboração de políticas educativas que orientem as instituições no processo educativo e formativo das crianças vulneráveis. Espera-se também que traga linhas orientadoras que vão contribuir no processo de acolhimento de criança em situação difícil.

1.4 Definição do Problema de Pesquisa

A vulnerabilidade das crianças é um tema actual e pertinente no contexto moçambicano, principalmente na área da família e das comunidades educativas.

Segundo Marta e Paschoal (2012, p. 233), a família é o lugar onde o indivíduo nasce e se desenvolve, molda a sua personalidade, ao mesmo tempo que faz a sua integração no ambiente social. Portanto, “é na família que o indivíduo encontra conforto e refúgio para a sua sobrevivência”.

Hoje em dia, a vulnerabilidade infantil pode ser também o resultado das grandes transformações sociais que criam instabilidade nos sistemas familiares e comunitários, fragilizando, muitas vezes, os seus vínculos afectivos e o poder decisório. O desvinculo das crianças das suas famílias, quando estas ingressam numa instituição de ensino,

significa uma nova fase da sua vida que implica um processo de socialização e aculturação. E por se encontrarem na fase evolutiva, muitas vezes elas resistem à sua separação do sistema familiar. Os autores como Freud (1923), Ausubel (1958) e Erikson (1974) mostram que a fragilidade do vínculo familiar pode estar associada também à vulnerabilidade das próprias crianças devido a constituição da sua estrutura psíquica.

À luz da experiência e observação tidas no Centro Dia Mães de Mavalane, onde a pesquisadora colabora como Assistente social, verificou que algumas crianças acolhidas neste centro apresentam comportamentos considerados anormais, tais como, a agressividade; ansiedade extrema, um fraco desempenho escolar, timidez e outros comportamentos. É neste sentido que a pesquisadora pretende compreender o funcionamento do sistema familiar e comunitário com as crianças vulneráveis acolhidas no CDMM, no Bairro de Mavalane A.

1.5 Objectivos

Os objectivos deste estudo são de dois níveis: geral e específico.

1.5.1 Objectivo Geral

- Compreender o funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM, no Bairro de Mavalane “A”.

1.5.2 Objectivos Específicos

- Descrever as características do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM;
- Identificar as causas da vulnerabilidade destas crianças;
- Examinar o tipo de interacção existente entre a família e as suas crianças, entre o CDMM e as crianças;
- Analisar o funcionamento do sistema familiar e comunitário em situação de vulnerabilidade;
- Propor estratégias de interacção a nível familiar e a nível comunitário, com base nos resultados da pesquisa, que podem ajudar as famílias e a comunidade educativa a gerir o comportamento desviante dos seus filhos/educandos. Para explorar e aprofundar o tema e alcançar os objectivos fixados, a pesquisadora colocou uma série de questões como indica o parágrafo a seguir.

1.6 Questões de Pesquisa

- Que características apresenta o sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM?
- Quais são as causas da vulnerabilidade destas crianças?
- Como interagem estas crianças com seus pais e com os educadores?
- Que dinâmicas funcionais ou disfuncionais se instauram no seio das famílias e a comunidade educativa CDMM com crianças vulneráveis?
- Que estratégias podem ajudar as famílias e o CDMM a interagir positivamente com os seus membros garantindo-lhes uma educação e formação qualificadas?

1.7 Apresentação Geral da Estrutura da Pesquisa

O estudo está estruturado em cinco capítulos: o capítulo I, que é introdutório, contextualiza o problema a nível nacional e internacional, descreve e define os objectivos de pesquisa, indica as questões de pesquisa que se pretende responder, apresenta a justificação e a motivação do estudo. O capítulo II, é dedicado à revisão da literatura. Nele, definem-se os principais conceitos chave, apresenta-se o quadro teórico de referência sobre o assunto em análise. O capítulo III, é reservado à metodologia, onde se indicam os métodos a serem usados bem como os procedimentos observados na recolha e tratamento de dados. O capítulo IV, apresenta e analisa os dados, explicam-se os resultados do estudo, correlacionando-os com os objectivos e as questões previamente delimitados. O capítulo V, faz referência às conclusões e recomendações, sumariza os aspectos mais salientes discutidos nos capítulos anteriores, clarificando em que medida tais aspectos satisfazem os objectivos e as questões de pesquisa propostos.

CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Conceptualização

Para realizar uma pesquisa, é necessário ter um quadro teórico de referência, uma bibliografia relevante e actualizada, capaz de sustentar o estudo. Por isso, nesta secção, apresenta-se a literatura consultada, os principais conceitos que foram usados ao longo da reflexão e os autores que norteiam a pesquisa. Os conceitos recorrentes neste estudo são: sistema, família, comunidade, sistema familiar, criança, vulnerabilidade, sistema comunitário, centro de acolhimento, quadro legal e estatístico sobre as crianças vulneráveis em Moçambique.

2.1.1 Sistema

De acordo com Minuchin (1990), sistema é qualquer conjunto de elementos unidos e interagindo entre si, influenciando o seu todo. Na mesma perspectiva, Calil (1987) afirma que as acções e comportamentos de um dos elementos influenciam simultaneamente todos os membros do sistema, e este é influenciado pelos comportamentos de todos os outros membros.

Bronfenbrenner (2005), na sua teoria ecológica, aborda sobre os sistemas ecológicos, ambientes nos quais os indivíduos interagem no processo de socialização e aculturação. O desenvolvimento da Teoria Geral de Sistemas está na origem da nova concepção de família como um sistema. Este novo paradigma, também conhecido por ciência da totalidade, foi desenvolvido por este autor a partir de três premissas básicas:

- Que os sistemas existem dentro de outros sistemas;
- Que os sistemas são abertos;
- Que funções dentro de um sistema dependem da sua estrutura (Tosin, 2005). Para Marrengula (2010), a teoria ecológica de Bronfenbrenne (1989) é baseada na fórmula clássica de Kurt Lewin (1935), segundo a qual o comportamento do indivíduo é consequência da relação entre este e o ambiente, que consiste em cinco subsistemas interdependentes: microssistema – mesossistema – exossistema – macrossistema e cronossistema.

O primeiro subsistema (microssistema) refere-se ao ambiente imediato, no qual o indivíduo se desenvolve: a família, a comunidade e a escola. O segundo subsistema (mesossistema) remete a áreas desconhecidas, pois envolve, para além dos ambientes simples, as relações

entre eles. Ele é um elo entre dois contextos de desenvolvimento, dos quais o indivíduo só participa num. O terceiro subsistema (exossistema) considera o facto de que o desenvolvimento humano é profundamente afectado pelos eventos ocorridos em ambientes em que a pessoa nem sequer está presente. O quarto subsistema (macrossistema) remete a padrões culturais abrangentes: as crenças, as ideologias, os sistemas económicos e políticos que afectam indirectamente as pessoas (Marrengula, 2010). Por fim, o cronossistema, que se refere ao contexto de desenvolvimento que toma em consideração aspectos atemporais, às mudanças no seio de convivência do indivíduo: família, sociedade, comunidade, etc.

Para Modin (2005), é fundamental compreender o comportamento de um indivíduo inserido no seu contexto natural - a família - e esta, por sua vez, inserida em contextos sociais e culturais. Logo, é elementar olhar para a família como um sistema que interage com outros sistemas.

Relvas (1996) afirma, a propósito do ciclo vital, que a sua conceptualização dá um contributo valioso para o estudo sistémico e extra-sistémico. Ele focaliza-se na evolução temporal das interacções entre os membros da família e membros não familiares. No percurso vital, todas as famílias estão sujeitas a situações de *stress*, de mudanças e crises, são dinâmicas e evoluem para níveis mais complexos de gestão de suas dificuldades. As famílias que não evoluem nestes moldes, porque são excessivamente abertos ou fechados, podem fragilizar-se e tornar um de seus membros vulnerável.

2.1.2 Família

Andolfi (1981, p. 144) define família como sendo “um sistema de interacção que supera e articula dentro dela, os vários componentes individuais”. O autor defende ainda que a família é um sistema entre sistemas e que é essencial explorar as relações interpessoais e as normas que regulam a vida dos grupos significativos a que o indivíduo pertence, para se compreender o comportamento dos membros e formular intervenções eficazes.

Coelho et al. (2012) citando Minuchin (1990), afirmam que a família é um grupo social natural, que governa as respostas de seus membros aos *inputs e output*, de dentro e de fora. Sua organização e estrutura peneiram e qualificam as experiências dos seus membros. Estes autores acrescentam que família é um sistema aberto e, considera-a como um todo em que as partes estão relacionadas, constituindo uma unidade organizada por padrões de relações recorrentes e previsíveis, indo além do indivíduo, e estabelecendo conexões com o contexto social específico: vizinhança, instituições e comunidade.

Destas definições, conclui-se que a visão sistémica de família preconiza a relação entre o indivíduo e os demais membros, na qual o indivíduo influencia e sofre influência do ambiente. Adicionalmente, esses autores olham para a família como uma unidade relacional, visto que a interacção entre seus membros produz sinergia, isto é, o resultado desta interacção é maior e mais complexo que o somatório das partes que a compõem. A situação das crianças acolhidas pelo Centro Dia Mães de Mavalane (CDMM) deve ser considerada na sua relação com os demais membros do sistema familiar. Afinal, a acção de cada um dos membros, segundo a visão sistémica, pode exercer influência no sistema.

Em África, a organização e funcionamento do sistema familiar apresenta algumas especificidades caracterizadas por factores culturais e sociais. Na visão ocidental, o modelo da estrutura familiar apresenta como elementos principais o pai, a mãe e os filhos, enquanto na visão africana, o modelo de família pode incluir mais membros: tios, avôs, netos, etc. Segundo Mwaura, et. al (2015), em África, a família é a unidade social de base, fundada na parentela, no matrimónio e na adopção, assim como sobre outros aspectos relacionais. A família normalmente é patriarcal, matrilinear, patrilinear, multilocal, multigeracional, multiétnica e multirreligiosa.

De acordo com Chacachama et al. (1999), a família africana é tipicamente alargada, inclui todos os familiares e todos os que, por amizade, solidariedade, ou outras situações fortuitas, se juntam à família.

2.1.3 Sistema Familiar

Os subsistemas familiares podem ser compreendidos como um reagrupamento de membros do sistema geral, no qual é estabelecida uma intercomunicação diferente daquela utilizada no sistema principal (Ríos-González, 2003). Nesse reagrupamento, as díades ou os grupos se organizam segundo distintas variáveis, tais como geração, sexo, papel ou função, interesses comuns, entre outros (Nichols & Schwartz, 2007).

Segundo Minuchin (1974), o sistema familiar define-se em função dos limites da composição e do tipo de relacionamento numa organização hierárquica caracterizada pela interdependência. Esta organização permite que todos os membros que a compõem, trabalhem para a resolução do problema e para manter o equilíbrio dentro do sistema familiar. Na sua composição, a família integra em si quatro subsistemas: parental, conjugal, filial e fraternal.

2.1.3.1 Subsistema Parental

Segundo Minuchin (1982), o subsistema parental é o subconjunto da família derivado do subsistema conjugal, que surge a partir da chegada do primeiro filho e as consequentes incorporações de papéis de pai e mãe. Estes papéis estão ligados à identidade pessoal, social e psicossocial de cada indivíduo (Osório, 2002). Para Minuchin (1982), o subsistema parental é um laboratório de formação social para os filhos, uma vez que os mesmos precisam aprender a negociar condições de poder em situação de desigualdade. Logo, a principal tarefa do subsistema parental está voltada para o desenvolvimento da socialização dos filhos, sem perder de vista o apoio mútuo que deve seguir operando no subsistema conjugal e os factores externos ao processo de socialização. Deve -se levar em conta que o desenvolvimento desse subsistema evolui de acordo com as fases do ciclo vital da família.

O subsistema parental é composto por pais que são responsáveis pela educação dos demais membros familiares e exercem funções administrativas e pedagógicas (Minuchin, 1982).

2.1.3.2 Subsistema Conjugal

O subsistema conjugal é formado por duas pessoas adultas unidas entre si por laços afectivos e tem como característica principal a constituição de um par que se une com a finalidade de constituir seu próprio sistema familiar (Minuchin, 1982).

O subsistema conjugal é constituído pelo marido e a esposa, que têm como papéis reprodução das gerações e a satisfação das suas necessidades psicoafectivas e sociais (Alarcão, 2006).

2.1.3.3 Subsistema Filial

O subsistema filial pode ser compreendido como um grupo constituído por membros duma família que estabelecem vínculos afectivos, de consanguinidade, políticos, entre outros, o que é também designado por subsistema fraterno (Ríos-González, 2003). A configuração do subsistema fraterno está definida como sendo formada pelos irmãos, todos os filhos e filhas de um casal (Minuchin, 1982). Este subsistema integra filhos na sua relação com os pais, cuja sua tarefa principal é zelar pelo seu desenvolvimento, através da sua participação nas actividades educativas e formativas. Colaborar com os pais para a eficácia deste processo e o de socialização (Ríos-González, 2003).

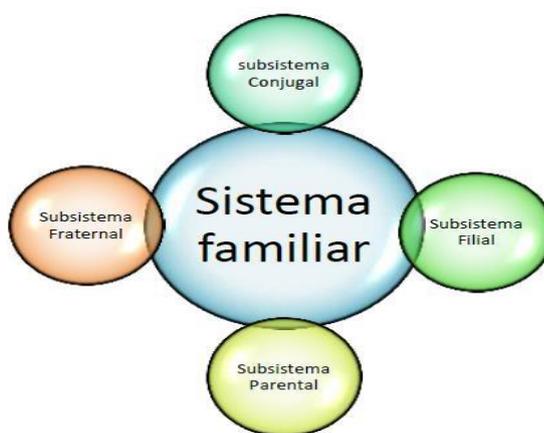
2.1.3.4 Subsistema Fraternal

Este é o espaço considerado como o primeiro laboratório social em que as crianças podem experimentar relações com seus iguais e, posteriormente, utilizarem- se desse conhecimento nas relações interpessoais fora do sistema familiar. A partir dessas

interacções, as crianças desenvolvem capacidades para fazer amigos e aliados, negociar, cooperar, competir, ter prestígio e o reconhecimento de suas habilidades, preparando-se para as relações sociais que irão vivenciar fora do âmbito familiar (Minuchin, 1982; Silveira, 2002). De acordo com Ríos-González (2003), o subsistema fraterno é uma entidade própria dentro do sistema familiar e pode se reconfigurar conforme o número de seus componentes e os tipos de relações estabelecidas entre eles. Uma característica própria desse subsistema é a formação de pequenos subconjuntos, que surgem de acordo com a idade, sexo ou afinidades em termos de características de personalidade, fato já menos frequente frente à redução do tamanho das famílias atuais.

Na perspectiva de Minuchin (2006), o subsistema fraternal é composto pelos irmãos numa relação recíproca entre eles, onde constroem suas relações de irmandade e passam pelo primeiro estágio de socialização, de amizade e de cooperatividade, dentro do sistema familiar. A figura que segue ilustra a composição do sistema familiar.

Figura 1: Subsistemas do Sistema Familiar



Fonte: Dias (2000)

O presente esquema traduz a representação da estrutura familiar, na sua forma de organização e inter-relação entre os subsistemas. A coesão do sistema familiar depende da comunicação e do relacionamento destes subsistemas. Além disso, a relação e comunicação entre os subsistemas proporciona o ajustamento das diferentes partes que o constituem a adaptação do sistema ao meio ambiente e a delimitação das suas fronteiras em relação aos outros sistemas macro, eso e meso (Alarcão, 2006).

2.1.4 Criança

Segundo a Lei nº 7/2008, de 9 de Julho, Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança, o termo criança refere-se à categoria social de indivíduos que têm idade inferior a 18 anos. Este aspecto espelha a Convenção dos Direitos da Criança, adoptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas a 20 de Novembro de 1989, que afirma que “(...) criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”. Moçambique enquadra-se entre os países que consideram crianças, os que são menores de dezoito anos de idade, sendo-lhes aplicável, o previsto na Convenção dos Direitos da Criança acima referido. Já no campo da Psicologia, o conceito de criança designa o Ser humano que se encontra na infância, uma fase de desenvolvimento que (...) se situa entre o nascimento e a maturidade, entre o nascimento e a puberdade ou ainda entre a emergência da linguagem e a puberdade (Dicionário de Psicologia, 2009, p. 193).

2.1.5 Vulnerabilidade

De acordo com Depicoli et al. (2015), o conceito de vulnerabilidade é muito abordado em toda a literatura que trata da questão da criança e do adolescente considerados em situação de “risco pessoal e social”. Os grupos vulneráveis são o conjunto de indivíduos pertencentes a uma minoria que, por motivos diversos, não tem acesso à participação ou oportunidade igual de bens e serviços universais disponíveis na comunidade: os idosos, as crianças, as mulheres e as pessoas portadoras de deficiência (Marta & Paschoal, 2012).

De forma análoga, Cançado et al. (2014) consideram que, para compreender a vulnerabilidade nos seres humanos, é necessário considerar elementos dinâmicos e estruturais que perpassam a oferta de oportunidades. O acesso a oportunidades é desigual em função do contexto histórico, social, económico e político da sociedade.

No sentido social, familiar ou da comunidade, a vulnerabilidade é entendida como uma conjugação de factores que pode afectar o nível de bem-estar das pessoas, famílias ou comunidades e que resulta em uma exposição maior ao risco (Macedo & Kublikowski, 2009, p. 692).

Consideram-se crianças vulneráveis, aquelas que vivem em agregados familiares abaixo da linha de pobreza, desfavorecidas ou que sofrem qualquer forma de negligência ou de abuso (Waterhouse, 2010). O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o

Ministério da Mulher e da Acção Social de Moçambique (MMAS), definem o conceito de criança vulnerável como sendo:

Crianças afectadas ou infectadas pelo *Human Immuno deficiency Virus* / Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; (HIV/SIDA); crianças vivendo em agregados familiares chefiados por outras crianças, por outros jovens, por mulheres ou adultos idosos; crianças vivendo em agregados familiares chefiados por um adulto idoso ou afectado por doença crónica; crianças vivendo na rua ou em instituições (orfanatos, prisões, instituições de saúde mental); crianças a contarem com a lei por causa de pequenos crimes (UNICEF, 2014, p. 2).

Para Fox et al. (2008), a vulnerabilidade refere-se, portanto, a um estado de precariedade e insegurança em relação às condições de vida e aos meios de subsistência. Nestas situações, a probabilidade de os agregados permanecerem ou retornarem à situação de pobreza é enorme.

No Dicionário de Psicologia (2001), a vulnerabilidade é considerada uma expressão clínica e epidemiológica. Refere-se aos desequilíbrios que perturbam o desenvolvimento e o funcionamento afectivo, intelectual e relacional do indivíduo.

2.1.6. Sistema Comunitário

Weber (1973, p. 140-143), para quem a comunidade é um conceito amplo que abrange situações heterogéneas, mas que, ao mesmo tempo, apoia-se em fundamentos afectivos, emotivos e tradicionais. A comunidade “uma relação social quando a atitude na acção social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjectivo (afectivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”. Weber (1973, p. 140).

Ao discutir as formas de organização social na sociedade contemporânea, Marcos Palácios (2001, p. 4) defende que alguns elementos fundamentais caracterizam uma comunidade na actualidade: a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos.

A abordagem do Sistema Comunitário tem origem nas bases teóricas da abordagem Sistémica da Família (Minuchin, 1984). O sistema comunitário tem como objectivo enfrentar as diferentes formas de exclusão e as problemáticas da comunidade, no resgate

da dignidade e da cidadania, através do fortalecimento da identidade, do relacionamento da auto-estima e da promoção da vida. Oferece um espaço de acolhimento e escuta, além de proporcionar uma série de actividades terapêuticas às pessoas aos grupos e instituições atendidos. Assim, todas as actividades e acções desenvolvidas pela comunidade se constituem numa perspectiva biopsicossocial e espiritual, onde o individuo é visto como um todo, integrando as várias dimensões do seu ser humano.

2.1.7. Centro de Acolhimento

Segundo o Decreto nº 278/2010, Regulamento dos Infantários e Centros de Acolhimento à Criança em Situação Difícil, do Conselho de Ministros, centro de acolhimento é um espaço físico reservado a abrigar e proteger pessoas em situação de vulnerabilidade e órfãos. Neste sentido, podemos afirmar que o centro de acolhimento é o lugar projectado para atender às necessidades das crianças em situação de risco, devendo assegurar o acolhimento imediato e absolutamente transitório destas em situações difíceis, por causa do abandono, maus-tratos, negligência ou outros factores que comprometam a sua integridade física e psicológica, num ambiente o mais próximo possível do familiar.

De acordo com o decreto acima citado, em Moçambique, os centros de acolhimento funcionam nos seguintes moldes:

- Regime fechado, correspondente ao regime de internamento;
- Regime aberto, que permite o regresso das crianças a suas residências familiares;
- Regime misto, que acolhe crianças para internamento e crianças para ficarem a tempo parcial.

Destes regimes apresentados, o CDMM funciona em regime aberto, pois as crianças acolhidas regressam a suas casas, no fim de cada dia.

2.1.8. Quadro Legal Sobre as Crianças Vulneráveis em Moçambique

Existe, em Moçambique, uma conjuntura legal que salvaguarda os direitos das crianças em situação de vulnerabilidade.

Segundo o Fundo de Desenvolvimento Comunitário (2009), no seu Projecto de Promoção dos Direitos da Criança, Moçambique aprovou, em 2008, três instrumentos legais importantes a favor da protecção da criança: a Lei de Prevenção e Combate ao Tráfico de Pessoas; a Lei da Organização Tutelar de Menores e a Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança. Nesta pesquisa, a lei de maior interesse é a última, por destinar-se às crianças.

De acordo com o Artigo 7 da Lei nº 7/2008, de 9 de Julho:

(...) é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Estado assegurar à criança, com absoluta prioridade, a efectivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à segurança alimentar, à educação, ao desporto, ao lazer, ao trabalho, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Portanto, as crianças devem ser protegidas não só pelo sistema familiar, como também pelo sistema comunitário e social. Para o caso dos centros de acolhimento de crianças em situação de vulnerabilidade, que surgem para complementar os deveres das famílias sobre as crianças, a Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança (Lei nº 7/2008 de 9 de Julho, Artigo 70) aponta alguns princípios orientadores de atendimento e acolhimento da criança, que são:

- Preservar, sempre que possível, vínculos e relações familiares, o nome, a nacionalidade e a identidade sociocultural;
- Assegurar a não separação dos irmãos;
- Garantir a existência de actividades educativas, culturais e de lazer;
- Evitar a transferência para as outras instituições de acolhimento;
- Assegurar a preparação da criança para uma vida independente e autossustentável;
- Promover o envolvimento da comunidade nas acções de atendimento;
- Assegurar a participação da criança na vida da comunidade local.

Das obrigações fundamentais das instituições de acolhimento em relação às crianças, preconizadas no Artigo 75 da Lei nº 7/2008, de 9 de Julho, destacam-se as seguintes:

- Oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança e os objectos necessários a higiene pessoal;
- Oferecer vestuário e alimentação suficientes e adequados à faixa etária dos atendidos;
- Oferecer cuidados médicos, psicológicos, medicamentosos;
- Propiciar escolarização e profissionalização.

2.1.9. Quadro Estatístico Sobre as Crianças Vulneráveis em Moçambique

De acordo com a pesquisa “Situação das Crianças em Moçambique” apresentada pela UNICEF (2014), Moçambique possuía doze milhões de crianças, correspondentes a 52% da população. Segundo o último censo populacional realizado e apresentado pelo INE (2015), o número de crianças no país subiu para catorze milhões, correspondentes a 54% da população. Portanto, estes resultados mostram que as crianças são a maior parte da

população do país. Infelizmente, parte destas crianças vive abrigada em centros de acolhimento por se encontrarem em situação de vulnerabilidade.

Em 2012, estimava-se que mais de 8 mil crianças viviam em centros de acolhimento (UNICEF, 2014). Entre os aspectos apontados como factores que levam as crianças aos centros de acolhimento, destacam-se: a pobreza e a orfandade. Importa destacar que neste mesmo ano, estimava-se a existência de cerca de 670000 órfãos no grupo etário 0-17 anos, representando 6% deste grupo etário (Ministério da Educação e Cultura, 2012). Entretanto, segundo Instituto Nacional de Estatística (2017), este número subiu para 2.322.299 crianças órfãs correspondente a 16.2 %.

Ao que tudo indica, a população moçambicana só vem aumentando com o passar dos anos, incluindo o número de crianças. Por causa disto, os dados estatísticos mostram que o número de crianças vulneráveis também vem ampliando, o que constitui desafios para os centros de acolhimento destas crianças e, também, para os investigadores das áreas das Ciências Sociais e Humanas, na busca de respostas para a minimização e resolução desta situação difícil.

Segundo o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (2015), embora o ensino primário seja gratuito, isto é, os alunos não pagam as propinas nem os livros escolares, muitas crianças desistem de frequentar a escola por causa dos níveis de pobreza em que os seus sistemas familiares se encontram,

(...) cujos pontos mais salientes se manifestam na subnutrição infantil, na fome, na falta de roupa (uniforme, calçado e outras questões), na necessidade de apoiar a família nos trabalhos caseiros para aumentar a renda e na entrada no mundo de trabalho demasiado cedo.

Destas crianças que desistem de frequentar a escola pública, algumas são alocadas para os centros de acolhimento pelas famílias, com vista ao aproveitamento das propinas, de alimentação e materiais escolares gratuitos, que são oferecidos por estas instituições.

Ainda de acordo com o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (2015), mais de 50% da população moçambicana vive abaixo da linha de pobreza. Esta situação exige intervenção do sector da educação para mitigar o impacto negativo da pobreza, mas também da sociedade como um todo, inclusive a comunidade científica.

2.2 Enquadramento Teórico

Tendo em consideração a complexidade do tema em discussão, achou-se pertinente tomar em consideração três teorias que serão usadas para uma melhor compreensão do tema,

designadamente: a teoria psicodinâmica, teoria cognitiva comportamental e a teoria sistémica.

2.2.1 Teoria Psicodinâmica

A teoria psicodinâmica é constituída por várias teorias psicológicas que se dedicam no estudo e compreensão das forças e impulsos que actuam no ser humano. É neste sentido que ela se relaciona com este estudo porque as crianças em idade evolutiva, muitas vezes são governadas por impulsos instituais que leva a emitir comportamentos inadequado que provocam mal-estar no seio familiar e comunitário, provocando assim, um desequilíbrio no seu funcionamento. O precursor da teoria psicodinâmica foi Sigmund Freud que, entre os anos de 1890 e 1930, formulou a teoria psicológica como resultado de observação de seus pacientes que apresentavam sintomas psicológicos sem relação com aspectos biológicos e, cujo combate com esforços consciente se afiguraram ineficazes (Mitchell & Black, 1995).

Assim sendo, esses sintomas foram considerados resultado da vontade inconsciente, que Freud chamou de “psicodinâmica”. Nelas estão incluídas as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud ou outras nelas inspiradas, tais como: a teoria de Anna Freud e a de Erik Erikson.

Adler, por exemplo, contribuiu com a noção de que o sentimento de inferioridade percebido pelo indivíduo é a causa da neurose. Ele considerou que esses sentimentos de inferioridade eram causados por perturbações no relacionamento com os familiares e dinâmicas familiares disfuncionais que faziam com que a criança se sentisse rejeitada pela família. A ênfase de Adler na influência de factores culturais e sociais, foi posteriormente incorporada nas obras de Karen Horney, Harry Stack Sullivan e Erich Fromm (Mitchell & Black, 1995).

De acordo com Féres-Carneiro (1996), os modelos psicodinâmicos são da autoria dos neo-freudianos e baseiam-se nos trabalhos de Freud. Eles são chamados psicodinâmicos porque a teoria subjacente sustenta que o comportamento é o resultado de uma série de movimentos e interacções que ocorrem na mente do indivíduo são resultado da interacção com o contexto e situações de vida. A sua mente e o seu comportamento influenciam e são influenciados pelo ambiente em que o sujeito coabita.

As abordagens psicodinâmicas consideram que os sintomas apresentados pelo indivíduo, no seu contexto de vida, devem-se às experiências passadas que foram interiorizadas inconscientemente (Féres-Carneiro, 1996).

Nesta perspectiva da psicodinâmica, Mansinho (2001) enfatiza que os papéis familiares são definidos para atender as demandas intrapsíquicas de cada membro de uma determinada família ou comunidade. Esses papéis familiares fazem com que os seus membros busquem formas de solucionar conflitos, de se complementarem de maneira eficaz e prover apoio aos novos níveis de identificação. A família enfraquece quando fracassa no cumprimento de suas funções essenciais (Bowlby, 1971; 1989).

2.2.1.1 Teoria Psicosexual e Estrutural de Freud

Sigmund Freud continua sendo um representante máximo da psicanálise e a sua pesquisa incidiu sobre teorias do desenvolvimento humano, a partir de uma perspectiva intra individual, isto é, focalizando-se nas características individuais do paciente. Freud estudou o desenvolvimento humano em cinco fases: fase oral, a fase anal, fase genital, fase de latência e a fase de puberdade. Segundo Freud (1979), o comportamento posterior que o indivíduo viesse a apresentar, só seria entendido se se tomasse em consideração as fases de organização provisória do seu desenvolvimento psicosexual.

Na fase pré-genital, o indivíduo passa por três sub-fases: fase oral, anal e fálica. A fase oral vai desde o nascimento até ao desmame. Nesta fase, toda a energia sexual da criança encontra-se concentrada na língua e nos lábios, uma vez que o prazer está ligado à actividade de se alimentar. A seguir, o prazer passa à fase anal, onde o acto de defecar ou reter as fezes, gera prazer sexual na criança. Por fim, a criança entra na fase fálica, por volta dos quatro anos em média, quando se dá conta da existência do seu órgão sexual. Na fase da latência, marcada por restrições da sua vida sexual e de fantasias, esta passa a dedicar-se mais nas actividades socioculturais (Freud, 1979).

Segue a fase adulta ou genital, em que as pulsões sexuais ressurgem por causa do desenvolvimento biológico das hormonas. Esta fase atinge o seu ápice aos dezoito anos de idade. Assim, podemos concluir que as crianças acolhidas no CDMM, seleccionadas para esta pesquisa, encontram-se na fase adulta do seu desenvolvimento psicosexual, segundo o modelo de Freud. Embora Freud se tenha focalizado no aspecto psicosexual do desenvolvimento humano, a sua visão foi completada por Anna Freud e Melani Klein, que vamos discutir mais adiante.

Outra importante teoria desenvolvida por Freud é a teoria estrutural da psique humana. Segundo esta teoria, o homem possui três instâncias psíquicas: id, ego e superego. O *id*, é a realidade psíquica que representa o mundo interno da experiência subjectiva, esta instância não tem conhecimento da realidade subjectiva, é constituída pelos impulsos instituais e age segundo o princípio do prazer e a todo o custo quer satisfação dos seus desejos e vontades.

O *Ego* é a instância psíquica que conhece a realidade subjectiva da mente, sabe distinguir as coisas da mente e a sua função é mediar as exigências do id e do superego, que é responsável por mediar e controlar o prazer e a realidade. Quanto mais fortalecido for a estrutura egóica do indivíduo, mais madura é. Pelo contrário, quando menos fortalecido for o seu *Ego*, sendo dominado pelo *id*, mais vulnerável e imaturo a pessoa se torna.

O *Super Ego* é a instância psíquica consciente e inconsciente movido pelo princípio da moral e da realidade. Neste sentido, é a instância responsável em recriminar e reprimir as pulsões e desejos que despontam a partir do *id* e é caracterizada pela interiorização dos valores, das normas e ideais da sociedade.

2.2.1.2 Teoria de Desenvolvimento Humano de Anna Freud e Melanie Klein

Ana Freud e Melanie Klein foram as pioneiras e eminentes psicanalistas de crianças. Suas teorias destacam-se por considerar a análise do desenvolvimento da criança na sua integração social.

Segundo Freud (1979), as crianças nesta fase apresentam um comportamento em relação a outras pessoas um tanto turbulento, irrefletido e internamente muito sensíveis. Os seus estados de espírito são tão contraditórios, que variam entre o optimismo leviano e o mais sombrio pessimismo. Ou seja, é uma fase em que o *id* é mais vigoroso, enquanto o *Ego* se mostra fraco e debilitado, por ainda estar no processo da sua formação e consolidação.

Portanto, as crianças, no início da fase de puberdade, têm os seus desejos primários a agir com muita intensidade, enquanto o seu *Ego* ainda não é forte para reprimir na totalidade as pulsões advindas do seu *id*. Contudo, as suas relações com a realidade da vida é com o ambiente externo ajudam-nas a fortificar o seu *Ego* no combate dos desejos do seu *id* socialmente não aceites. Neste sentido, de acordo com Freud (1979), nesta situação de conflito, quando o *Ego* da criança se coloca do lado das influências externas, diz-se que a criança é “boa”. Se ficar do lado do *Id* e luta contra as restrições impostas, a gratificação pulsional pela educação é “má”.

Quando na fase da puberdade, estas muitas vezes reprimem os desejos primários do *id* de forma revoltosa porque as regras de convivência social, contrariam, às vezes, os seus impulsos e não são vistas como boas. No fim de sua fase puberal, o *ego* da criança tornase rígida e consolidada e alia-se ao superego, que por sua vez, actua como seu regulador moral e ético.

Melanie Klein, psicanalista e autora da pesquisa sobre as relações objectuais na díade Mãe-Filho, pesquisou o desenvolvimento emocional das crianças referente à exploração das fases mais primitivas da vida mental, que se caracteriza pela relação com o objecto, pela noção de mundo interno da criança, pela fantasia inconsciente e por mecanismos mentais de defesa. No seu livro “Inveja e Gratidão”, Melanie Klein destaca que o *Ego* está presente na psique da criança desde a sua nascença, embora de maneira rudimentar. O *Ego* é a instância responsável por desencadear uma série de mecanismos de defesa contra as pulsões destrutivas que aparecem na criança. Neste sentido, Klein refere-se à primeira relação com o objecto que a criança tem com a mãe. Nesta fase, a criança experimenta a sensação de angústia porque, segundo Klein (1986, p. 217), supõe-se “que

há sempre uma interacção, embora em várias proporções, dos impulsos libidinais e agressivos, correspondendo à fusão dos instintos de vida e de morte”.

A prática clínica de Melanie Klein privilegia mais a perspectiva de uma relação do paciente com o objecto externo em detrimento da teoria das pulsões. Em termos práticos, consistiria na análise dos comportamentos psicodinâmicos e emocionais da criança em relação ao seu objecto externo: sistema familiar e comunitário, do que em relação à sua dimensão pulsional.

2.2.1.3 Teoria Psicossocial de Erikson

Erikson (1974) apresenta o desenvolvimento humano como conjunto de responsabilidades evolutivas a realizar. De acordo com o autor, a cada uma das oito fases do desenvolvimento do ser humano corresponde a um movimento de mudança e de reorganização da personalidade, pois qualquer coisa que cresce tem um plano de base donde provêm as partes e cada parte tem o seu período particular de evolução, até que todas as partes venham a formar um conjunto funcional.

De acordo com Kaplan, Sadok e Grebb (1997), as fases de desenvolvimento do ser humano são citadas no Portal da educação:

- Confiança básica versus desconfiança básica, ou confiança versus desconfiança – do nascimento até cerca de 1 ano de idade;
- Autonomia versus vergonha e dúvida, de 1 a 3 anos de idade;
- Iniciativa versus culpa, dos 3 aos 5 anos;
- Indústria versus inferioridade, dos 6 aos 11 anos;
- Identidade versus difusão de papel, dos 11 aos 20 anos de idade;
- Identidade versus Auto absorção ou isolamento, que é dos 21 aos 40 anos;
- Geratividade versus estagnação, dos 40 aos 65 anos;
- Integridade versus desespero, ocorre na terceira idade.

O primeiro estágio de desenvolvimento é caracterizado pela confiança contra a desconfiança, fruto das primeiras experiências de interacção com os seus parentes. Erikson focalizou as suas teorias no problema da identidade e das crises do ego. Enquanto Freud se focalizava mais numa teoria psicosexual do desenvolvimento humano, Erikson partiu dessa concepção e desenvolveu uma teoria psicossocial, considerando o ser humano como um ser por excelência social. Para tal, optou por distribuir o

desenvolvimento psicossocial do homem em fases. Segundo Rabello e Passos (2001), o modelo de Erikson apresenta as seguintes características:

- Desvio do foco fundamental da sexualidade (Freud) para as relações sociais;
- Cada etapa, o indivíduo cresce a partir das exigências internas de seu ego, mas também das exigências do meio em que vive, sendo, portanto, essencial a análise da cultura e da sociedade em que vive o sujeito em questão;
- O estágio do ego passa por uma crise (que dá nome ao estágio). Esta crise pode ter um desfecho positivo (ritualização) ou negativo (ritualismo);
- A personalidade vai se reestruturando e se reformulando de acordo com as experiências vividas, enquanto o ego vai se adaptando a seus sucessos e fracassos em cada crise.

Erikson desenvolveu alguns estágios do ciclo vital pelos quais o ser humano passa e o seu ego sofre algumas crises. Estes estágios partem da infância inicial até à fase idosa e são importantes para percebermos em que fase se encontram as crianças acolhidas no CDMM e como elas se comportam e constroem a sua personalidade à luz da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson. Vejamos resumidamente alguns destes estágios.

2.2.1.3.1 Confiança Básica e Desconfiança Básica

Na teoria de Erikson, esta é a fase da infância inicial, que na perspectiva de Freud corresponde a fase oral. Segundo Erikson (1976), nesta fase, a criança tem a sua primeira interacção social com aquele que lhe dá segurança, conforto e protecção: a mãe. Esta transmite à criança a sensação de que não está abandonada à sua sorte no mundo. Quando a mãe se ausenta, a criança desenvolve a sua primeira sensação de *esperança*, de que a sua mãe deverá/poderá regressar. Quando a mãe regressa, correspondendo às expectativas do bebé, aí que surge nela a *confiança básica* e a sensação de que o mundo é bom. Quando ocorre o contrário, surge a *desconfiança básica*, o sentimento de que o mundo é mau e ingrato. Portanto, regista-se, nesta fase, a primeira formação de personalidade (Ibidem).

2.2.1.3.2 Autonomia, Vergonha e Dúvida

Esta é a fase em que a criança, segundo Erikson, começa a observar que todas as suas acções devem obedecer a um conjunto de regras predefinidas, que há um controle social que apresenta quais são as suas limitações, obrigações e privilégios. Entretanto, de acordo com Rabello e Passos (2001), muitos pais fazem uso da vergonha, ou seja, usam uma

certa dose de autoritarismo para fazerem as crianças se sentirem envergonhadas e aprenderem algumas dessas regras – como a de ir ao banheiro – embora também encorajem a criança para dar o nível certo de autonomia. Contudo, quando a criança é exposta frequentemente a situações de vergonha, pode desenvolver o descaramento ou dissimulação como estratégia de autodefesa ou pode desenvolver sentimento de dúvida em relação as suas capacidades e potencialidades.

2.2.1.3.3 Iniciativa e Culpa

Após a criança conquistar a *confiança* na primeira fase e a *autonomia* na segunda, nesta fase, a criança associa àqueles valores a *iniciativa*. Segundo Erikson (1987), a combinação confiança-autonomia oferece à criança um sentimento de determinação, o que pode levar à iniciativa. A submissão da criança à alfabetização dá-lhe um crescimento intelectual necessário para apurar sua capacidade de planeamento e realização. Logo, nesta fase, a criança começa a tomar decisões, assumir algumas responsabilidades caseiras – limpar a casa, etc. – buscar objectivos. Entretanto, quando começa a perceber que alguns desses objectivos que busca são impossíveis de alcançar ou não são aceites socialmente, a criança sente-se culpada. E para contornar essa situação, muitas vezes as crianças fantasiam outras personalidades (Erikson, 1987).

2.2.1.3.4 Diligência e Inferioridade

No modelo de Erikson, esta fase é marcada pelo contacto da criança com o meio de convívio mais amplo que o familiar: a escola e a comunidade. Esta é, decerto, a fase em que se encontra a nossa população de estudo, as crianças do CDMM. Nesta fase, segundo Erikson, as crianças começam a interessar-se pelo mundo do trabalho, pois dali vem a competência. É nesta fase em que a criança já sabe responder à questão sobre o que gostaria de ser no futuro. Todavia, o senso de inferioridade aparece na criança quando as actividades que pratica são repetitivas e sem sentido algum para ela, o que empobrece sua personalidade e Ego.

2.2.1.3.5 Identidade e Confusão de identidade

Esta fase aparece como continuação da fase anterior. Por isso que o adolescente começa a seleccionar o grupo com que melhor se identifica, as amizades, e começa a ter um envolvimento ideológico com grupos políticos, religiosos ou filosóficos. Portanto, a preocupação permanente do adolescente em identificar o seu papel social pode-lhe criar confusão de identidade, porque o adolescente dá atenção a opiniões alheias e isso faz com

que vá reformulando a sua identidade, personalidade, comportamentos e atitudes. Por isso, esta fase é vista como de muita conturbação, agitação, insegurança, mudanças bruscas de temperamento, etc.

Portanto, as crianças do CDMM devem ser entendidas e consideradas a partir destas duas últimas fases da Teoria Psicossocial de Erikson. São crianças e adolescentes que se encontram numa fase de conhecerem-se a si próprios e de identificarem-se com grupos comunitários e sociais. Quando a criança se encontra em situação de vulnerabilidade, a travessia por esta fase pode deixar sequelas psíquicas na criança, uma vez que já se encontra em desvantagem social em relação aos outros. Por isso, mais uma vez, é importante estudar e dar um acompanhamento a estas crianças.

Ausebel (1954) olha o indivíduo no seu desenvolvimento humano como resultado dum processo de interação contínua entre a estrutura pessoal e a experiência social. O Ego desenvolve-se a partir das relações entre os pais e as crianças, neste sentido, a ideia de *status* biossocial é de uma importância maior porque determina o modo como a criança age na sua relação com os outros, em termos de autocontrolo e conhecimento. Este autor analisa o desenvolvimento da personalidade em função dos factores ambientais, culturais e pessoais e, também, diferencia no seu padrão de desenvolvimento humano em fases de crescimento que podem ser caracterizadas por períodos de transição ou de crise seguidos pela desorientação e pela aflição.

As dificuldades com que se podem deparar em tais fases podem ser influenciadas pelo carácter repetitivo da mudança e pela sua duração. As mudanças que ocorrem nas estruturas da personalidade são determinadas pela pressão do ambiente social e pelas transições que se dão no próprio indivíduo. Este teórico aponta duas etapas normais do desenvolvimento duma personalidade saudável e harmoniosa (Pinheiro, 2014).

A primeira fase que é de Satelização, as crianças ainda estão sob controlo de seus pais e encarregados de educação, como tal, têm o acompanhamento dos pais. Na segunda fase, que é a Desaterização, as crianças são responsáveis por si, e são capazes de discernir o que é bom e o que é mau (Ausebel, 1954)

De acordo com Ausebel (1954), o enfraquecimento das fases acima apontadas apresenta riscos graves para a saúde mental, estas fases são caracterizadas pelo elevado desenvolvimento de habilidades que facilitam o exercício da liberdade e da responsabilidade, a busca do estado de adulto que se manifesta através da atitude e da

conduta. No entanto, a satirização, a Dezateliação e a Resateliação são estágios fundamentais para a maturidade e identidade pessoal e social do indivíduo. A interação com os outros, por exemplo, pais, amigos ou pessoas próximas é feita através de atitude e valores baseando-se em ideias próprias do sujeito, isto é, a valorização em si, a aceitação e a aprovação, o que cria um bem-estar no indivíduo, mas quando ocorre de forma contrária, no futuro notar-se-á certas patologias, consoante o tipo de frustração e conflito que o indivíduo teve na sua relação consigo e com o ambiente (Pinheiro, 2014).

2.3 Teoria Cognitivo – Comportamental

A Teoria Cognitivo – Comportamental – TCC é uma abordagem de senso comum que se baseia em dois princípios centrais:

- As nossas cognições têm uma influência controladora sobre nossas emoções e comportamento;
- O modo como agimos ou nos comportamos pode afectar profundamente nossos padrões de pensamento e nossas emoções. Esta teoria parte do pressuposto de que sintomas verificados no comportamento de um indivíduo podem ter origem em suas forças cognitivas, e inversamente, que a configuração cognitiva do indivíduo é fortemente influenciada pelo seu comportamento e emoção (Jesse et al., 2000).

Segundo Bandura (1993), autor da teoria Cognitivo-comportamental, a componente cognitiva determina a forma como o ser humano age e se comporta. Este autor afirma ainda que o comportamento humano ocorre no nível cognitivo.

À medida que a terapia comportamental se expandia, vários investigadores proeminentes, como Meichenbaum (1977), começaram a incorporar as teorias e estratégias cognitivas nos seus tratamentos. Observaram que a perspectiva cognitiva acrescentava contexto, profundidade e entendimento às intervenções comportamentais. Por isso, a TCC ficou conceitualizada como sendo um relacionamento estreito entre cognição e comportamento.

Assim, o uso desta teoria, nesta pesquisa, é fundamental para, por um lado, compreender as atitudes e os comportamentos da criança vulnerável, influenciados pelo meio ambiente em que se encontra e, por outro, a TCC serve para explorar a cognição da criança: sua maneira de pensar, a forma como olha o seu sistema familiar e comunitário, para verificar se esses aspectos afectam o seu comportamento, actos e atitudes. Parte-se da hipótese de que se a criança se comporta de forma taciturna, não interactiva ou agressiva, talvez esteja

sendo influenciada pelo seu estado cognitivo, por exemplo, ou esteja traumatizado (Meichenbaum, 1977).

2.3.3 Teoria Sistémica

As duas teorias acima mencionadas (Teoria Psicodinâmica e Cognitivo-comportamental) são bastante pertinentes para o nosso estudo. Contudo, a pesquisadora optou pela teoria sistémica, como teoria básica e focal para a questão em estudo, podendo fazer recurso a teoria psicodinâmica e à teoria cognitivo-comportamental, em momentos oportunos, para complementar na interpretação do funcionamento do sistema familiar com crianças vulneráveis.

A teoria sistémica constitui, actualmente, a base para o estudo das famílias e também das comunidades. Esta surgiu em 1920, com Ludwig von Bertalanffy ao elaborar um modelo teórico da Teoria Geral dos Sistemas (TGS), a partir da visão sistémica da química, física, matemática e da biologia, tendo estabelecido um paralelismo e a sua aplicação aos seres vivos e aos sistemas sociais (Uhlmann, 2002).

Segundo esta teoria, os organismos vivos constituem um sistema aberto que interage com o seu ambiente como um todo, procurando alcançar o equilíbrio (homeostase) nessa interacção, através do mecanismo de autorregulação. Este conceito manteve-se como ponto referencial em todos os estudos e nas discussões teóricas sucessivas na Teoria Sistémica da Família e na Terapia Familiar (Nichols & Schwartz, 2007).

Através da visão sistémica de Ludwig von Bertalanffy, criou e desenvolveu-se a teoria sistémica da família, a partir de três escolas consideradas como pioneiras da construção do contexto sistémico e clínico da família, com base nos conceitos da Cibernética e da Teoria Geral dos Sistemas, nomeadamente: a Escola Estrutural de Salvador Minuchin, a Escola Estratégica e a Escola de Palo Alto. Estas escolas preservaram em unanimidade o conceito básico da família como um sistema vivo e aberto, em constante mudança, organizado em subsistemas com função autorreguladora (Costa, 2010).

2.3.3.1 Escola Estrutural Minuchin

Esta escola valoriza a estrutura familiar através de estabelecimento de fronteiras, regras, direcção da funcionalidade familiar, padrão de organização das interacções, repetições de comportamentos, coalizões e dinâmica de interacção. Baseando-se na teoria dos sistemas, concebe-se a família como um sistema dinâmico, que se subdivide em outras estruturas ou subsistemas com funções bem determinadas: reprodutora, definição de Hierarquia e

criação de um clima de coesão, educação, socialização de estabilizador. Este facto é suficiente para justificar a análise deste tema centrado na teoria sistémica da família (Minuchin, 1976).

A Escola Estratégica de Milão constitui um modelo de leitura e interpretação das dinâmicas do sistema familiar. Está essencialmente voltada à clínica, onde as partes do sistema formam um todo e todas as partes têm a mesma importância. O seu foco é constituído pelos recursos e acções que envolvem todos os membros da família na solução do problema e na identificação de regras familiares, os quais governam todo o sistema, como atitudes e comportamentos que mantêm o problema. Para cada problema se traçam estratégias específicas a fim de garantir que as mudanças sejam alcançadas (Costa, 2010). A Escola de Palo Alto que procura na sua teoria de sistema familiar evidenciar os paradoxos da comunicação na família, o padrão da interacção familiar baseado nas heranças, mitos e lealdades familiares que colaboram para a repetição de conflitos nas diferentes gerações e a orientação de tarefas dadas à família cujo objectivo é alterar o padrão repetitivo (Costa, 2010).

As construções teóricas iniciais da Psicologia sistémica e da Terapia Familiar têm origem na psicanálise, a qual se interessava pela observação atenta da comunicação no seio familiar com membros psicóticos. A partir da observação da dinâmica familiar e do papel da emoção na interacção, surgiram debates sobre a qualidade da comunicação que era característica deste grupo.

De acordo com a teoria geral dos sistemas, nada acontece isoladamente e qualquer coisa que afecta um dos componentes, afecta também todos os outros, isto é, qualquer alteração que aconteça num dos membros causa impacto sobre todos os outros membros do sistema. (Andrade & Martins, 2011).

Na mesma perspectiva, Sutter e Bucher-Maluschke (2008) e Féres-Carneiro (1996) nas suas pesquisas procuram resgatar a história da Terapia Familiar colocando em evidência a Psicanálise e sua articulação com a Teoria sistémica. Ambas concordam que a preocupação de Freud, desde o início de seus escritos, era voltada para as relações familiares de seus pacientes, tendo colocado a família e o indivíduo como interdependentes. Outros autores contemporâneos, como Adler, Sullivan e Fromm-Reichman, também contribuíram no sentido de mostrar que as origens dos conflitos individuais estão nas relações familiares.

De acordo com Gimeno (2003) e Amaro (2006), o sistema apresenta essencialmente três aspectos característicos:

- Interdependência entre os membros do sistema, o que quer dizer que uma mudança num dos membros traz mudanças em cadeia;
- Regulamentos que presidem às relações entre os membros do sistema, isto significa que os seus vínculos obedecem a regularidades;
- Consciência dos regulamentos por parte do sistema, isto é, cada um tem em conta essas regulações no seu comportamento.

Relvas (1996) apresenta a sua contribuição afirmando que a família começa com a constituição do casal e vai mudando à medida que vão nascendo os filhos, vão se tornando adultos e vão saindo de casa formando nova família. Quando o sistema familiar tem dificuldades na adaptação ligada às várias fases do ciclo, pode passar por crises evolutivas universais e previsíveis, provocando problemas, mudanças nos seus membros e no funcionamento de todo o sistema familiar.

2.3.3.2 Hierarquia e Coesão Familiar

A compreensão do sistema familiar implica o conhecimento de dois aspectos essenciais, do seu funcionamento: a hierarquia e coesão familiar. A coesão familiar diz respeito à ligação emocional que existe entre os elementos que constituem o sistema familiar. Esta dimensão compreende variáveis como: o vínculo emocional, o envolvimento afectivo, o relacionamento conjugal e familiar, o relacionamento entre pais e filhos, os limites internos e externos do sistema familiar, o tempo, o espaço, a tomada de decisão, os amigos, os interesses e as actividades da família. Assim, o funcionamento familiar adequado é promovido pela relação próxima entre os membros da família. Ao contrário, famílias com conflitos frequentemente demonstram baixa coesão entre os seus membros e coalizões entre gerações e pode criar situações em que as crianças se tornem em situação de risco ou vulnerável (Olson, Portner & Lavee 1983; Olson, 2000).

De acordo com Alarcão (2006), no funcionamento do sistema familiar, a coesão é o padrão que permite distinguir quatro tipos de famílias:

- Famílias Desmembradas (nível de coesão muito baixo): caracterizadas por uma grande separação emocional, verificando-se pouca interacção entre os elementos

que constituem o sistema familiar, os interesses são individuais e independentes da família (Alarcão, 2006);

- Famílias Desligadas (nível de coesão baixo a moderado): caracterizadas por uma menor separação emocional do que as descritas anteriormente, porém os seus elementos tendem a ser mais independentes do que dependentes;
- Famílias Enredadas (nível de coesão moderado a alto): caracterizadas pelo facto de os seus elementos partilharem sentimentos e decisões, porém, a liberdade de escolha e as decisões de cada um são respeitadas;
- Famílias Muito Enredadas (nível de coesão muito alto): caracterizadas pelo facto de quase não ser possível fazer uma distinção entre os seus elementos. Dum modo geral verifica-se ausência de privacidade, as decisões são tomadas em conjunto, não existindo, portanto, a liberdade individual de escolha.

Considerando os elementos acima descritos, conclui-se que os altos níveis de coesão familiar estão associados à pouca independência manifestada entre os elementos do sistema familiar e às dificuldades de individualização dos mesmos. Por sua vez, os baixos níveis de coesão estão associados a altos níveis de autonomia de elementos que constituem o sistema familiar, e à pouca vinculação ao sistema familiar. Isto implica capacidade de adaptação do estilo de vida proposto no sistema familiar da criança (Olson, 1999; 2000).

2.3.3.3. Dimensão Adaptabilidade Familiar

Tal como acima referimos, em relação à questão da capacidade de adaptação imposta pelo sistema familiar, a dimensão adaptabilidade familiar é definida como a capacidade de o sistema familiar mudar a estrutura de poder, os papéis relacionais e as regras de funcionamento na presença de situações geradoras de *stress* situacional ou desenvolvimental. Esta dimensão compreende o tipo de liderança, a disciplina, os tipos de negociação, os papéis e as regras (Olson, 1999; 2000).

Na adaptabilidade familiar é igualmente possível identificar quatro tipos de família (Olson, 1999; 2000):

- **Famílias Rígidas** (níveis de adaptabilidade muito baixos): caracterizadas pelo autoritarismo de alguns membros, controlo, negociações muito limitadas, onde as regras vigentes são pouco claras apesar de terem de ser cumpridas e a disciplina é

rígida entre quase todos os membros. Importa referir que, neste tipo de famílias não há lugar para mudanças ou alterações;

- **Famílias Estruturadas** (níveis de adaptabilidade baixo a moderado): caracterizadas por apresentarem pouca liderança partilhada, disciplina democrática e demonstram capacidade para mudar;
- **Famílias Flexíveis** (níveis de adaptabilidade moderados a alto): caracterizadas por revelarem uma liderança partilhada, disciplina democrática e demonstram capacidades de mudança quando necessário;
- **Famílias Caóticas** (níveis de adaptabilidade muito elevados): os membros destas famílias apresentam pouca disciplina, regras pouco claras que variam com frequência, nota-se ausência de liderança e decisões irreflectidas.

No que diz respeito à adaptabilidade, existe uma associação entre os níveis mais baixos e a capacidade de resistência à mudança do sistema familiar, verificando-se pouca capacidade de adaptação face às circunstâncias. Por outro lado, os níveis mais elevados caracterizam-se por uma grande capacidade de adaptação, o que promove o crescimento e desenvolvimento do sistema. Importa referir que os níveis moderados possibilitam que o sistema familiar mude apenas quando for necessário (Olson, 1999).

2.3.3.4. Dimensão de Comunicação

A dimensão da comunicação concebida como facilitadora do movimento entre a coesão e adaptabilidade dentro do sistema familiar é medida por competências de comunicação, tais como escuta activa, empatia, clareza, partilha mútua de sentimentos. Segundo Olson (2000) as famílias equilibradas promovem uma excelente comunicação enquanto famílias desequilibradas se caracterizam por uma comunicação fraca.

Neste contexto, os membros do sistema familiar mostram-se adequados e funcionais quando:

- As expectativas familiares se apoiam em padrões mais extremos, funcionam de um modo mais adequado desde que todos os elementos funcionem no mesmo sentido e permitem manifestações de comportamentos extremos, em qualquer uma das dimensões, o funcionamento será tanto melhor quanto mais satisfeito estiverem todos os elementos com essas expectativas. Importa referir que o Modelo Circumplexo é sensível a questões étnicas e culturais, pelo que as famílias desequilibradas não são necessariamente disfuncionais, particularmente se a

família pertencer a um determinado grupo étnico ou religioso, no qual a norma esteja associada a comportamentos extremos das referidas dimensões (Olson & Gorall, 2003).

- As famílias equilibradas são caracterizadas por maior predisposição a desenvolver competências de comunicação mais positivas, do que as famílias extremas. Deste modo, as competências de comunicação positivas permitem ao sistema familiar manter o equilíbrio entre a dimensão coesão e adaptabilidade. Por outro lado, as competências de comunicação deficitárias impedem o movimento dos sistemas desequilibrados e aumentam a probabilidade desses sistemas permanecerem em níveis extremos (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).
- Os sistemas familiares mudam em resposta a situações de crise (situações geradoras de stress e necessidades de desenvolvimento). O Modelo Circumplexo sugere que as famílias equilibradas teriam mais recursos e competências para mudar o seu sistema de um modo mais adequado de forma a gerir a crise como uma oportunidade de crescimento. Por outro lado, sugere que as famílias desequilibradas não dispõem de recursos necessários para mudarem, portanto terão mais dificuldades para se adaptarem às crises. Na mesma perspectiva, Sousa e Rodrigues (2007), nos seus estudos, designam este tipo de famílias de famílias multi-problemáticas pobres, uma vez que o conceito de pobreza não se associa somente a dificuldades financeiras, mas também à *“situação de privação resultante da falta de recursos* (Costa, 1998, p. 47) e caracterizada por dificuldades de acesso à educação, formação profissional, habitação e ao mercado de trabalho.

Entre as famílias equilibradas e desequilibradas são melhores na medida em que são capazes de alterar o seu sistema para se adaptar à crise familiar (Olson, 2000; Olson & Gorall, 2003).

2.3.4 Teoria Ecológica

A Teoria Ecológica, inserida na teoria de sistemas, considera o desenvolvimento dos indivíduos de acordo com o meio em que vivem e os diferentes processos interactivos que o influencia durante várias fases de sua vida. Portanto, esta teoria destaca os vários contextos de convivência de um indivíduo dentro e fora do sistema familiar, como o indivíduo influencia e se deixa influenciar em cada um dos mesmos contextos. Neste

sentido, Bronfenbrenner (1989) apresenta os seguintes níveis: microsistema, mesosistema, exossistema e macrosistema. O nível microsistema refere-se ao ambiente imediato com o qual o indivíduo interage: a família, tomando em consideração o grau de comunicação e interacção entre seus membros.

O nível mesossistema envolve, para além dos ambientes simples, as relações entre esses mesmos ambientes. Ele é um espaço de ligação entre dois contextos de desenvolvimento, dos quais o indivíduo só participa de um. O nível exossistema considera ambientes em que a pessoa nem sequer está presente. Por exemplo, considera a influência que os locais do trabalho dos pais, empregadores, etc, exercem sobre si. Por fim, o nível macrosistema que integra padrões culturais abrangentes: as crenças, as ideologias, os sistemas económicos e políticos que afectam indirectamente as pessoas (Marrengula, 2010).

Esta teoria é importante para este estudo pois apresenta a arquitectura dos espaços sociais em que um indivíduo convive e interage. Este modelo teórico permite estudar e entender as crianças na sua interacção com as famílias, no nível microsistema, com a comunidade educadora, no nível mesosistema, e com os outros subsistemas existentes que de alguma forma atingem a criança.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DE ESTUDO

3.1 Introdução

Este capítulo é reservado à apresentação dos principais vectores metodológicos que orientaram a pesquisa, a definição da população alvo de estudo, a amostra bem como o processo da sua selecção; a descrição dos instrumentos usados na pesquisa, assim como a razão de sua escolha; a fiabilidade e validade dos mesmos; as considerações éticas obedecidas. O presente capítulo detalha também o processo de recolha de dados e os métodos usados para o seu tratamento.

3.2 Apresentação dos Métodos Usados na Pesquisa

Na ciência, o método é definido como um meio para se alcançar um determinado fim, e, implica uma série de procedimentos intelectuais e técnicos que um pesquisador adota para alcançar o conhecimento de um certo fenómeno. Portanto, método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devem ser usados na investigação, é a linha de raciocínio adoptada no processo de pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013).

Nesta perspectiva, mediante a abordagem qualitativa do presente estudo, a pesquisadora seleccionou para este estudo os métodos descritivo e analítico, pois esta combinação de procedimentos metodológicos permite aferir ideias, sentimentos, valores, princípios que ajudarão a compreender o funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM, no Bairro de Mavalane A.

3.2.1 Método Qualitativo

O método qualitativo é aquele que relega o tratamento numérico e percentual dos dados e focaliza-se mais no valor, na essência e na qualidade. Segundo Oliveira (2011, p. 24), esta pesquisa “procura captar, não só a aparência do fenómeno, como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências”. Nesta pesquisa, o método qualitativo foi adoptado para descrever a origem e os factores envolvidos na vulnerabilidade de crianças acolhidas no CDMM a partir da análise de seus sistemas familiares e comunitários.

O conceito de pesquisa qualitativa “(...) envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo” (Idem). Estas

foram as características que se verificaram nesta pesquisa aquando da recolha, tratamento e análise dos dados.

3.2.2 Método Descritivo

Uma pesquisa descritiva é aquela que evidencia as características de uma população ou fenómeno em estudo, descreve e relaciona as variáveis existentes.

Castro (1976, p. 66) tem uma ideia ligeiramente particular, quando afirma que “a pesquisa descritiva apresenta apenas o cenário de uma situação, expressa em números, mas a natureza da relação entre as variáveis é dada pela pesquisa explicativa”. “Quando se diz que uma pesquisa é descritiva, se está querendo dizer que se limita a uma descrição pura e simples de cada uma das variáveis, isoladamente, sem que sua associação ou interacção com as demais sejam examinadas” (Castro (1976, p. 66).

A escolha do método descritivo nesta pesquisa é importante, evidentemente, a partir dele, foi possível captar as características dos sistemas familiares e comunitários com crianças vulneráveis, a nível cognitivo-comportamental, psicodinâmico e também a nível sistémico das crianças acolhidas no CDMM.

3.2.3 Método Analítico

Um processo analítico, normalmente exige do pesquisador, alta capacidade de abstracção, concentração e interacção com o objecto que ele estuda. Este método de análise, consiste em chegar à profundidade de um fenómeno, compreendê-lo e interpretá-lo. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 22), “o método analítico procura compreender uma situação ou um fenómeno global por meio de seus componentes”. Ou seja, este método desmembra as partes de um fenómeno para compreendê-lo particularmente e, geralmente, no seu específico e no seu todo. Adiante, estes autores invocam que fazer um estudo analítico é procurar conhecer, compreender e interpretar um evento, para depois documentá-lo.

Nesta linha de ideia, Siqueira (1969) afirma que nesse tipo de método, o autor faz análise de cada elemento constitutivo do assunto e sua relação com o todo. Portanto, o técnico ou cientista procura descobrir e provar a verdadeira natureza do assunto e as relações entre suas partes. Markoni e Lakatos (2003) tornam mais claros ainda os aspectos do método analítico quando referem que este método engloba: descrição, classificação e definição do assunto, de acordo com a estrutura, a forma, o objectivo e a finalidade do tema.

A pesquisadora achou pertinente o uso deste método no estudo, porque este iria contribuir grandemente para o tratamento apurado dos dados recolhidos no CDMM. A partir deste método, foi possível estudar isoladamente as variáveis dos dados recolhidos a volta do nosso tema em questão. Portanto, o desenvolvimento desta pesquisa resultou de uma abordagem combinatória dos métodos qualitativo, descritivo e analítico, através dos quais se apurou o funcionamento dos sistemas familiar e comunitário com crianças vulneráveis do CDMM. Assim, a pesquisadora optou por uma pesquisa combinatória dos métodos para poder satisfazer as exigências metodológicas da pesquisa e responder aos objectivos traçados. Esta abordagem permite analisar as causas e consequências da vulnerabilidade infantil; descrever o sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis e analisar as variáveis comportamentais das crianças e famílias em situação de vulnerabilidade.

3.3. Descrição da População Alvo de Estudo

Na visão de Levin (2001), uma população ou universo, é um conjunto de pessoas ou eventos sobre os quais se quer fazer estudos. Assim, para a presente pesquisa, o universo da população é constituído por 84 indivíduos, sendo 24 educadores de infância e 60 pais e responsáveis de crianças moradoras do bairro Mavalane A, assistidas pelo centro.

3.4 Descrição da Amostra

A amostra corresponde a um subconjunto de pessoas extraído de uma população onde o pesquisador colecta dados para a sua análise em profundidade (Triola, 1999). O grupo da amostra usada nesta pesquisa é constituído por 10 elementos, dos quais 6 são pais ou encarregados das crianças acolhidas pelo CDMM e 4 educadores que as acompanham nas suas actividades do dia-a-dia, seleccionados de acordo com os critérios de intencionalidade e de conveniência, que incluem os seguintes requisitos:

- Ser um dos pais ou responsável de famílias com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM há três anos ou mais;
- Famílias com crianças cujas idades compreendem entre os 11 aos 17 anos;
- Famílias com crianças que frequentem entre 7^a e 12^a classe;
- Ser Educador de infância no CDMM.

Para chegar aos participantes, a pesquisadora contactou a direcção do Centro Dia Mães de Mavalane para ter acesso às famílias. De seguida, a direcção comunicou as potências

famílias para a participação do estudo que, posteriormente, foi apresentada a investigadora que, a partir deste acesso, foi interagindo com os participantes no Centro.

3.5 Apresentação e Descrição dos Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos usados nesta pesquisa foram: Entrevista, Genograma e Teste FAST.

3.5.1 Entrevista

A entrevista é um instrumento primário muito usado nas ciências sociais para a recolha de dados. Markoni e Lakatos (2003, p. 94) definem como sendo “(...) um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Existem vários tipos de entrevistas e dentre elas, a pesquisadora optou pela entrevista semi-estruturada. De acordo com Markoni e Lakatos (2003), neste tipo de entrevista, o entrevistador tem a liberdade de desenvolver a conversa em qualquer direcção que achar adequada para poder explorar mais amplamente a situação problemática.

Com base nestes pressupostos teóricos, a pesquisadora desenvolveu o guião de entrevista inspirado nas contribuições metodológicas de Bell (1997), predefinindo algumas questões e assuntos a serem abordados no campo. Na sua aplicação, a pesquisadora procurou criar um clima aberto e espontâneo que permitiu aos participantes dar informação sobre como decorre a sua vida quotidiana e a interacção com as suas crianças.

A pesquisadora desenvolveu um roteiro de entrevista que aplicou às famílias e um outro que administrou aos educadores do CDMM. As entrevistas duraram entre 26 e 50 minutos e tiveram lugar na biblioteca do centro. Com a permissão dos participantes, as entrevistas foram gravadas num telefone celular e de seguida, transcritas num computador. O mesmo ocorreu com os dados colectados a partir do questionário, do FAST e do genograma, que foram armazenados e codificados no computador.

3.5.2 Genograma

O Genograma Familiar é uma representação gráfica do mapa familiar, trata-se de um instrumento amplamente utilizado na Terapia Familiar para verificar a composição da família, mostrar os padrões relacionais e identificar os seus conflitos. Explicita a estrutura familiar ao longo de várias gerações e das etapas do ciclo de vida familiar, bem como os movimentos emocionais que acontecem no sistema (Wendt & Crepaldi, 2008).

Para Rodrigues et al. (2007), o genograma é um instrumento que permite construir a árvore familiar, indicando informações sobre os membros de uma família e as suas relações ao longo de pelo menos três gerações, o seu grau de coesão, o seu espectro hierárquico e os membros que estabelecem relações tensas, conflituosas ou harmoniosas, criando desequilíbrio no funcionamento do sistema familiar.

Segundo Wendt e Crepaldi (2008), este instrumento é um dos mais difundidos e utilizados em pesquisas qualitativas que envolvem famílias enfrentando transtornos de vários tipos: membros com doenças crônicas, com transtornos mentais, famílias em conflitos de convivência e em situação de vulnerabilidade, etc.

Assim, para mapear o sistema familiar escolheu-se o genograma, que permite visualizar a dinâmica familiar, a sua forma de comunicação, de interação e relacionamento. O genograma foi ainda usado neste estudo para construir o perfil internacional dos membros do sistema familiar e comunitário e avaliar, ao longo deste processo, a forma como os membros da família e da comunidade educativa se relacionam, se comunicam e interagem e assim poder identificar as fragilidades dos pais educadores e crianças que contribuem para a vulnerabilidade do sistema.

Os genogramas foram construídos a partir da informação colhida nas entrevistas, e cada família entrevistada teve o seu genograma. Para este efeito, as ferramentas utilizadas foram: um papel A4 e um lápis para registar com precisão a composição do agregado familiar obedecendo a ordem cronológica de nascimento dos membros, a sequência dos casamentos e o registo claro dos padrões de interação entre os membros do sistema familiar.

3.5.3 O FAST

O termo *FAST* é de origem inglesa, que significa “*Family System Test*”, cujo significado em português é Teste de Sistema Familiar. Este é um instrumento de recolha de dados que os Terapeutas de Família usam com frequência para identificar e compreender o funcionamento do sistema familiar como um todo. Através da utilização deste instrumento, a pesquisadora pretendia identificar a composição da família e os seus padrões de funcionamento.

O FAST consegue captar informações sobre as emoções e reacções, as relações de aproximação ou distanciamento, as relações de poder e submissão entre os membros de

um sistema familiar. Ele pode ser aplicado aos membros da família de maneira colectiva, em grupos ou individualmente.

Segundo Antoni (s/d), o FAST é constituído por um tabuleiro monocromático dividido em 81 quadrados (5cm x 5cm), peças confeccionadas em madeira representando figuras masculinas e femininas (8cm) e blocos cilindros com três diferentes alturas (1,5cm; 3cm; 4,5cm). A administração do FAST requer o uso da entrevista Semi-Estruturada como instrumento complementar porque é um teste dependente. É da entrevista que a pesquisadora explorou as representações individuais, os padrões de comunicação e de interacção entre os membros do sistema familiar, à medida que os entrevistados iam respondendo às perguntas e manejando os bonecos e os cilindros colocando-os no tabuleiro.

A pesquisadora escolheu o instrumento FAST para colher dados qualitativos da coesão e hierarquia familiar no sistema. Outra vantagem do teste é a de ser rápido e lúdico na sua aplicação, sendo ajustado ao grupo-alvo da pesquisa.

No âmbito da aplicação do teste, a pesquisadora focalizou-se em analisar as representações típicas (*Como é a sua família actualmente*), ideal (*Como gostaria que a sua família fosse*) e a situação de conflitos (*Com que frequência há conflitos na família*). O teste FAST foi aplicado a cada família de forma individual. Cada encarregado da criança levou em média 10 minutos para finalizar o teste. A pesquisadora começou por pedir aos participantes para se representarem no tabuleiro através de uma peça. De seguida, fez as seguintes perguntas a cada encarregado da criança:

- *Quem são os membros da sua família?*
- *Como está a sua família actualmente?*
- *Quem tem mais poder na sua família e quem tem menos poder?*
- *Como gostaria que a sua família fosse?*

Estas questões foram colocadas com o objectivo de captar a forma como o sistema familiar funciona na situação típica, quem se encontra na posição de máximo poder ou autoridade, quem são os membros próximos no relacionamento e os membros distantes, na relação, quais são os desejos e perspectivas da família na situação ideal. Portanto, todas essas informações levaram a pesquisadora a perceber qual é o funcionamento do sistema familiar com crianças vulneráveis acolhidas no CDMM.

A pesquisadora seleccionou os instrumentos acima descritos para a sua pesquisa porque os achou pertinentes ao tema em estudo, pois iriam fornecer dados e informações valiosas que vão permitir a exploração e o aprofundamento da informação necessária para o estudo.

3.6 Fiabilidade e Validade dos Instrumentos Usados na Colecta de Dados

Um instrumento só é fiável quando é usado de acordo com a natureza e propósitos da pesquisa, assim como quando é capaz de fornecer resultados mais distantes possíveis dos equivocados. Para garantir tal fiabilidade, os investigadores procuram validar os instrumentos que, de acordo com Markoni e Lakatos (2003), é verificar até que ponto esses instrumentos têm, realmente, condições de garantir resultados isentos de erros.

Para validar o instrumento FAST, a pesquisadora aplicou de forma experimental a uma família. A partir desta aplicação, o instrumento se mostrou altamente funcional porque conseguiu medir o que se pretendia conhecer: legitimar os padrões de coesão e hierarquia familiar em várias famílias estudadas. Nesta pesquisa, o FAST conseguiu colher a estrutura genealógica das famílias e os seus diferentes níveis de interacção e relação. O resultado do FAST cruzou-se com os resultados oferecidos pelos outros instrumentos: os do genograma e entrevista. O FAST permitiu confrontar os resultados da presente pesquisa com outras feitas noutro âmbito, como por exemplo, dissertações consultadas que fizeram o uso deste teste. De igual modo, o FAST permitiu os objectivos e as perguntas de pesquisa e os resultados.

O Guião de entrevista aplicado às famílias e a comunidade educativa foram também muito validados, facilitou a elaboração do genograma com toda a informação colectada na entrevista.

Por fim, usou-se o genograma, que se demonstrou fiável e válido para pesquisa, pois permitiu esboçar com nitidez a composição familiar e o grau de relações entre os mesmos, assim como os padrões de hierarquia, coesão e o seu funcionamento no sistema. Antes do processo principal de recolha de dados, a pesquisadora fez um pré-teste dos instrumentos, no qual entrevistou e inquiriu um público do CDMM, parecido com o grupo – alvo de uma família específica do centro. A partir desse pré-teste, identificaram-se algumas falhas: perguntas ambíguas, linguagem não acessível, questões fracas, etc. Estas falhas foram corrigidas com a reformulação dos instrumentos, adaptando-os ao contexto.

3.7 Considerações Éticas

Nas pesquisas científicas, a observação da ética é fundamental para o alcance dos resultados desejados. Para tal, elaborou-se o protocolo de pesquisa que foi apresentado ao Comité Institucional de Bioética em Saúde, que o aprovou e o registou com o Número CIBS FM & HCM/73/2019. Em seguida, efectuou-se o pedido formal de entrevista aos pais e educadores do CDMM. Bogdan & Bicklen (1994) defendem que duas questões dominam o panorama recente no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos que são as seguintes: O consentimento informado e a confidencialidade.

3.7.1 Consentimento Informado

Os pais e educadores que participaram nas entrevistas fizeram-no de forma voluntária após terem sido explicados sobre a natureza do estudo, os objectivos e as modalidades de participação, que incluem a liberdade do participante interromper e retirar-se da pesquisa assim que o entender.

3.7.2 Confidencialidade

Através da confidencialidade, garante-se que os participantes das entrevistas não sejam expostos a riscos que os possam causar qualquer espécie de danos. Assim sendo, através da codificação, evitou-se identificar os participantes para que pudessem a posterior ser reconhecidos. Para tal, a pesquisadora codificou os participantes usando caracteres alfanuméricos. A parte alfabética dos códigos representa o seguinte:

- P – Pai;
- M – Mãe;
- F – Filho ou filha de entrevistado;
- N – Neto ou neta de entrevistado;
- E – Educador de infância;
- R – Responsável ou Encarregado da criança.

Nota: Para efeitos de diferenciação dos participantes, aos classificados com a letra P, juntou-se a parte numérica, passando a ser designados por P1, P2, P3, P4, P5 e P6. Procedimento idêntico, foi feito para os classificados com a letra E, que passaram a ser designados por E7, E8, E9 e E10.

3.8 Procedimentos no Tratamento de Dados

De acordo com a literatura, a investigação científica é o resultado de um trabalho de natureza teórica ou científico-empírica, cuja finalidade é o estudo, numa perspectiva teórica. Segundo Santos (1999), após a colecta de dados, de uma pesquisa científica, parte-se para o seu tratamento através da Tabulação.

Num trabalho de natureza teórico-empírica, o pesquisador além da epistemologia extraída dos acervos bibliográficos, procede ao levantamento de percepções ou opinião, emoções e comportamento dos indivíduos, mediante a aplicação de instrumentos ou técnicas de pesquisa.

Para o caso de pesquisas quantitativas os dados são organizados e classificados de forma sistemática, passando pelas etapas de selecção, codificação e tabulação. A selecção é necessária porque visa identificar informações falsas, confusas ou distorcidas. É importante averiguar se os dados colectados estão completos ou se é preciso retornar à fonte para nova colecta.

Em projectos com menor número de participante, geralmente se utiliza a técnica da tabulação manual. E, no caso de pesquisas menos densas, o processo manual é o recomendável pois, requer menos tempo e esforço, lida com pequeno número de casos e com poucas tabulações mistas, sendo, portanto, menos dispendioso. No caso desta pesquisa, os métodos usados para a gestão dos dados colectados foram a codificação acima descrita, a transcrição das entrevistas e a tabulação¹ que pode ser feita à mão, mecânica ou electronicamente.

3.9 Limitações de Estudo

Ao longo da recolha de dados para a presente pesquisa, notaram-se algumas reacções ou atitudes por parte dos participantes, que podem constituir limitações para o alcance dos objectivos definidos, nomeadamente:

- A desconfiança e desconforto manifestados por algumas famílias inibiram a espontaneidade, o que pode ter conduzido a dar respostas que consideram mais correctas mesmo que se afastem da realidade. Para ultrapassar este desafio, a pesquisadora explicou o objectivo central do trabalho de investigação e utilizou

¹ Segundo Santos (2010), após a colecta de dados, através da entrevista, faz-se o seu tratamento através da Tabulação. A Tabulação é um processo de colocação de dados no Tabuleiro do FAST para a análise dos dados.

algumas técnicas de entrevista tais como a empatia, a aliança terapêutica e a clarificação para permitir que os participantes a colaboração dos mesmos;

- Alguns participantes demonstraram dificuldades no diálogo usando a língua portuguesa, pelo que a pesquisadora teve que recorrer à língua local, pois a pesquisadora é fluente na língua local, para a realização da entrevista para superar este obstáculo;
- O facto de ser trabalhadora e estudante ao mesmo tempo tornou difícil conciliar o tempo em que os participantes estavam disponíveis para a realização das entrevistas. Porém, para ultrapassar essa limitação, a pesquisadora recorreu ao pedido de diminuição de carga horária no seu sector de trabalho e, também optou por realizar os trabalhos no pós-laboral para conseguir concluir a dissertação.
- A pandemia da Covid-19 que não permitiu o acesso as bibliotecas físicas porque foram fechadas. Entretanto, para superar esse problema, a pesquisadora recorreu aos livros digitais e artigos científicos disponíveis nos diferentes *websites* e bibliotecas virtuais da Internet.
- A recolha de dados foi feita de forma presencial na Biblioteca do Centro Dias Mães de Mavalane, com a permissão dos participantes e, estas duraram entre 26 e 50 minutos.

CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Introdução

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa referente a cada um dos casos. Todas as famílias estudadas são residentes do Bairro de Mavalane A. O estudo foi efectuado mediante os instrumentos cuidadosamente seleccionados: a Entrevista, o Genograma e o FAST. Por isso, para cada família será apresentado o resultado da entrevista efectuada ao pai, mãe ou responsável pela família, os resultados do genograma que contém o mapeamento que ajuda a compreender o clima que os membros vivem no seio da família e o teste FAST que mede o nível de hierarquia e coesão existente no sistema familiar e, também foi feita uma articulação com os dados das entrevistas feitas aos educadores do CDMM para melhor compreender os percepções dos mesmos em relação aos comportamentos das crianças que frequentam o Centro.

4.2 Análise e Interpretação dos Casos

4.2.1 Caso da Família P1

4.2.1.1 Entrevista

P1 é uma viúva de 47 anos de idade e vive com os seus 5 filhos: F1, que é uma menina de 7 anos de idade; F2 um rapaz de 12 anos frequentando o ensino primário; F3, rapaz de 15 anos frequentando o ensino secundário; F4, um rapaz de 16 anos de idade que também frequenta o ensino secundário e recebe apoio do CDMM, e F5, uma jovem de 20 anos com a 12ª classe concluída. Durante a entrevista, a P1 afirmou que, na família, apenas ela trabalha, na machamba. Isto mostra como é pesado para ela o sustento da família que conta só com a machamba como fonte de receita.

No que se refere à rotina de vida e relacionamento entre os membros do seu sistema familiar, P1 disse: *“uma vez a outra conversamos lá em casa, no entanto, sinto que a interacção no sistema familiar apesar de ser razoável tem sido conflituosa”*. Ou seja, segundo P1, a interacção no seu sistema é marcada por momentos de tensão por isso, a convivência é normalmente pouco harmoniosa.

No decorrer da entrevista, P1 também disse que a relação conflitual no sistema familiar se verifica entre os seus filhos e os tios paternos. Os filhos não gostam de visitar os tios, porque não são bem recebidos por eles, pois evitam que sejam visitados, atitude que levou um dos filhos de P1 a comentar o seguinte: *“É porque eu não tenho pai, se tivesse meu*

pai havia de me dar aquilo que eu gostaria”. Isto demonstra que os filhos de P1 já tomaram a consciência da situação vulnerável e precária em que se encontram no seu sistema familiar, facto que pode afectar negativamente o seu relacionamento dentro do sistema familiar e comunitário.

A existência de conflitos entre irmãos no contexto familiar, e que, de alguma forma torna o sistema familiar conflituoso, é referida por Féres-Carneiro (2013), ao considerar que as crianças, ao serem questionadas e confrontadas com conflitos familiares, apontam com grande recorrência, a rivalidade como causa desses conflitos. Estes conflitos, segundo a autora, resultam na necessidade de intervenção parental e do apoio da família nuclear através da imposição de regras e limites em relação as atitudes e comportamentos das crianças, o que, não se nota, na família de P1.

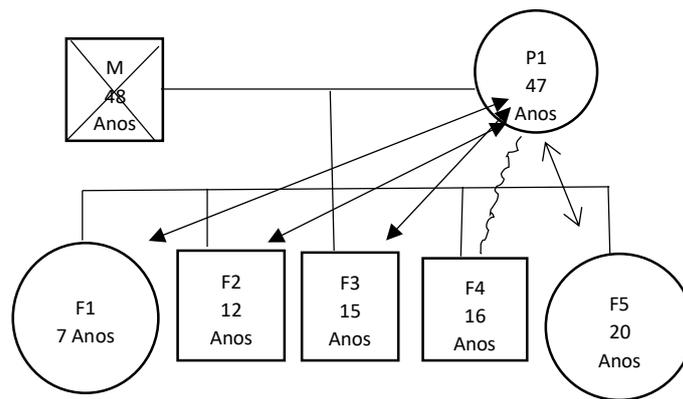
P1 referiu que os seus filhos, principalmente F4, o que frequenta o CDMM, tem mostrado descontentamento em relação às condições financeiras da família. P1 disse: *“as crianças às vezes reclamam, mas não sei onde vou apanhar as coisas para conseguir dar”*. Para além do tipo de alimentação, os filhos de P1 reclamam por: *“roupa, pasta, sapato, às vezes uniforme, dizem que agora não podem ir na escola com esse uniforme porque é do ano passado”*. Todavia, P1 disse que procura encorajar as crianças a ir à escola, apesar de tudo isso, e a comerem o que estiver disponível, porque só a escola poderá melhorar a sua situação financeira.

Em relação a questão criação de condições financeiras que criam descontentamento na família P1, que são contentadas pelos filhos, Sousa e Rodrigues (2007) designam este tipo de famílias, de famílias multi-problemáticas pobres, uma vez que o conceito de pobreza não se associa somente a dificuldades financeiras, mas também à “situação de privação resultante da falta de recursos básicos (Costa, 1998, p. 47) e caracterizada por dificuldades de acesso à educação, formação profissional, habitação e o trabalho.

4.2.1.2 Genograma da Família de P1

A pesquisadora usou este instrumento para compreender o clima familiar no seu funcionamento, explorando o tipo de gestão da família, de comunicação e interacção existente, os possíveis conflitos e perdas dentro do sistema, bem como a dinâmica relacional expressa na entrevista, como se pode ver no gráfico 1.

Gráfico 1: Genograma da Família de P1



Legenda



Homem



Paciente identificado



Mulher



Homem falecido



Relacionamento conflituoso entre os membros

O Genograma de P1 mostra a composição do sistema familiar e a dinâmica relacional que nele existe. Apesar de os membros da família de P1 mostrarem uma interação harmoniosa e positiva no seu relacionamento, os dados indicam a presença de uma relação conflituosa entre P1 e F4, em algumas ocasiões, porque F4 mostra aborrecimento em relação à deficiência financeira existente no sistema familiar, como já foi referido atrás.

4.2.1.3 Teste FAST da Família de P1

No âmbito do Teste FAST, a pesquisadora pediu à entrevistada que descrevesse a dinâmica do relacionamento no seu sistema familiar, através da representação dos membros familiares no tabuleiro do Teste Fast, colocando dentro dele bonecos que representam cada elemento da família, como se nota na tabela 1.

Tabela 1: Representação Típica de P1

9									
8									
7				P1					
6		F1	F2	F3	F4	F5			
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

A tabela 1 representa a família de P1, na situação típica onde esta se colocou no nível superior em relação aos seus filhos. De acordo com o representado na tabela 2, abaixo indicado, P1 mostra como ela vê a família ideal, onde ela e F5, sua filha mais velha, compartilham o poder, isto é, o exercício da autoridade dentro do sistema familiar.

Tabela 2: Representação Ideal de P1

9									
8				P1	F5				
7		F1	F2	F3	F4				
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

A família é um sistema activo, somatório dos membros em constantes transformações e com ligações emocionais próximas que possibilitam uma interação flexível e harmoniosa no sistema familiar, e altera-se com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros componentes, e o afastamento de qualquer elemento, pode criar vários conflitos, pois a família deixa de ser coesa (Motta, 2008).

Entretanto, a representação da família em situação conflitual, P1 colocou-se ligeiramente distante dos F1, F2, F3 e F5 e muito mais distante de F4, por causa do seu comportamento de aborrecimento face à carência financeira do seu sistema familiar. A tabela 3 mostra essa dinâmica conflitual no relacionamento entre os membros da família.

De acordo com Yunes (2011), a coesão é o segundo elemento que deve estar presente na organização familiar, onde inclui o apoio mútuo, a colaboração e compromisso entre os elementos; o respeito às diferenças, necessidades e limites individuais; busca de reconciliação e reunião em casos de relacionamentos conflituosos familiares.

Tabela 3: Representação Conflitual de P1

9									
8				P1					
7									
6		F1	F2	F3		F5			
5					F4				
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

4.2.2. Caso da Família de P2

4.2.2.1 Entrevista

A família de P2 é composta por três pessoas: a P2, solteira de 46 anos, e seus dois filhos: F1, de 17 anos, do sexo masculino, frequentando o ensino secundário sob o apoio do CDMM, e F2, do sexo feminino, de 27 anos de idade.

P2 pratica agricultura e F2 dedica-se ao comércio informal, ambas nunca frequentaram uma escola, enquanto F1 estuda graças ao apoio do CDMM.

A pesquisadora colocou a questão: *Como tem sido a conversa entre os membros da família em casa?* a que P2 respondeu: *“É complicado porque tenho machamba em Nkhobe, na zona da minha mãe, às vezes fico cinco dias, uma semana na machamba para voltar, mas conversamos”*. Como se pode observar, P2 reporta que a comunicação familiar é comprometida pelas suas idas demoradas à machamba. Esta mesma ausência condiciona a interação familiar entre a mãe e os filhos. Devido às ausências frequentes de P2, quem tem ido às reuniões escolares de F1, o filho mais novo, que estuda e recebe apoio do CDMM, é F2.

A dimensão da comunicação é concebida como facilitadora do movimento entre a coesão e adaptabilidade dentro do sistema familiar é medida por competências de comunicação, tais como escuta activa, empatia, clareza, partilha mútua de sentimentos. Segundo Olson (2000), as famílias equilibradas promovem uma comunicação distinta enquanto famílias desequilibradas se caracterizam por uma comunicação fraca. A família de P2, pode ser

considerada desequilibrada causada pela ausência de P2 durante a semana, por estar na machamba, e só tem disponibilidade nos finais de semana para os filhos.

Importa referir que a P2 tem consciência que a sua ausência é negativa para a família, no entanto, não encontra outra saída para a situação pois a machamba é a única forma que tem para alimentar a sua família. Para compensar as ausências, P2 passa os fins-de-semana em casa a conversar com os filhos.

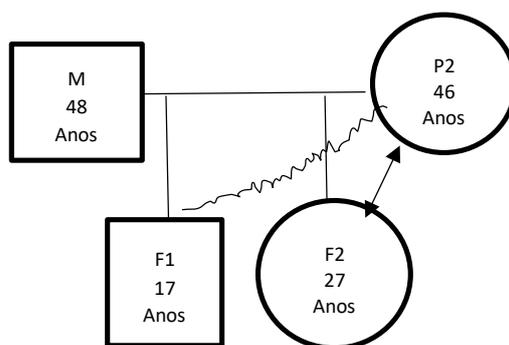
Para explorar a comunicação no sistema familiar, a pesquisadora procurou aprofundar como tem sido a conversa nos fins-de-semana, se os filhos reagem bem à situação. P2 respondeu que os filhos conversam com ela, mas que muitas vezes o filho mais novo temse mostrado pouco interactivo. À pergunta sobre F1 mostra essa passividade interactiva no sistema familiar, P2 não conseguiu encontrar respostas, disse que não sabia.

Para Rocha-Coutinho (2013), tanto o trabalho quanto a família exigem tempo, energia, um investimento emocional continuado, além de muitas pressões, internas e externas. Isso vem levando muitas mulheres a priorizar a família, sem abandonar o trabalho. A ideia de compensar as ausências dos pais devido ao trabalho e criar formas de dialogar com os filhos, é referida pela autora supracitada como um dos mecanismos utilizados por várias famílias para manter o investimento emocional e evitar desequilíbrio interno e uma rotura comunicação.

4.2.2.2. O Genograma da Família de P2

Ao longo da entrevista, a pesquisadora levantou questões para verificar os padrões de relacionamento no sistema familiar, a relação hierárquica e o nível de coesão existente entre os mesmos membros. O genograma 2 ilustra os resultados das respostas dadas pela P2.

Gráfico 2: Genograma da Família de P2



Legenda

□ Homem

○ Mulher

~~~~~ Relacionamento conflitual entre os membros

O Genograma acima indica que na família de P2, existe tanto um relacionamento harmonioso como conflitual. P2 estabelece uma relação harmoniosa com a sua filha mais velha, F2, mas com o seu filho mais novo, F1, a relação é tensa. Disse que quando regressa da machamba, onde tem ficado mais de 5 dias, procura criar um ambiente de comunicação e interação com os filhos, para compensar o tempo em que esteve distante. Porém, enquanto a filha mais velha compreende e aceita a situação, o filho mais novo mostra-se desconfortante e passivo, por esse motivo se instaura uma relação tensa no sistema familiar de P2.

#### 4.2.2.3 Teste FAST da Família de P2

A P2 representou a dinâmica do relacionamento no seu sistema familiar na situação típica, onde P2 se colocou num nível superior em relação aos seus filhos, para indicar quem tem mais poder na família. Em relação à coesão familiar, P2 representou-se ligeiramente distante de seus filhos. Segundo P2, a sua longa estadia na machamba é que causa este distanciamento entre ela e os filhos.

**Tabela 4: Representação Típica de P2**

|   |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
|---|---|---|---|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |   |   |    | P2 |   |   |   |   |
| 6 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 5 |   |   |   | F1 | F2 |   |   |   |   |
| 4 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |   |   |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2 | 3 | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

Na situação ideal, P2 manteve a sua representação hierárquica numa posição superior em relação aos seus filhos. Mas, em termos de proximidade, P2 representou a sua família junta um do outro, como resposta sobre como gostaria que a sua família se relacionasse. A tabela 5 mostra o desejo da P2 em relação à unidade e tranquilidade familiar.

**Tabela 5: Representação Ideal de P2**

|   |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
|---|---|---|---|----|---|----|---|---|---|
| 9 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 8 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 7 |   |   |   |    |   | P2 |   |   |   |
| 6 |   |   |   | F1 |   | F2 |   |   |   |
| 5 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 4 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 3 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 2 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 1 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
|   | 1 | 2 | 3 | 4  | 5 | 6  | 7 | 8 | 9 |

Finalmente, a tabela número 6 mostra a família de P2 em situação conflitual. Nesta tabela, em termos de coesão familiar, P1 representou o seu filho F1 um pouco distante de si. Ao nível da hierarquia, P2 colocou-se no nível alto, seguido de seu filho F2 e, por fim, colocou F1 na posição mais baixa.

**Tabela 6: Representação Conflitual de P2**

|   |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
|---|---|---|---|----|---|----|---|---|---|
| 9 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 8 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 7 |   |   |   | P2 |   |    |   |   |   |
| 6 |   |   |   |    |   | F2 |   |   |   |
| 5 |   |   |   | F1 |   |    |   |   |   |
| 4 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 3 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 2 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
| 1 |   |   |   |    |   |    |   |   |   |
|   | 1 | 2 | 3 | 4  | 5 | 6  | 7 | 8 | 9 |

Na tabela 6, P2 já tinha mencionado que, frequentemente, quando regressa da machamba e procura aproximar-se dos filhos para uma interacção, o mais novo, mostra um comportamento de quem está aborrecido com a mãe: não responde às perguntas, abandona o lugar de conversa e exige que a mãe se mostre presente em casa. Esta situação mostra a presença de uma relação de conflito na família entre P2 e F1. A P2 não toma uma atitude concreta para gerir e ultrapassar essa relação conflitual, pelo contrário, permite que o ambiente continue a decorrer na sua família.

### **4.2.3. Caso da Família de P3**

#### **4.2.3.1 Entrevista**

A P3 é responsável por uma família composta por oito membros: P3, de 31 anos de idade; a mãe de P3, que é uma idosa de 63 anos; o irmão de P3 com 24 anos de idade; a cunhada de P3 de 19 anos; o sobrinho de P3, que tem 18 anos; e os três filhos de P3, dois rapazes, um de 3 e outro de 10 anos de idade, e uma rapariga de 13 anos de idade.

A P3 e sua mãe nunca frequentaram a escola. O irmão de P3 e a sua esposa frequentaram por um tempo, mas desistiram. Neste momento, apenas os dois filhos de P3 e o sobrinho se encontram a estudar beneficiando do apoio do Centro Dia Mães de Mavalane. Nesta família, apenas P3 e o irmão trabalham como comerciantes informais. Foi a situação de carência financeira que levou a família a submeter um pedido de apoio ao Centro Dia Mães de Mavalane, para que as crianças pudessem estudar com isenção de propinas.

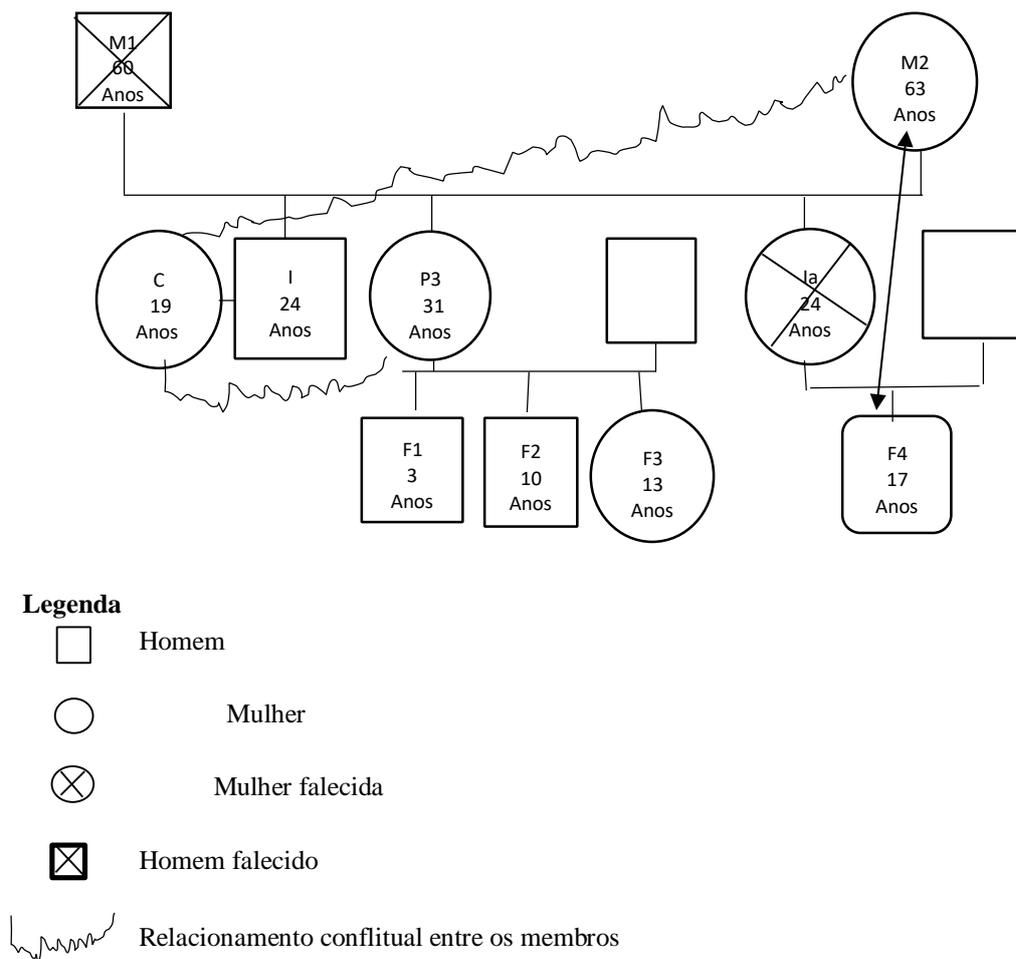
A P3 disse que no seu sistema familiar existe uma interação e comunicação conflituosa. Sua cunhada tem se exaltado com frequência, acusando a P3 e sua mãe de maus-tratos e a sua falta de consideração em relação a elas. Para P3, esta situação conflituosa gerada pela cunhada acaba colocando o seu próprio irmão em situação de tensão com os restantes membros da família. Os restantes membros da família desenvolvem entre si um relacionamento harmonioso.

Quanto ao comportamento das crianças dentro do sistema familiar, de acordo com P3, o seu sobrinho, o adolescente de 19 anos, desenvolve pouca interação e comunicação na família, o que denuncia a presença de um conflito entre ele e os pais, ele e os irmãos. Este adolescente apenas interage frequentemente com a sua avó, que é a mãe de P3.

#### **4.2.3.2. O Genograma da Família P3**

À luz da informação recolhida na entrevista, a pesquisadora construiu a árvore da família de P3, indicando as informações sobre os membros da família e o seu padrão de relacionamento, o seu grau de coesão e o seu espectro hierárquico como se pode ver no gráfico 3.

**Gráfico 3: Genograma da Família de P3**



O genograma da família P3 mostra a dinâmica relacional vivida no sistema familiar; existe uma relação conflitual entre P3 e a sua cunhada, assim como entre a cunhada e a mãe de P3. De acordo com P3, a cunhada acusa frequentemente a P3 e a sua mãe de maustratos em relação a ela no âmbito dos trabalhos domésticos e divisão de tarefas. P3 disse que a sua cunhada é muito preguiçosa, por isso reclama com frequência quando há tarefas na família.

Outro motivo que gera conflitos entre estes três membros da família diz respeito à contribuição de rendimento. A cunhada de P3 controla demasiadamente a renda de seu marido, que é irmão de P3, e pressiona-o bastante para que saiam daquela casa e arrendam a sua própria casa. Entretanto, embora haja esta dinâmica conflitual entre P3, a mãe, a cunhada e os restantes membros da família, têm um relacionamento equilibrado.

A dimensão da coesão familiar compreende a consistência no vínculo emocional, o relacionamento conjugal e familiar harmonioso, o relacionamento entre pais e filhos, os limites internos e externos do sistema familiar, o tempo, o espaço, a tomada de decisão,

os interesses e as actividades da família. Os resultados da família P3, demonstram ausência destes elementos, cria um mau funcionamento familiar, tal como se pode perceber nesta família. Neste sentido, o funcionamento familiar adequado é promovido pela relação próxima entre os membros do sistema familiar. Ao contrário, famílias com conflitos frequentemente demonstram baixa coesão entre os seus membros e coalizões entre gerações e pode criar situações em que as crianças se tornem em situação de risco ou vulnerável (Olson, Portner & Lavee 1983; Olson, 2000), o que tem acontecido entre os membros da família de P3.

#### 4.2.4.3 Teste FAST da Família P3

Na representação típica da sua família, P3 colocou o boneco que representa a sua mãe M2, de maneira sobreposta aos outros bonecos dos restantes membros familiares, transmitindo a ideia de que a mãe é quem tem mais poder no sistema, de seguida, representou-se a si e ao seu irmão (I) na posição hierárquica imediatamente inferior da mãe, dizendo que depois da mãe, P3 e o irmão são os responsáveis da casa. Por fim, P3 representou os filhos e o sobrinho no nível ainda mais inferior, como se nota na tabela 7.

**Tabela 7: Representação Típica de P3**

|   |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |    | M2 |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |    |    |    | I  |   |   |   |   |
| 6 |   |    | P3 |    |    | C |   |   |   |
| 5 |   | F1 | F2 | F3 | F4 |   |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

De acordo com P3, na situação típica, tal e qual como a família é, ela preocupa-se mais em cuidar dos seus filhos e sobrinhos. Simultaneamente, o seu irmão também se preocupa com a sua esposa. A mãe de P3 que é a pessoa mais velha da casa, presta mais atenção ao seu neto F4, cuja mãe e pai faleceram. Isto mostra a dispersão e ausência de coesão no sistema familiar de P3.

A tabela 8 representa a situação ideal da família de P3, isto é, como gostaria que a sua família fosse: unida, harmoniosa, havendo partilha de poder entre os seus membros. Em vez de mostrar quem tem mais poder, P3 sobrepôs o boneco que representa a sua mãe M2, no cilindro acima dos restantes membros familiares. No que diz respeito à coesão familiar, P3 representou todos os membros do seu sistema familiar próximos um do outro, como indicado na tabela abaixo.

**Tabela 8: Representação Ideal de P3**

|   |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |    |    | M2 |    |   |   |   |   |
| 6 |   |    | P3 | I  | C  |   |   |   |   |
| 5 |   | F1 | F2 | F3 | F4 |   |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

A tabela 9, apresenta a situação conflitual na família P3, onde a cunhada é colocada fora da grelha do tabuleiro. Esta foi representada fora da grelha, porque quando cria uma situação conflitual, mostra vontade de querer sair da casa com o seu marido.

**Tabela 9: Representação Conflitual de P3**

|   |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |    |    | M2 |    |   |   |   |   |
| 6 |   |    | P3 |    | I  | C |   |   |   |
| 5 |   | F1 | F2 | F3 | F4 |   |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

#### 4.2.4 Caso da Família de P4

##### 4.2.4.1 Entrevista

P4 é uma senhora de 51 anos de idade. Após enviudar do primeiro marido, teve outra relação com um homem que acabou abandonando-a. O seu sistema familiar é composto

por sete membros, ela e seus seis filhos: três filhos que teve com o marido falecido, F1, uma rapariga de 15 anos que estuda e recebe apoio do CDMM; F2, um adolescente de 23 anos que já terminou o ensino secundário geral; e F3, uma jovem mulher de 25 anos formada em educação de infância com apoio do CDMM. Os outros três filhos frutos do segundo relacionamento são F4, uma rapariga de 12 anos, F5, um menino de 7 anos, ambos frequentando o ensino primário, e F6, um adolescente de 19 anos, que acaba de concluir o ensino secundário geral.

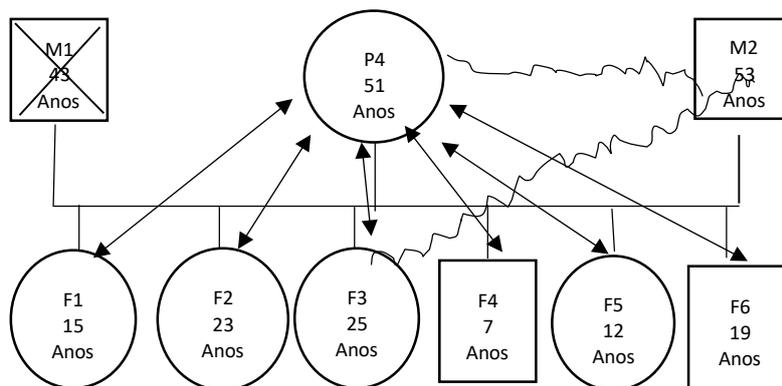
Nesta família, apenas P4 e a sua filha F3 trabalham; praticam comércio informal e vivem de renda baixa. De acordo com P4, o nível de comunicação e interação entre esta e os filhos é positivo, os filhos são extrovertidos e mantêm entre eles uma relação de amizade, franca, aberta com muito diálogo. Por outro lado, o marido de P4 afigura-se um homem bastante ausente e que não contribui financeiramente para a melhoria das condições de vida da família, o que propicia um relacionamento conflituoso. F3, a filha mais velha de P4, apercebe-se que a mãe e o padrasto vivem numa relação tensa, marcada por conflitos constantes, motivados pelos abandonos frequentes da família pelo padrasto. Esta postura faz com que a relação entre F3 e padrasto não seja positiva.

Para Féres-Carneiro (2013), pesquisas sobre famílias recasadas apontam que essas famílias são mais aptas para promover a saúde emocional na família quando o padrasto desenvolve um vínculo afectivo com a criança e o adolescente. Neste sentido, a ausência ou abandono, por parte deste, a família pode se tornar abalada, fragilizada ou esvaziada.

#### **4.2.4.2 O Genograma da Família de P4**

A partir de dados colhidos pela entrevista, mapeou-se a estrutura do sistema familiar, suas relações e explorou-se o seu funcionamento, analisando o tipo de comunicação e interação existentes. Os padrões de proximidade para a gestão da família (hierarquia e coesão), os possíveis conflitos e perdas dentro do sistema, expressos na entrevista, como se pode ver no Genograma.

**Gráfico 4: Genograma da Família de P4**



**Legenda**

- Homem
- Mulher
- Homem falecido
- Relacionamento conflitual entre os membros

O genograma da família de P4 mostra que existe um relacionamento conflitual entre P4 e o seu novo esposo, entre F3, a filha mais velha da família, e o seu padrasto M2.

**4.2.4.3 Teste FAST da Família de P4**

Na representação típica de sua família, P4 sobrepôs o seu boneco nos cilindros para indicar quem tem mais poder na família. Neste caso, a P4 é o membro do sistema familiar que tem mais autoridade, manda e coordena a família. Em termos de coesão familiar, P4 representou o boneco dela e dos filhos juntos um do outro, mas colocou o boneco do seu esposo fora da grelha familiar, como se pode ver na tabela 10.

**Tabela 10: Representação Típica de P4**

|   |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
|---|---|---|----|----|----|----|---|---|---|
| 9 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
| 8 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
| 7 |   |   |    | P4 |    | M2 |   |   |   |
| 6 |   |   |    | F2 | F3 |    |   |   |   |
| 5 |   |   | F1 | F4 | F5 | F6 |   |   |   |
| 4 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
| 3 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
| 2 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
| 1 |   |   |    |    |    |    |   |   |   |
|   | 1 | 2 | 3  | 4  | 5  | 6  | 7 | 8 | 9 |

Na representação ideal, P4 coloca a si e ao seu marido na mesma posição sobrepondo-se aos restantes membros da família, indicando o seu desejo de ambos terem o mesmo poder no governo da família. Quanto ao nível da coesão, P4 representou os membros do seu sistema familiar juntos uns dos outros. A tabela 11 indica a dinâmica que P4 gostaria que existisse no seu sistema familiar: paridade, ou seja igualdade, coesão ou isto é união.

**Tabela 11: Representação Ideal de P4**

|   |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
|---|---|---|----|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |   |    | P4 | M2 |   |   |   |   |
| 6 |   |   | F1 | F2 | F3 |   |   |   |   |
| 5 |   |   | F4 | F5 | F6 |   |   |   |   |
| 4 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |   |    |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2 | 3  | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

Na situação conflitual, P4 posicionou-se junto dos seus filhos, e colocou M2 fora da grelha do tabuleiro indicando baixa coesão no sistema familiar por causa da exclusão de um dos membros, que é M2, como se nota na tabela 12.

**Tabela 12: Representação Conflitual de P4**

|   |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
|---|---|----|----|----|---|----|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
| 7 |   |    | P4 |    |   | M2 |   |   |   |
| 6 |   | F1 | F2 | F3 |   |    |   |   |   |
| 5 |   | F4 | F5 | F6 |   |    |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |   |    |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5 | 6  | 7 | 8 | 9 |

#### 4.2.5 Caso da Família de P5

##### 4.2.5.1 Entrevista

A P5 é a primeira das duas esposas de M1 com quem tem seis filhos (F1, F2, F3, F4, F5 e F6), dos quais F6 já falecida. Com a segunda esposa R, M1 não tem filhos. F1 é um rapaz de 13 anos, frequenta o ensino secundário e recebe apoio do CDMM. F2 é um jovem de 20 anos de idade que abandonou a escola e ocupa-se de comércio informal. F3 é uma jovem de 22 anos, não estuda, tem marido com o qual possui duas filhas, uma de 1 ano e a outra de 5 anos de idade. F4 é uma mulher de 26 anos, tem um marido com o qual possui dois filhos, um de 5 anos e o outro de 7 anos. F5 é uma mulher de 33 anos de idade, divorciada e possui três filhos: um de 5 anos de idade, outro de 12 anos, frequenta o ensino primário, o terceiro de 16 anos, que frequenta o ensino secundário e, por fim, F6, a falecida, que deixou dois filhos, um de 14 anos que frequenta o ensino secundário e recebe apoio do Centro Dia, e uma rapariga de 15 anos que, como o irmão, também frequenta o ensino secundário. Portanto, o sistema familiar de P5 é composto por um total de dezanove membros.

Nesta família, os membros que trabalham são: P5, como comerciante informal, a segunda esposa de M1, como empregada doméstica; F3, como comerciante informal; genro de P5, marido de F4 que é pedreiro e F5 como babá. A família de P5 pediu apoio do CDMM para o acolhimento de suas crianças, por causa da sua situação financeira precária.

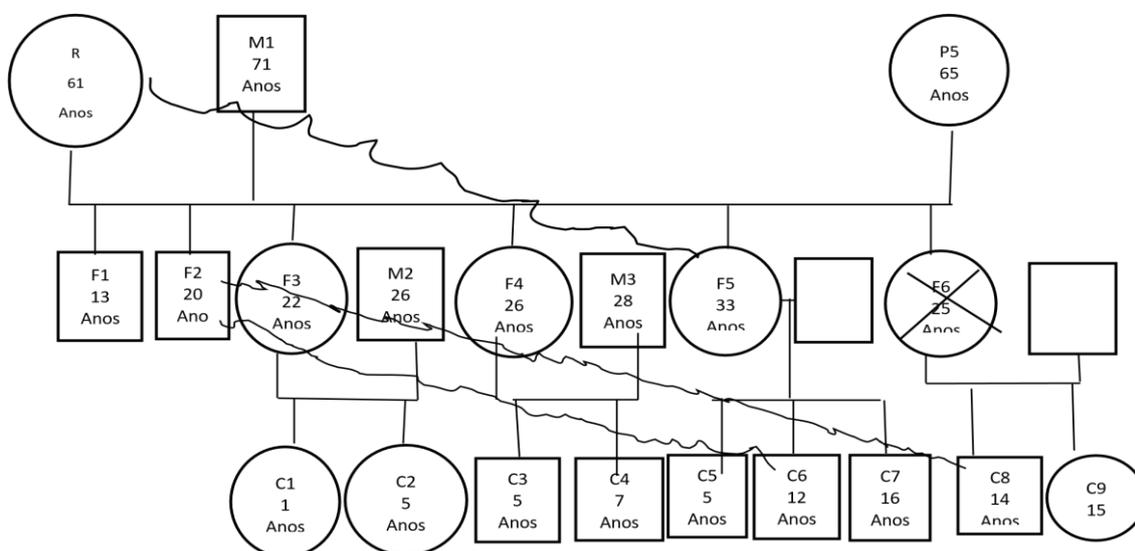
No que se refere ao nível de relacionamento, P5 disse: “*somos muitos em casa, às vezes é complicado todos se darem bem, mas nós conversamos de vez em quando*”. Entre excelente, razoável ou negativo, P5 considera o relacionamento entre os membros de sua família negativo. De acordo com P5, a família vive momentos de tensão e desordem

causadas por F2, que é consumidor de bebidas alcoólicas. O comportamento de F2, de modo particular sob efeito de álcool, faz com que os seus sobrinhos, netos de P5, não gostem de interagir com ele. Outra situação que transparece na família de P5 é a relação conflitual entre a segunda esposa R de M1 e a F5, sua filha. Sobre esta questão, P5 afirmou não se sentir confortável para falar nisso.

#### 4.2.5.2 O Genograma da Família de P5

Os padrões de relacionamento no sistema familiar, bem como o grau de proximidade e tensões entre os membros da família de P5 estão projectados no Genograma 5.

**Gráfico 5: Genograma da Família de P5**



#### Legenda



Homem



Mulher



Mulher falecida

Relacionamento conflitual entre os membros

O Genograma acima indica que a família de P5 é formada por muitos membros. O relacionamento na família de P5 é conflitual. Não existe harmonia entre F2, C6 e C8, assim como há uma tensão relacional entre a segunda esposa de M1 e F5.

### 4.2.5.3 Teste FAST da Família de P5

A família de P5 é a que tem maior número de membros, dentre as famílias que a pesquisadora estudou, esta é um exemplo típico de famílias africanas, que comportam no mesmo círculo de convívio pais, filhos, tios, avós, entre outros. A tabela 13 ilustra os sentimentos de P5.

**Tabela 13: Representação Típica de P5**

|   |   |    |    |    |    |    |    |   |   |
|---|---|----|----|----|----|----|----|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |    |    |   |   |
| 8 |   |    |    | M1 |    |    |    |   |   |
| 7 |   | P5 |    |    |    | R  |    |   |   |
| 6 |   | F1 | F3 | M1 | F4 | M2 | F5 |   |   |
| 5 |   |    | C1 | C2 | C3 | C4 | C5 |   |   |
| 4 |   |    |    | C8 | C9 | C6 | C7 |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |    |    |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |    |    |   |   |
| 1 |   |    | F2 |    |    |    |    |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7  | 8 | 9 |

Na representação típica da família, P5 representou o seu esposo M1 na posição mais alta em relação aos restantes membros da família, demonstrando ser este quem detém o poder na família; no nível um pouco mais abaixo representou a si mesma e a segunda esposa de M1 e representou os seus filhos no terceiro nível da hierarquia.

Em situação ideal, P5 representou os membros da sua família perto um do outro, o que significa que apesar do estilo de vida que a sua família tem, vê como modelo ideal de família para si, uma família onde reina a união e a harmonia entre os membros do sistema familiar, como se pode observar na tabela 14.

**Tabela 14: Representação Ideal de P5**

|   |   |    |    |    |    |    |    |    |   |
|---|---|----|----|----|----|----|----|----|---|
| 9 |   |    |    |    |    |    |    |    |   |
| 8 |   |    |    | M1 |    |    |    |    |   |
| 7 |   | P5 |    |    |    | R  |    |    |   |
| 6 |   | F1 | F2 | F3 | M1 | F4 | M2 | F5 |   |
| 5 |   |    |    | C1 | C2 | C3 | C4 | C5 |   |
| 4 |   |    |    | C8 | C9 | C3 | C6 | C7 |   |
| 3 |   |    |    |    |    |    |    |    |   |
| 2 |   |    |    |    |    |    |    |    |   |
| 1 |   |    |    |    |    |    |    |    |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7  | 8  | 9 |

Na representação da situação conflituosa, P5 pôs R a segunda esposa de M1 muito distante de si, o que significa que o conflito entre as duas esposas de M1 é acentuado, como mostra a tabela 15.

**Tabela 15: Representação Conflitual de P5**

|   |    |    |    |    |    |    |   |   |   |
|---|----|----|----|----|----|----|---|---|---|
| 9 |    |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 8 |    |    |    | M1 |    |    |   |   |   |
| 7 |    | P5 |    |    |    | R  |   |   |   |
| 6 | F1 | F3 | M1 | F4 | M2 | F5 |   |   |   |
| 5 |    | C1 | C2 | C3 | C4 | C5 |   |   |   |
| 4 |    |    | C8 | C9 | C6 | C7 |   |   |   |
| 3 |    |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 2 |    |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 1 |    | F2 |    |    |    |    |   |   |   |
|   | 1  | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7 | 8 | 9 |

#### 4.2.6 Caso da Família de P6

##### 4.2.6.1 Entrevista

P6, vive numa família composta por oito membros: a mãe, o pai, dois irmãos, o marido e dois filhos, F1 de 12 anos que frequenta o ensino primário e F2 de 14 anos, que frequenta o ensino secundário, ambos com apoio do CDMM.

A P6, referindo-se à dinâmica relacional no sistema familiar, denuncia a existência dum relacionamento conflitual entre ela e o marido assim como entre o pai e a mãe. O relacionamento conflituoso entre P6 e o marido deve-se ao facto de este ter mudado bastante nos últimos anos. Desde que M3, esposo de P6 ficou desempregado, vive acusando a esposa de ofensa e falta de respeito. A P6 diz não entender o porquê de tais acusações, pois ela faz de tudo para trazer comida para casa.

A situação da família de P6 é comum em famílias em que o provedor principal se encontra desempregado, criando um funcionamento anormal na família. O desemprego, o baixo nível socioeconómico e o isolamento da mulher em relação à família de origem constituem um dos factores da violência doméstica (Couto et al., 2007).

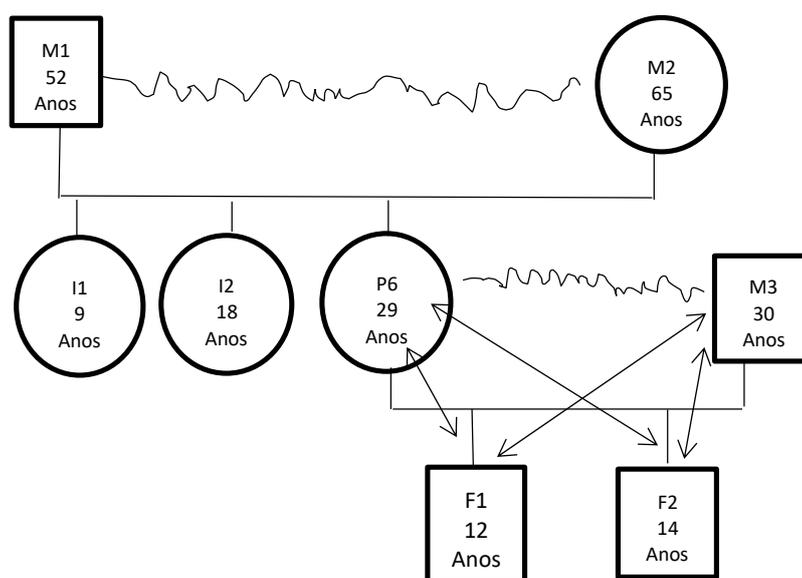
Quanto ao conflito entre os seus pais, P6 demonstrou não querer abordar o assunto, nem se referiu aos motivos, limitando-se a dizer que as discussões entre os seus progenitores acontecem geralmente no período nocturno e nas primeiras horas do dia. Reconhece que

estes conflitos não são benéficos para os seus filhos. Por isso, está a pensar em sair da casa de seus pais com o seu marido e filhos para uma casa arrendada. A P6 mantém viva a esperança que um dia, com a mudança de casa e com a possibilidade de M3 de novo estar empregado.

#### 4.2.6.2 Genograma da Família de P6

Com base nos dados colhidos pela entrevista construiu-se o gráfico 6, abaixo indicado.

**Gráfico 6: Genograma da Família de P6**



#### Legenda



Homem



Mulher



Relacionamento conflitual entre os membros

O genograma representado no gráfico 6 indica haver uma interação conflitual entre alguns membros, dentre os quais M1 e M2.

#### 4.2.6.3 Teste FAST da Família de P6

Para o Teste FAST, P6 representou os seus pais, M1 e M2, que são os donos de casa, no nível mais alto da hierarquia da família, seguidos dela mesma, os irmãos e o seu marido. No nível mais baixo da hierarquia, representou os seus filhos, como se pode observar na tabela 16.

**Tabela 16: Representação Típica de P6**

|   |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|----|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 7 |   |    | M1 |    | M2 |    |   |   |   |
| 6 |   | I1 | I2 | P6 |    | M3 |   |   |   |
| 5 |   |    |    | F1 | F2 |    |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7 | 8 | 9 |

Na representação típica do sistema familiar, P6 colocou os seus pais distantes um do outro, assim como ela mesma e o marido também distantes um do outro, o que revela fraca coesão entre os membros da família. Na situação ideal, P6 representou os seus pais no topo da hierarquia familiar, seguidos de si mesma ladeada pelos seus irmãos e esposo e no terceiro nível de hierarquia, colocou os seus dois filhos. P6 representou todos os membros da família perto um do outro, o que indica como ela gostaria que a sua família funcionasse. A tabela 17 expressa o facto desejado da união da família do P6.

**Tabela 17: Representação Ideal de P6**

|   |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|---|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 7 |   |    | M1 | M2 |    |   |   |   |   |
| 6 |   | I1 | I2 | P6 | M3 |   |   |   |   |
| 5 |   |    |    | F1 | F2 |   |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |   |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6 | 7 | 8 | 9 |

Na situação conflitual, P6 representou seus pais distantes um do outro, assim como representou a si e ao marido também distantes um do outro, como se pode notar na tabela 18 abaixo indicado.

**Tabela 18: Representação Conflitual de P6**

|   |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
|---|---|----|----|----|----|----|---|---|---|
| 9 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 8 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 7 |   |    | M1 |    |    | M2 |   |   |   |
| 6 |   | I1 | I2 | P6 |    | M3 |   |   |   |
| 5 |   |    |    |    | F1 | F2 |   |   |   |
| 4 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 3 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 2 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
| 1 |   |    |    |    |    |    |   |   |   |
|   | 1 | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7 | 8 | 9 |

#### 4.2.7 Comunidade Educadora do Centro Dia Mães de Mavalane

No âmbito da recolha de dados visando analisar o funcionamento do sistema comunitário que acolhe crianças em situação de vulnerabilidade, foram entrevistados os educadores de infância que trabalham no CDMM. As questões colocadas, tinham como objectivo recolher dados sobre o comportamento das crianças, do ponto de vista da comunicação, interacção e relacionamento, o aproveitamento pedagógico e o tipo de interacção que os educadores desenvolvem com os pais das crianças acolhidas pelo CDMM.

##### 4.2.7.1 Entrevista do Caso E7

E7 é educadora de infância de 47 anos de idade e trabalha no Centro há 24 anos. Para esta educadora de infância, um dos grandes desafios que tem enfrentado ao lidar com crianças vulneráveis do Centro Dia Mães de Mavalane é conseguir conquistar a sua confiança, *“o educador deve ser aberto de modo que a criança não crie distância connosco, mostrar uma cara alegre”*, pois só assim as crianças serão abertas, comunicativas e sinceras.

Segundo Freud (1979), as crianças nesta fase apresentam um comportamento em relação a outras pessoas um tanto turbulento, irreflectido e internamente muito sensíveis. Os seus estados de espírito são tão contraditórios, que variam entre o optimismo leviano e o mais sombrio pessimismo. Contudo, as suas relações com a realidade da vida é com o ambiente externo ajudam-nas a fortificar o seu Ego no combate dos desejos do seu id socialmente não aceites. Assim, de acordo com Freud (1979), nesta situação de conflito, quando o Ego da criança se coloca do lado das influências externas, diz-se que a criança é “boa”. Se ficar do lado do Id e luta contra as restrições impostas, a gratificação pulsional pela educação é “má”.

Para E7, de uma maneira geral, as crianças são comunicativas e interactivas dependendo da atitude que o educador tiver para com elas. Ela nota que as crianças reagem com antipatia em relação ao educador. De acordo com E7, *“o comportamento da criança vulnerável aqui no centro depende de onde ela passou e do ambiente familiar em que viveu”*. A pesquisadora corrobora com a ideia da educadora E7, segundo a qual a criança apresenta no sistema comunitário o comportamento que traz do sistema familiar em que está inserida. Portanto, se esse comportamento não for positivo, o desafio da comunidade educadora é de moldar esse comportamento de tal forma que venha a ser positivo.

A E7 tem certeza que a natureza do ambiente familiar afecta o aproveitamento pedagógico das crianças. *“se a criança em casa vive com ameaças, porque o ambiente familiar não é bom, o aproveitamento pedagógico também não vai ser bom”*. Mas, quando o ambiente familiar é harmónico, pacífico e amoroso, a criança recebe toda a atenção e carinho, e o aproveitamento pedagógico tende a melhorar.

Minuchin (1976) afirma que a família como um sistema dinâmico, se subdivide em outras estruturas ou subsistemas com funções bem determinadas, ela é reprodutora de harmonia, com uma definição de Hierarquia e criação de um clima de coesão e um ambiente que promove a educação das crianças, e elementos influenciam o desenvolvimento da criança quer no contexto social, familiar quer no contexto escolar. Nota-se, entretanto, que a falta de um clima de coesão nas famílias das crianças tem estado a influenciar negativamente o desempenho escolar dessas crianças.

Em relação ao diálogo entre os membros do sistema comunitário e os do sistema familiar, E7 disse haver contactos frequentes. Sempre que uma das crianças apresenta um comportamento desviante, chama-se os pais para averiguar até que ponto o clima familiar não está por trás do comportamento negativo dos filhos, *“nós colhemos o que semeamos. Se a criança ouve insultos em casa, também vai insultar os outros”*.

Embora as crianças estejam no centro ou longe dos seus pais, a participação dos pais na educação dos mesmos, a chamada de atenção e os diálogos tornam-se essenciais para o desenvolvimento das crianças no contexto escolar, pois, a ausência dos pais poderá propiciar que as crianças tenham medo excessivo, desenvolvam ansiedade extrema, comportamentos desviantes e outros problemas desafiadores (Féres-Carneiro, 2013).

#### **4.2.7.2 Entrevista do Caso E8**

E8 tem 43 anos de idade e trabalha no CDMM há 16 anos como educador artesanal. Ensina as crianças a arte de pintura de batik e da dança. Este educador afirmou haver na sua turma todo o tipo de crianças, as que demonstram interesse em aprender, essas falam, comentam, fazem perguntas e demonstram dedicação às aulas, por outro lado, há aquelas crianças cujo mau comportamento compromete a sua aprendizagem e a de outras crianças, essas situações verificam-se nas crianças independentemente da sua situação de vulnerável ou não.

Além do referido anteriormente, têm-se registado faltas frequentes e desistências de algumas crianças, no sector de artesanato, uma situação normal no começo do ano lectivo, onde começam 16 alunos e somente a metade de alunos chegam ao fim do semestre. E8 acredita que essa atitude, de modo particular em crianças em situação de vulnerabilidade seja causada por desmotivação muitas vezes acentuada pelos conflitos e carência vividos nos sistemas familiares, as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias, fazem com que as crianças abandonem a escola para se dedicarem ao trabalho informal. Na qualidade de educador, E8 procura ser simpático e aberto com as crianças, porque entende que elas vêm de um meio familiar difícil e precisam de paciência.

#### **4.2.7.3 Entrevista do Caso E9**

A E9 tem 49 anos de idade e é educadora de infância no CDMM há 8 anos. Mantém com crianças em estudo um relacionamento harmonioso e positivo e considera-as obedientes. Para E9, a maior parte das crianças fala pouco e é acanhada. Porém, aquelas crianças que tomam iniciativa de falar são muito curiosas e fazem muitas perguntas.

De acordo com E9, as crianças em estudo têm consciência da sua condição de pobreza, no entanto, para esta educadora, este aspecto não faz com que se sintam diferentes de outras crianças. Elas sentem-se muito bem no Centro, até às vezes perdem a noção da hora de voltar à casa. Muitas vezes, E9 e outros educadores costumam lembrar as crianças a hora de regressarem à casa. A leitura que faço, como pesquisadora, do comportamento destas crianças é que, por um lado, existe um distanciamento entre a criança e o seu sistema familiar, a partir do momento que estas se sentem melhor no centro em detrimento do ambiente familiar. Por outro, existe uma falta de preparação para integração das crianças no seu sistema familiar, o que, de alguma forma, constitui uma fragilidade que pode criar impacto no desenvolvimento emocional e psicológico destas crianças.

E9 afirmou que existem alunos com bom e mau aproveitamento escolar. O mau aproveitamento escolar deve-se fundamentalmente ao ambiente vivido em casa *“há crianças que chegam aqui, a gente dá-lhes aulas, mas elas não estão connosco, não se concentram. Quando investigamos se o que ela tem, é normal, descobrimos que em casa houve algum conflito familiar”*.

Na tentativa de encontrar uma solução conjunta entre o CDMM e as famílias, visando ajudar as crianças a superar as dificuldades que vivem no seu ambiente familiar, os educadores procuram os pais das crianças, mas, de acordo com E9: *“Muitas vezes não conseguimos falar com os pais biológicos das crianças, ou porque estão ausentes, separados ou divorciados ou ainda porque morreram, por isso acabamos por falar com os tios, os irmãos ou os avós”*.

Bowlby (1971) refere que a família enfraquece quando fracassa no cumprimento de suas funções essenciais. Uma dessas funções é a educação presencial do casal, caso contrário, instala-se no sistema familiar um ambiente prejudicial para o desenvolvimento psíquico, emocional e social da criança. O abandono dos filhos, não prestando qualquer tipo de ajuda e muito menos a educação dos filhos podem perigar o seu desenvolvimento, e ao mesmo, comprometer o seu percurso escolar.

#### **4.2.7.4 Entrevista do Caso E10**

E10 tem 42 anos de idade e é uma educadora de crianças vulneráveis que trabalha no CDMM desde 2016. Para esta educadora, o comportamento que as crianças apresentam no Centro Dia depende do ambiente familiar de onde elas vêm. Há crianças vulneráveis com comportamento agressivo, mas também existem as que são quietas, por isso o trabalho da educadora varia de criança para criança. Para E10, o comportamento de uma criança é moldado em casa onde cresce com os pais, irmãos e avós. A situação de conflitos dentro do sistema familiar pode ser responsável por instaurar a vulnerabilidade na família e, por sua vez, esses conflitos tornarem as crianças agressivas ou passivas em termos de comunicação.

### 4.3 Quadro Resumo das Características dos Casos Analisados

#### 4.3.1 Dados Anagráficos e Sociais das Famílias e dos Educadores

Para o presente estudo, foram seleccionados seis pais das crianças beneficiárias de apoio do CDMM e quatro educadores de infância que prestam serviços no mesmo centro. As tabelas que seguem dão um panorama dos dados anagráficos sociais das famílias e dos educadores que participaram no estudo.

**Tabela 19: Dados das Famílias Entrevistadas**

| Nome | Idade | Estado civil | Agregado | Actividade que desempenha       | Pessoas que trabalham |
|------|-------|--------------|----------|---------------------------------|-----------------------|
| P1   | 47    | Viúva        | 6        | Agricultura                     | 1                     |
| P2   | 46    | Separada     | 3        | Agricultura e comércio informal | 1                     |
| P3   | 63    | Viúva        | 8        | Comercio informal               | 2                     |
| P4   | 51    | Separada     | 7        | Comércio informal               | 2                     |
| P5   | 65    | Casada       | 19       | Comercio informal               | 5                     |
| P6   | 29    | Casada       | 9        | Comercio informal               | 1                     |

**Tabela 20: Dados das Educadoras Entrevistadas**

| Nome do entrevistado | Idade   | Função no CDMM                      | Experiência de trabalho no CDMM |
|----------------------|---------|-------------------------------------|---------------------------------|
| E7                   | 47 anos | Educadora de infância               | 24 anos                         |
| E8                   | 43 anos | Educadora infância (artesanal)      | 16 anos                         |
| E9                   | 49 anos | Educadora de Infância               | 8 anos                          |
| E10                  | 42 anos | Educadora de infância (vulneráveis) | Desde 2016                      |

A tabela 19 mostra que foram entrevistados seis pais e encarregados de educação, responsáveis de famílias. As seis famílias têm um total de 52 pessoas, entre pais, irmãos, conjugues, filhos, genros, noras e netos da pessoa entrevistada. Em média, são cerca de oito pessoas por família, sendo que a família com maior agregado tem 19 pessoas a viverem na mesma casa, e a família com menor agregado tem 3 membros, que são a mãe e seus dois filhos.

De acordo com Chacachama et. al (1999) e Mwaura (2015), a perspectiva ocidental prevê que uma família é apenas composta pelos membros nucleares: pai, mãe e menos de três

filhos. Mesmo em termos de casamento, a família ocidental apenas prevê um casamento monogâmico, o que difere daquilo que foi encontrado neste estudo, que é o poligâmico. Porém, a família africana é tipicamente alargada, incluindo todos os familiares e todos aqueles que, por amizade, solidariedade, ou outras situações casuais, se juntam à família. Normalmente é patriarcal, matrilinear, patrilinear, multigeracional e multiétnica, o que caracteriza um sistema familiar africano os seus valores culturais, típicos ensinamentos morais e cristãos, secularismo e a religiosidade e outras ideologias. Por fim, a família africana pode resultar de um casamento poligâmico, como ocorreu com uma das famílias que participou do estudo.

Das 52 pessoas que constituem o agregado das seis famílias que participaram no estudo, 12 trabalham, das quais mais de 70% são comerciantes informais, sendo que as restantes se dividem entre os que trabalham na machamba, os que são empregadas domésticas, babás e pedreiros. Estas actividades são de baixa renda, o que faz com que seja difícil sustentar famílias numerosas, daí que o desemprego da maioria dos pais seja um dos factores que contribuem para a vulnerabilidade das crianças.

Das seis famílias estudadas, apenas duas têm pai e mãe vivendo na mesma casa, três são viúvas, uma delas voltou a juntar-se com outro homem e, mesmo assim, não se manteve na nova relação, fazendo com que o número de mulheres separadas da amostra seja de duas. Grande parte das crianças em estudo são órfãs e filhos de pais separados.

Dos 23 filhos das seis famílias que participaram no presente estudo, 17 crianças são órfãs de pai. Segundo o Ministério da Educação e Cultura (2009) a orfandade contribui em grande medida para a vulnerabilidade não só financeira, mas também emocional e educacional das crianças. Sem pai, a mãe é obrigada a assumir o lugar de paternidade, de autoridade e de tomada de decisão na família, para garantir o bom funcionamento do sistema familiar. Estas mães, cujas actividades se dividem entre agricultura e comércio informal, passam todo o período do dia, muitas vezes até dias seguidos distante, dos filhos, a trabalhar para aliviar a carência que se vive em casa.

De todos os pais entrevistados, com a excepção de um que frequentou a 10ª classe, nenhum outro possui formação escolar. Este facto faz com que os pais não sejam capazes de efectuar o acompanhamento pedagógico de seus filhos, estando por isso ausentes do processo do ensino aprendizagem dos filhos.

As famílias entrevistadas que pediram apoio ao CDMM possuem algumas características comuns que contribuem para a vulnerabilidade das crianças e do próprio sistema familiar, com destaque para os seguintes aspectos:

- A orfandade paterna, na maior parte dos casos, pois as crianças órfãs assistidas por este centro carregam consigo traumas psicológicos. A orfandade gera uma situação de desestruturação da hierarquia e coesão familiar, porque coloca o membro que fica a desempenhar vários papéis.
- O abandono dos filhos por parte dos pais, não prestando qualquer tipo de ajuda e muito menos a educação dos filhos, tanto no caso de orfandade paterna, como no caso em que os esposos abandonam os lares e as mães são obrigadas a desempenhar o papel de mãe e de pai simultaneamente. Concordando com Bowlby (1971), a família enfraquece quando fracassa no cumprimento de suas funções essenciais. Uma dessas funções é a educação presencial do casal, caso contrário, instala-se no sistema familiar um ambiente prejudicial para o desenvolvimento psíquico, emocional e social da criança.
- Desemprego dos progenitores ou responsáveis pelas famílias, ou a realização de actividade precária e de baixa renda;
- Pobreza, caracterizada por falta de capacidade de garantir bens de primeira necessidade às famílias, bem como a incapacidade de suportar as despesas com escolares, como propinas e material escolar;
- Conflitos entre membros da família, provocados por uma conjugação de circunstâncias, dentre elas: um grande agregado familiar que envolve desde avós, pais, tios, irmãos, primos e em algumas circunstâncias até sobrinhos da criança que beneficia de apoio do CDMM; tensão entre mães e filhos resultantes das frequentes ausências destas, que saem em busca do sustento; passividade dos filhos para com as mães, como forma de cobrar a sua presença; membros da família com vícios, principalmente o de consumo de bebidas alcoólicas.

De acordo com Gorgati et al. (2002), a abordagem psicodinâmica está fundamentada nos princípios da interação entre as instâncias psíquicas do indivíduo com as condições ambientais que permite o desenvolvimento, reestruturação e reorganização da sua personalidade. Tomando também em conta as entrevistas com as educadoras, constatouse que as crianças vulneráveis acolhidas no CDMM apresentam as seguintes características, resultantes do ambiente em que vivem:

- Passividade interactiva e comunicativa
- Agressividade;
- Distracção;
- Ansiedade;
- Angústia causada pela ausência de seus pais.

#### 4.3.2 Níveis de Hierarquia e Coesão dos Sistemas Familiares em Estudo

A tabela 21 apresenta os resultados da dinâmica e funcionamento dos sistemas familiares com crianças vulneráveis que frequentam o Centro Dia Mães de Mavalane. A falta de harmonia nestas famílias é analisada do ponto de vista da coesão e hierarquia em situações típica, ideal e conflitual.

**Tabela 21: Níveis de Hierarquia e Coesão dos Sistemas Familiares**

| Sistema Familiar |                 | Hierarquia | Coesão |
|------------------|-----------------|------------|--------|
| P1               | Situação Típica | Alta       | Média  |
|                  | Sit. Ideal      | Alta       | Alta   |
|                  | Sit. Conflitual | Média      | Baixa  |
| P2               | Sit. Típica     | Alta       | Média  |
|                  | Sit. Ideal      | Alta       | Alta   |
|                  | Sit. Conflitual | Média      | Baixa  |
| P3               | Sit. Típica     | Média      | Média  |
|                  | Sit. Ideal      | Média      | Média  |
|                  | Sit. Conflitual | Média      | Baixa  |
| P4               | Sit. Típica     | Média      | Baixa  |
|                  | Sit. Ideal      | Média      | Média  |
|                  | Sit. Conflitual | Média      | Baixa  |
| P5               | Sit. Típica     | Média      | Baixa  |
|                  | Sit. Ideal      | Média      | Média  |
|                  | Sit. Conflitual | Média      | Baixa  |
| P6               | Sit. Típica     | Média      | Baixa  |
|                  | Sit. Ideal      | Média      | Média  |
|                  | Sit. Conflitual | Baixa      | Baixa  |

Dos dados recolhidos e acima apresentados, é possível observar o funcionamento dos sistemas familiares em estudo, através dos padrões de interacção: hierarquia e a coesão.

#### **4.4. Principais Padrões do Funcionamento do Sistema Familiar Com Crianças Vulneráveis**

Neste estudo, a pesquisadora identificou os seguintes padrões de vulnerabilidade do sistema familiar que fazem com que as crianças sejam vulneráveis:

- Conflitos constantes no sistema familiar;
- Fraca interacção e comunicação familiar;
- Fraca colaboração entre os membros do sistema familiar;
- Inversão de hierarquia e falta de coesão no sistema familiar.

À luz dos padrões acima indicados, a pesquisadora identificou os seguintes índices de vulnerabilidade:

- Fraca proximidade entre os membros da família e a não partilha de poder;
- Pobreza extrema que provoca ausências frequentes das mães no sistema familiar;
- Orfandade;
- Desemprego;
- Não participação e colaboração dos pais nas actividades da escola;
- Baixo nível de escolaridade;
- Alcoolismo;
- Conflitos constantes nos sistemas familiares estudados.

#### **4.5. Síntese Conclusiva**

O sistema comunitário acaba desempenhando um papel fundamental nestas situações, pois responsabiliza-se pelo acolhimento das crianças vulneráveis pelo provimento da escolarização gratuita e pela alimentação, permitindo assim o bom desenvolvimento físico, intelectual e mental das mesmas crianças. A partir deste estudo percebe-se que o funcionamento das famílias de estudo apresenta um nível de interacção e comunicação nos sistemas familiares analisados é bastante reduzido por causa de: conflitos familiares frequentes; longo período de permanência dos filhos no CDMM; ausências dos pais que trabalham na machamba, alguns só regressam a casa para os fins-de-semana, uma fraca colaboração entre os membros do sistema familiar; presença de inversão de hierarquia e falta de coesão no sistema familiar, acompanhado de falta de partilha de poder, tornando as crianças e as famílias mais vulneráveis. Estas vulnerabilidades identificadas durante o estudo, que criam um funcionamento inflexível, é sustentado pela pobreza extrema que

provoca ausências frequentes das mães no sistema familiar, a questão da orfandade evidente no sistema familiar, o desemprego; a falta de participação e colaboração dos pais nas actividades da escola das crianças e o consumo de substâncias psicoactivas, como é o caso de álcool.

## **CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

Neste capítulo apresenta-se e discute-se os pontos importantes e salientes do estudo referentes ao problema, aos objectivos, às perguntas de pesquisa, à literatura consultada, à metodologia de trabalho, aos resultados alcançados no estudo dos casos, as limitações e as possíveis implicações desta pesquisa.

### **5.1. Sumário dos Aspectos Salientes e Sua Discussão**

A situação de vulnerabilidade infantil é uma preocupação para quem lida diariamente com as pessoas em crescimento, isto é, crianças e adolescentes. Por isso, na realização deste estudo, foi de grande importância partir dos dispositivos legais do Estado Moçambicano, para uma maior tomada de consciência da existência do problema da vulnerabilidade das crianças vítimas de violência sexual, de tráfico de seres humanos, de exploração de mão-de-obra ou mesmo devido a fragilidade da sua constituição psíquica e do seu impacto no funcionamento do sistema familiar.

A contextualização do tema e a focalização do problema foi um processo fundamental, pois tornou possível a elaboração dos objectivos e perguntas de pesquisa. Avaliar o funcionamento do sistema familiar com crianças vulneráveis, levou a pesquisadora a um referencial teórico, metodológico e científico e acredita que esta ferramenta vai dar um contributo às instituições de ensino e às comunidades ou centros de acolhimento às crianças, bem como às famílias.

O recurso ao quadro teórico de referência para o estudo ajudou a ter uma visão mais larga do problema, permitindo maior compreensão e interpretação da questão em estudo, a identificação dos instrumentos de pesquisa e análise de dados.

No que diz respeito à metodologia, foi de importância capital definir o tipo de pesquisa, a população e a amostra. A abordagem metodológica foi qualitativa descritiva e analítica. Esta combinação de métodos permitiu a explorar e aprofundar o problema nas suas diversas angulaturas.

A Entrevista, o Genograma e o Test FAST foram instrumentos adequados para avaliação das variáveis em estudo: estrutura do sistema familiar e comunitário, a hierarquia e a coesão, a comunicação e a interacção dos membros do sistema familiar. A observação das normas éticas recomendadas pelo Comité Nacional da Bioética e pela comunidade científica em geral potenciaram o sentido ético profissional e o respeito pela pessoa humana. Portanto, nesta pesquisa, a fase do pré-teste, e a fase propriamente dita do teste,

bem como a categorização dos dados colectados foram os principais momentos metodológicos que tornaram possível a realização deste estudo. A revisão da literatura que integra a visão de vários autores sobre a problemática do sistema familiar e comunitário, sobre a vulnerabilidade e sobre a criança, foi uma base para análise e interpretação dos resultados, para a obtenção de respostas aos objectivos e às perguntas de pesquisa e para posteriores recomendações.

## **5.2 Conclusões em Relação aos Objectivos**

Para a pesquisadora, a definição dos objectivos geral e específicos foi um processo fundamental na pesquisa, pois este favoreceu a identificação das balizas de desempenho em relação ao plano de acção predefinido, das variáveis e padrões do funcionamento do sistema comunitário e familiar com crianças em situação de vulnerabilidade.

### **5.2.1 Objectivo Geral**

O objectivo geral da pesquisa era: **Compreender o funcionamento do Sistema Familiar e Comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane no Bairro de Mavalane “A”.**

Este objectivo foi alcançado à luz das entrevistas feitas às famílias e aos educadores de infância que fizeram parte deste processo. As entrevistas mostraram a existência da fragilidade no funcionamento do sistema familiar que tem o seu impacto na formação da estrutura da personalidade das crianças, sobretudo o tipo de comunicação e interacção que os pais e outros adultos estabelecem com as crianças.

Os participantes da pesquisa manifestaram também que de alguma forma procuram estar numa atitude de escuta, diálogo e empenho na transmissão de princípios e valores da vida que ajudam o crescimento normal das crianças. Mas por causa da responsabilidade que tem de providenciar os meios de subsistência, isso faz com que outras tarefas de maternidade e paternidade não sejam desempenhadas adequadamente, não obstante a vulnerabilidade que as próprias crianças mostram com comportamentos provocatórios de vária ordem.

### **5.2.2. Objectivos Específicos**

No que diz respeito aos objectivos específicos, a pesquisadora julga terem sido alcançados pois os resultados da entrevista, do Test Fast e do Genograma indicaram os aspectos

significativos ligados a cada um dos objectivos traçados neste estudo, que passamos a apresentar.

#### **5.2.2.1. Descrever as Características do Sistema Familiar e Comunitário Com Crianças Vulneráveis Acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane.**

Em relação a este objectivo foram identificadas as seguintes características do nosso grupo de amostra:

- Agregado familiar numeroso e poucas pessoas empregadas.
- Orfandade.
- Abandono do lar, geralmente por parte dos pais das crianças que não prestam nenhum tipo de assistência aos seus filhos;
- Desemprego da parte dos progenitores na sua maioria e os restantes com empregos precários cujos rendimentos são insuficientes não chegam para suprir as necessidades básicas da família.
- Conflitos constantes entre os membros do sistema familiar;
- Desestruturação familiar e não partilha de poder. Os pais raramente fazem acompanhamento escolar e educacional dos seus filhos, deixam isso à responsabilidade dos irmãos mais velhos ou dos demais familiares.
- Pouca ou nenhuma colaboração financeira entre os seus membros, o que obriga a que as mães separadas tenham que suportar sozinhas as despesas da casa. Um dos aspectos que pesa para o mal-estar no caso de sistemas com muitos membros, é o grande desequilíbrio entre o número dos que trabalham e levam rendimentos para casa e o dos que dependem desse dinheiro, que não é suficiente, para satisfazer as necessidades básicas de todos os membros da família.
- Ausência da figura materna, pois esta tem que ir trabalhar para sustentar a família. Ausenta-se às vezes por longos períodos, isto faz com que a interacção mãe e filhos se mostre difícil de modo particular quando estes não aceitam bem esta ausência da mãe. Este facto acaba por criar um clima afectivo baixo no sistema familiar.
- Relacionamento deficiente entre membros da família.
- Ausência paterna que faz com que o poder na família passe geralmente a ser exercido pela mãe, que muitas vezes é a única a trabalhar e tem que gerir não só os filhos, mas também irmão, sobrinhos e as vezes netos.

- Fraca interação entre as famílias, o centro de acolhimento e os demais serviços comunitários.

#### **5.2.2.2. Identificar as Causas da Vulnerabilidade Destas Crianças**

Na perspectiva da pesquisadora, este objectivo foi alcançado na medida em que os instrumentos usados na pesquisa conseguiram fazer o levantamento das seguintes causas da vulnerabilidade das crianças em estudo:

- Desestruturação do sistema familiar;
- Relações conflituosas entre os membros familiares;
- Ausência dos pais;
- Inversão da hierarquia (responsabilidades) no sistema familiar;
- Pobreza que assola os seus sistemas familiares;
- Condições alimentares fracas.

Provavelmente estes elementos não favorecem o bom funcionamento dos sistemas, o que fragiliza as crianças.

#### **5.2.2.3. Identificar o Tipo de Interação Existente Entre a Família e as Suas Crianças**

Este objectivo foi respondido pois os resultados conseguiram demonstrar a existência do seguinte tipo de interacção:

- Ansiedade da parte das mães e dos seus respectivos filhos.
- Angústia causada pela dificuldade de encontrar os meios de subsistência.
- Comunicação tensa entre alguns membros do Sistema familiar.
- Passividade.
- Agressividade causada pela não satisfação das necessidades básicas.

Portanto, o tipo de interacção existente nas famílias estudadas é caracterizado por um clima de tensão, de agressividade, de angústia e de ansiedade.

No que diz respeito ao tipo de interacção existente entre a comunidade educativa do Centro Dia Mães de Mavalane e as crianças, dum forma geral, esta é caracterizado da seguinte forma:

- Revolta da parte dos educadores em relação aos encarregados, porque sentem que há incompreensão da parte de alguns pais e encarregados de educação que não se fazem presentes na escola e a reacção de indignação pelo mau tratamento das crianças no ambiente familiar.

#### **5.2.2.4. Analisar o Funcionamento do Sistema Familiar e Comunitário em Situação de Vulnerabilidade.**

Em relação a este quarto objectivo, também pensamos ter sido respondido, os dados colectados na Entrevista, no Genograma e no Test Fast identificaram os aspectos que mostram como funciona o sistema familiar dos participantes da pesquisa:

- A maior parte dos casos tem família desestruturada. O poder está concentrado sobre um membro do sistema familiar desempenhando vários papéis e também a coesão se apresenta baixa.
- Sistemas familiares sem a presença da figura paterna porque os pais abandonaram a família e não dão nenhuma ajuda para o sustento das crianças muito menos para a sua educação. As mães são obrigadas a desempenhar o papel de mãe e de pai simultaneamente.
- O desemprego dos progenitores ou exercício de alguma actividade de baixa renda que não supre as necessidades da família, o que causa insegurança e mal-estar na família.
- Pobreza, caracterizada pela falta de capacidade de garantir bens de primeira necessidade à família, bem como a incapacidade de suportar as despesas escolares com um impacto no funcionamento das famílias em estudo, pois estas ficam desesperadas e desorientadas não sabendo o que fazer.
- Relação conflitual entre alguns membros da família, provocados por uma conjugação de circunstâncias, tais como, a grandeza do agregado familiar que envolve desde avós, pais, tios, irmãos, primos e em algumas circunstâncias até sobrinhos da criança que beneficia de apoio do CDMM.
- Má distribuição de funções entre os membros do sistema familiar.
- A tensão entre mães e filhos resultante das frequentes ausências que saem em busca de auto-sustento;
- A passividade dos filhos para com as mães, como forma de reclamar a sua presença;
- O consumo de bebidas alcoólicas da parte dos pais, o que desestabiliza a família;
- Fraca colaboração entre os membros do sistema familiar;
- Fraca interacção e comunicação positiva entre os membros da família;
- Falta de hierarquia e coesão no sistema;
- Ausência de articulação proactiva entre a comunidade e as famílias;

- Fraca colaboração entre o sistema comunitário e as famílias.

Os aspectos aqui descritos contribuem para o desequilíbrio da família e da comunidade que fragiliza, conseqüentemente as crianças.

#### **5.2.2.5. Propor Estratégias de Interação a Nível Familiar e a Nível Comunitário, Com Base nos Resultados da Pesquisa.**

A situação de vulnerabilidade infantil é uma situação indesejável e preocupante em todos os países. Os esforços para a sua erradicação devem ser empreendidos por todos. À luz dos resultados colectados propõem-se as seguintes estratégias de interacção a nível familiar e a nível comunitário:

- Ajudar os pais a ter consciência e responsabilidade das suas funções dentro do sistema familiar.
- Estimular os pais e encarregados de educação a proporcionar aos seus filhos um ambiente de afecto, carinho, amor, diálogo e comunicação eficiente.
- Promover encontros formativos que ajudem as crianças a serem mais abertas, interactivas e comunicativas com os seus sistemas familiares e comunitários.
- Ensinar as crianças a aproveitar bem as oportunidades que o CDMM oferece, pois é a principal alternativa que elas têm de sair da situação vulnerável em que se encontram.
- Tomando em consideração que existe fraca interacção entre as educadoras e as crianças, recomenda-se a comunidade do CDMM para que seja melhorada a interacção entre estes, com vista a se tornar mais saudável e positiva, através de palestras diárias sobre os comportamentos que as crianças apresentam, explicando como estes podem influenciar negativamente no seu desenvolvimento e, também, criar abertura para que as crianças possam apresentar as suas preocupações.
- Proporcionar *training* formativo à comunidade educadora para que seja aberta e comunicativa.
- Estabelecer uma interacção intensa e permanente com as famílias das crianças.
- Melhorar os mecanismos de acompanhamento e ou apoio social e psicológico às famílias com especial destaque para as famílias com crianças acolhidas no CDMM, bem como, às crianças órfãos, filhos de pais separados e com baixa renda, crianças vivendo em famílias potencialmente conflituosas com vista a garantir a sua assistência.

### **5.3 Conclusões em Relação às Perguntas de Pesquisa**

Uma das finalidades da actividade de investigação é dar resposta às perguntas de pesquisa. Nesta secção apresentam-se os resultados que parecem ter respondido às questões de pesquisa, senão vejamos:

#### **5.3.1. Que Características Apresentam o Sistema Familiar e Comunitário com Crianças Vulneráveis Acolhidas no CDMM?**

Os resultados da entrevista, do Test Fast e do questionário, identificaram os seguintes elementos que caracterizam a família e a comunidade com crianças vulneráveis no seu seio:

- Famílias com agregados familiares extensas.
- Sistemas familiares desestruturadas na sua maioria.
- Inversão de hierarquia pois os irmãos mais velhos ou avós é que passam a assumir a responsabilidade da casa e dos irmãos mais novos.
- Desemprego da parte da maioria dos membros do sistema familiar.
- Famílias separadas.
- Falta do sentido de paternidade responsável sobretudo para os pais que abandonaram o lar.
- Relacionamento e comunicação conflitual.
- Famílias com baixo nível de escolaridade.

#### **5.3.2. Quais São as Causas da Vulnerabilidade Destas Crianças?**

No tocante a esta pergunta a pesquisadora acha que foi respondida porque os dados colectados indicam:

- A pobreza
- Relações conflituosas entre os membros familiares, deficientes condições alimentares, A fraca presença dos pais na vida dos filhos; A própria constituição psíquica das crianças como causa da sua vulnerabilidade.

#### **5.3.3. Como Interagem Estas Crianças Com os Seus Pais e Com os Educadores?**

Esta questão foi respondida na medida em que se identificou através das entrevistas, do questionário e do Test Fast o seguinte tipo de interacção das crianças com os pais:

- Impulsividade
- Agressividade silenciosa
- Incompreensão e impaciência diante das necessidades básicas a satisfazer.
- Isolamento

#### **5.3.4. Que Dinâmicas Funcionais ou Disfuncionais se Instauram no Seio das Famílias e a Comunidade Educativa do CDMM Com Crianças Vulneráveis?**

Esta pergunta foi respondida conforme os dados que seguem:

- Pais ausentes na vida dos filhos e na educação dos mesmos.
- Relacionamento conflitual entre alguns membros do sistema familiar.
- Incapacidade de gerir os conflitos no seio da família.
- Sentido de Impotência face às exigências da vida.
- Distanciamento familiar caracterizado pela frieza passividade interacional.
- Ansiedade
- Impaciência da parte dos educadores por causa do comportamento turbulentos das crianças.

#### **5.3.5. Que Estratégias Podem Ajudar as Famílias e o CDMM a Interagir Positivamente Com os Seus Membros Garantindo-lhes Uma Educação e Formação Qualificadas?**

Este aspecto foi respondido pois à luz da literatura consultada foram identificadas as seguintes modalidades de intervenção:

- Consciencializar os pais sobre a sua responsabilidade dentro do sistema familiar;
- Estimular os pais a proporcionar aos seus filhos um ambiente de afecto, carinho, amor e diálogo;
- Promover encontros formativos que ajudem as crianças a serem mais abertas, interactivas e comunicativas com os seus sistemas familiares e comunitários;
- Ensinar as crianças a aproveitar bem as oportunidades oferecidas pelo CDMM;
- Incentivar a comunidade educadora do CDMM para acolher e tratar as crianças com afecto, paciência e harmonia;
- Proporcionar training formativo à comunidade educadora, estabelecer uma interacção de forma intensa e permanente com as famílias das crianças;

- Melhorar os mecanismos de acompanhamento e ou apoio psicossocial às famílias com especial destaque às crianças órfãos, filhos de pais separados.

#### **5.4 Recomendações**

Olhando para os resultados da pesquisa constataram-se aspectos positivos e negativos em relação ao funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis. Por isso, ao terminar este estudo, a pesquisadora considera pertinente tecer algumas recomendações a vários escalões: às crianças, às famílias, às instituições de apoio social, Centro Dia Mães de Mavalane, aos pais e encarregados de educação, às educadoras.

##### **5.4.1 Às Crianças do CDMM**

Freud (1923), diz que o ser humano é um sistema energético que funciona segundo os processos que são governados pelas instâncias psíquicas: O Id, o Ego e o Super-ego. Normalmente as crianças são impulsionadas pelo Id, que age segundo o princípio do prazer, a meter em acção certos comportamentos, sem ter em consideração o ambiente. Também Erikson (1974), falando das fases do desenvolvimento do homem, afirma que este se desenvolve em interacção com o seu ambiente (família, escola, igreja) e que tal desenvolvimento acontece muitas vezes no meio de crise, confusão e desorientação. É neste contexto que a pesquisadora julga ser importante também dar recomendações às crianças:

- Que sejam abertas e saibam interagir com os seus pais encarregados de educação e as educadoras do CDMM.
- Que sejam ajudadas a tomar consciência das suas fragilidades e comportamentos inadequados.
- Que sejam ajudadas a lidar com as dinâmicas internas (necessidades, desejos, sentimentos e atitudes).
- Que se proporcione encontros formativos para elas onde possam aprender a saber estar com outros, saber comunicar-se e saber comportar-se.

##### **5.4.2 Às Famílias e Encarregados de Educação**

Minuchin (1990) enfatiza a importância do sistema familiar como um todo caracterizado por padrões de interacção (hierarquia, coesão, regras e fronteiras) que direccionam e criam um clima favorável para o bom funcionamento do sistema familiar. Sendo a família

a célula fundamental da sociedade, a instituição de socialização primária e de transmissão de valores, é importante e útil deixar algumas recomendações tais como:

- Que as famílias prestem maior atenção ao processo de crescimento dos seus filhos.
- Que os pais e encarregados de educação assumam o seu papel maternal, paternal e educativo de maneira idónea e eficaz.
- Que se exerça a autoridade de forma conveniente, promovam um clima de amor, compreensão, carinho, harmonia junto das suas crianças.
- Que tenham as funções bem definidas e promovam o espírito de interdependência entre os membros.
- Que os pais sejam abertos, flexíveis e colaborativos junto das redes de apoio.
- Que os pais tenham momentos de formação que os ajude e potencie para melhor exercer as suas funções e resolver os seus conflitos no sistema.

#### **5.4.3 Ao Centro Dia Mães de Mavalane**

A sociedade confia às instituições a função de transmitir o património cultural (princípios, valores, regras e costumes) às novas gerações. Sendo o Centro Dia Mães de Mavalane uma instituição educativa é importante e necessária que:

- Assuma o seu papel de forma proactiva junto das crianças vulneráveis.
- Que continue aberta a trabalhar em colaboração com as famílias das crianças vulneráveis.
- Que promova encontros de formação que ajudem os pais e encarregados de educação a assumirem o seu papel paterno e materno.
- Que busque mais parceiros a nível de instituições de ensino superior vocacionadas em terapia familiar e comunitária para dar mais suporte através de capacitações, palestras e sessões de terapia para as crianças e no seu sistema familiar.
- Que esteja atento às crianças sobretudo as mais vulneráveis para poder fazer um acompanhamento devido de maneira a evitar que elas se tornem cada vez mais vulneráveis e se percam.
- Que ofereça um serviço de atendimento que oriente sobre seus os direitos, que lhes deem apoio psicossocial, para que as mesmas recuperem a auto-estima e se preparem para enfrentar a realidade de vida nas suas famílias.

- Que o CDMM proporcione a formação intelectual e preparação profissional às crianças que estão sob sua responsabilidade no processo educativo.
- Que o CDMM lute e multiplique esforços em prol dos direitos das crianças, seja aberta e interaja com outras redes de apoio social que trabalham com crianças.

#### **5.4.4 À Universidade Eduardo Mondlane**

Sendo a UEM, uma Instituição de grande referência no âmbito de investigação a nível nacional e internacional, recomenda-se:

- Que a UEM continue na vanguarda incentivando a investigação ao nível do Mestrado e Doutoramento em Terapia Familiar e Comunitária;
- Que a Faculdade de Educação (FACED) estimule a publicação das pesquisas dos estudantes do Mestrado e Doutoramento em artigos, revistas e outros meios de publicação.
- Que potencie e promova cada vez mais o curso de Mestrado em Terapia Familiar e Comunitário, pelo facto de este trazer uma abordagem inovativa no âmbito da Psicologia.

#### **5.4.5 Implicações da Pesquisa**

Na actividade investigativa nem sempre se consegue esgotar o argumento de estudo. Por isso, a pesquisadora reconhece que há aspectos por explorar que ficam por desenvolver nas próximas pesquisas.

Como implicações práticas a curto prazo, a pesquisadora pensa que esta poderia ser disseminada em:

- Palestras
- Seminários
- Congressos nacionais e internacionais
- Publicação em artigos científicos da instituição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios Familiares* (3ª ed.). Lisboa: Quarteto
- Amaro, F. (2006). *Introdução à sociologia da família*: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Andolfi, M. (1981). *A terapia familiar*. Lisboa: Editora VEJA.
- Andrade, A. & Martins, R. (2011). “Funcionalidade familiar e qualidade de vida dos idosos” *Millenium*, nº 40, p.185-199.
- Ausubel, D. P. (1954). *Teory ond the problema with adolescente development*. Now York: Grume Strantion.
- Ausubel, D. P. (1958). *Drug addiction: Physiological, psychological, and sociological aspects*. Crown Publishing Group/Random House.
- Baggio, A. D. S. G. (2003). *Terapia Familiar no Século XXI: Um Estudo Comparativo*. Monografia apresentada à Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro.
- Bandura, A. (1993). *Perceived Self-efficacy*. in: *Educational Psychologist*.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar Um Projecto de Investigação*. 1ª edição. Lisboa: Gravida.
- Bertalanffy, L. (1971). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Bogdan, R. S. & Biken, S. (2003). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 12ª. Ed. Porto: Porto Editora.
- Bowlby J. (1971). *Cure materne e igiene mental del fanciullo*. Giunti Barbera: Firenze.
- Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and psychopathology. In S. I. Greenspan & G. H. Pollock (Eds.), *The course of life*, Vol. 1. Infancy (pp. 229–270). *International Universities Press, Inc.* (Reprinted from "American Journal of Psychiatry," 1987, Vol. 144; and from "American Journal of Orthopsychiatry," 1982, Vol. 52)
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Sage Publications Ltd.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia Familiar e de Casal*. (8ª edição). São Paulo: Summus.

- Cançado, T. C. L., de Souza, R. S., & da Silva Cardoso, C. B. (2014). *Trabalhando o conceito de vulnerabilidade social*. Universidade de Brasília.
- Castro, C. M. (1976). *Estrutura e apresentação de publicações científicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Centro Dia Mães de Mavalane. (2019). Relatório Anual de actividades. Maputo.
- Chacachama, M. G.; Fernandes, J. D.; Manuel, J. S.; Marcal, M. R. & Pestana, N. (1999). *Direitos humanos: Guia de apoio a cursos de formação*. Angola: Centro Cultural Mosiako.
- Coelho, S. V., Aun, J., Aun, J. G., Esteves Vasconcellos, M., Esteves Vasconcelos, M., & Coelho, S. (2012). *Família como sistema, sistema mais amplo que a família, sistema determinado pelo problema: Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais*, 2, 13-37.
- Conselho de Ministros (2010). *Regulamento dos infantários e dos Centros de Acolhimento a Crianças em Situação Difícil*. Diploma Ministerial nº 278/2010 de 31 de Dezembro de 2010. Moçambique.
- Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(SPE), 95-104.
- Costa, L. (2000). Psicologia clínica e psicologia comunitária: um espaço de diálogo e construção de saberes e fazeres. In H. Fleury & M. Marra (coord.) *Intervenções*.
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Cadernos Democráticos. Lisboa: Gradiva.
- Depicoli, H. et al. (2015). *Políticas públicas e vulnerabilidade social: uma reflexão teórica a partir de experiência de estágio*. Disponível em: [https://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/868](https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/868). Acessado em 13 de Setembro de 2018.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança problemas e influências: *Gestão e desenvolvimento*, nº 9, Viseu: UCP. p. 81-102.
- Dias, M. O. (2012). *Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica. O processo de comunicação no sistema familiar*. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9176>. Acessado em: 12 de Maio de 2019.
- Dicionário de psicologia. (2001). Lisboa: Climepsi Editora.

- Erikson, E. H. (1974). *Juventu e crisis de identitá*. Roma.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Erikson, E. H. (1987). *Infância e Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Féres – Carneiro, T. (1996). *Família: Diagnóstico e terapia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Féres-Carneir, T. (2013). *Casal e família: transmissão, conflito e violência*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Fonseca, F. F., & Sena, R. K., & Santos, R. L. A. (2012). *As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção*. Artigo de Revisão. Minas Gerais.
- Freud, A. (1926-1927/1971). *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, A. (1946/1986). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Freud, A. (1965/1980). *Infância normal e patológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1923). *O Ego e o Id*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1979). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Ed (1979) Standard Brasileira, vol. VII Rio de Janeiro Imago.
- Fox, L. et al, (2008). Poverty in Mozambique: Unraveling Changes and Determinants. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/en/publication/documentshttps://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/920641468053686776/Poverty-in-Mozambique-unraveling-changes-and-determinantsreports/documentdetail/920641468053686776/Poverty-in-Mozambique-unravelinghttps://documents.worldbank.org/en/publication/documents-reports/documentdetail/920641468053686776/Poverty-in-Mozambique-unraveling-changes-and-determinantschanges-and-determinants> Acesso em 26 de setembro de 2018.
- Fundo de Desenvolvimento da Comunidade. (2009). *Projecto de promoção dos Direitos da Criança. Divulgação das Leis de Protecção da Criança*. Moçambique.

- Fundo de Desenvolvimento da Comunidade (FDC) (2009). *Projecto de Promoção dos Direitos da Criança: Divulgação das Leis de Protecção da Criança*. FDC: Maputo.
- Giddens, A. (1999). *O mundo na era da globalização* (trad. do inglês por Saul Barata), Lisboa: Presença.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. *grupais*. São Paulo: Agora.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Gimeno, A. (2003). *A família – o desafio da diversidade*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Gortati *et al.* (2002). *Abordagem psicodinâmica no tratamento dos transtornos alimentares*. Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. São Paulo.
- Instituto Nacional de Estatísticas. (2019). *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017 – Resultados Definitivos*. INE: Maputo.
- Instituto Nacional de Estatística. (2015). *Relatório Final do Inquérito ao Orçamento Familiar IOF2014/15*: Maputo.
- Jesse *et al.* (2000). *Princípios básicos da terapia cognitivo – comportamental*. 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- Klein, M. (1986). *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê*. In M. Klein (Org.). *Os progressos da psicanálise* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. (1984). *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê*. In M. Klein (Org.). *Os progressos da psicanálise* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. (1952). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. (1957). *Inveja e gratidão: estudo das fontes do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laville, C. e Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: UFMG.
- Levin, F. M. (2001). *Statistics for Lawyers*. Springer.

- Macedo, R. M. S. & Kublikowski, I. (2009). *Valores positivos e desenvolvimento adolescente: perfil de jovens paulistanos*. *Psicologia em Estudo*, 14, 689-698.
- Machado, M. (2012). *Compreender a Terapia Familiar*. Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?codigo=A0626](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0626). Acessado em 26 de Junho de 2019.
- Mansinho, L. S. (2001). *Droga de família*. Rio de Janeiro.
- Marconi, M. A. e Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- Marrengula, M. (2010). *Addressing Sociocultural Animation as community based social work with street children in Maputo, Mozambique. Socio-ecological theory and street children's phenomena*. Univeristy of Tampere.
- Marta, T. & Paschoal, G. (2012). *O papel da família na formação social de crianças e adolescentes*. Disponível em: [www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/viewfile](http://www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/viewfile). Acessado em 13 de Julho de 2018.
- Meichenbaum, D. H. (1977). *Cognitive-Behavior Modification: An Integrative Approach*. New York, Plenum.
- Ministério da Educação e Cultura (2009). *Estratégia do Ensino Secundário Geral 2009 - 2015*. Aprovada na XXI Sessão Ordinária do Conselho de Ministros, aos 24/11/09. Maputo.
- Ministério da Educação e Cultura. (2012). *Plano estratégico da educação 2012 – 2016*. Ministério da Educação: Moçambique.
- Ministério das Finanças (2015). *Pobreza e Bem-Estar em Moçambique: Quarta Avaliação Nacional*. Maputo: Ministry of Economics and Finance/DEEF.
- Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. (2015). *Plano Operacional 20152018 do Plano Estratégico da Educação 2012- 2019*. MINEDH. Maputo
- Ministério do Género, Criança e Acção Social. (2019). *Projecto de reassentamento: Quadro da política de reassentamento*. INAS.

- Ministério da Mulher e da Acção Social (2010). *Regulamento dos Infantários e Centros de Acolhimento à Criança em Situação Difícil*. Diploma Ministerial n.º 278/2010: Diploma Ministerial: Maputo.
- Minuchin, S. (1976). *Famiglia e terapia della famiglia*. Roma, Austrolabio Tonolo G. Di Pieri S. Gosps (1995). *L'età incompiuta. Ricerca sulla formazione dell'identità negli adolescenti italiani*. Elle Di Ci, Torino.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*, 1. Porto Alegre: ARTMED.
- Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Harvard College.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre.
- Minuchin, S. (1990b). *Técnicas e terapia familiar*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Minuchin, S. (2006). *Dominando a Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Mitchell, S. A., & Black, M. J. (1995). *Freud and beyond: A history of modern psychoanalytic thought*. Basic Books.
- Modin, E. C. M. (2005). *Um olhar ecológico da família sobre o desenvolvimento humano*. Disponível:  
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download>.  
Acessado em: 14 de Junho de 2019.
- Motta, M. D. C. (2008). *Teoria sistêmica e família, pontos e contrapontos*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires,
- Mwaura, S., Ram, M., Trehan, K., Carter, S., & Jones, T. (2015). Barriers to ethnic minority and women's enterprise: Existing evidence, policy tensions and unsettled questions. *International Small Business Journal*, 33(1), 49-69.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 7ª Ed. Porto Alegre: ARTMED.
- Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão Ago: Goiás.
- Oliveira, S. L. de. *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas: TGI, TCC, monografias, dissertações e teses* (1999). 2. ed. São Paulo: Pioneira.
- Olson, D. H. & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems.

- In Walsh, F. (Eds). *Normal family processes*. (pp. 514-547). New York: Guilford.
- Olson, D., Portner, J., & Lavee, Y. (1983). *Families. What makes them work*. Beverly Hills, Sage Publications.
- Olson, D. H. (1999). Circumplex model of marital & family systems. [Special issue]. *Journal of Family Therapy*.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Osório, L. C. (2002). *Casais e famílias: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: ARTMED.
- Palácios, M. (2001). *O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos*. In: Rubim, A. A. (Org.). *Idade média*. Salvador: UFBA.
- Paschoal, G e Marta, T. (2012). *O papel da família na formação social de crianças e adolescentes*. Disponível em: [www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/viewfile](http://www.confluencias.uff.br/index.php/confluencias/article/viewfile) . Acessado em: 13 de Julho de 2018.
- Pinto, A. C. S., Luna, I. T., Sivla, A. d. A., Pinheiro, P. N. d. C., Braga, V. A. B., & Souza, Â. M. A. (2014). Fatores de risco associados a problemas de saúde mental em adolescentes: revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48, 555-564.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2ª Ed. Universidade Fevale: Rio grande do sul.
- Rabello, E & Passos, J. S. (2001). *Erikson e a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto.
- República de Moçambique (2008). *Promoção e protecção dos direitos da criança*. Boletim da República nº 28, I Série, Lei nº 7/2008, de 9 de Julho. Imprensa Nacional de Moçambique, E.P.

- Ríos-González, J. A. (Coord.) (2003). Vocabulário básico de orientação y terapia familiar. Madrid: Editorial CCS.
- Rodrigues, A. C., Regadas, D., Neves, H., Alves, M., Pereira, S. M. S., & Morais, S. (2007). Genograma: representação gráfica da vida familiar. Disponível em: [http://ead.ipleiria.pt/ucs201314/pluginfile.php/37674/mod\\_resource/content/1/Genograma\\_-\\_psicologia.pdf](http://ead.ipleiria.pt/ucs201314/pluginfile.php/37674/mod_resource/content/1/Genograma_-_psicologia.pdf).
- Rocha-Coutinho, M. L. (2013). A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Santos, A. R. (1999). *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP & A Editora.
- Santos, R. & Momm, C. (2010). Conhecimento científico produzido nos cursos de pós-graduação (strictosensu) em turismo e áreas correlatas no Brasil no período de 2000 a 2006. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 4 (02), 64-85.
- Siqueira, L. Mesquita. (1969). *Pesquisa bibliográfica em tecnologia* São José dos Campos: ITA, (Mimeografado).
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating a strengths-focused approach when working with multi-problem poor families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.
- Sutter, C., & Maluschke, J. S. N. F. B. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1).
- Triola, M. F. (1999). *Introdução à Estatística*. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC.
- UNICEF (2014). *Situação das Crianças em Moçambique*. Maputo. Relatório disponível em: <http://sitan.unicef.org.mz/> acesso em 18 de Outubro de 2019.
- Uhlmann, G. W. (2002). *Teoria Geral dos Sistemas*. São Paulo. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.
- Tosin, A. S. (2005). *O Psicodiagnóstico e as abordagens sistêmico-familiares. Especialista em Terapia Familiar e de Casal. Familiare Instituto Sistêmico. Florianópolis*. Disponível em: [http://www.institutofamiliare.com.br/download\\_anexo/anna-silvia-tosin.pdf](http://www.institutofamiliare.com.br/download_anexo/anna-silvia-tosin.pdf). Acesso em 18 de Outubro de 2019.
- Vergara, S. C. (2000). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas.

Waterhouse, R. (s/d). *Vulnerabilidade em Moçambique: padrões, tendências e respostas*. Disponível em:

[www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/pobreza/IESE\\_Pobreza\\_5.Vulner.pdf](http://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/pobreza/IESE_Pobreza_5.Vulner.pdf).

Acessado em 10 de Junho de 2019.

Weber, M. (1973). Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: Fernandes, F. (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP. Pp. 140-143.

Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa [Genogram use as a collection tool in qualitative research]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302–310.

Yunes, M. A. M. (2011). Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: Dell'Aglio, D. D., Koler, S. H., & Yunes, M. A. M. (orgs). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à protecção*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

# APÊNDICES

## **Apêndice A: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS PAIS OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

A presente entrevista pretende recolher informações sobre como a família convive e interage com crianças em situação de vulnerabilidade. A partir desta avaliação, espera-se identificar as causas que geram a vulnerabilidade nas crianças.

A vossa opinião é importante para o sucesso desta pesquisa. Por isso, peço a vossa colaboração e disponibilidade em participar neste trabalho. Estejam à vontade e asseguro-vos a privacidade de tudo o que vai ser recolhido aqui. A condição das crianças depende muito da intervenção dos pais.

### *Questões – Secção 1 (Questões gerais)*

**1.1** – Para começar, gostaríamos de saber um pouco da história e da composição da família.

---

---

**1.2**– Qual é a profissão ou ocupação do(a) educador (a)?

---

---

**1.3** – Pensa em mudar desse trabalho actual para um outro?

---

---

**1.4** – O trabalho actual basta para sustentar a família?

---

---

**1.5** – Quantos filhos tem?

---

---

1.6 – Todos os seus filhos recebem apoio no Centro Dia Mães de Mavalane?

---

---

1.7 – Porque decidiu mandar a(s) criança(s) para o Centro Dia Mães de Mavalane?

---

---

---

1.8 – Algum membro da família tem algum vício?

---

---

***Questões – Secção 2 (Funcionamento do sistema familiar)***

2.1 – Quem é a pessoa responsável da família? Porquê?

---

---

2.2 – Os membros da família têm conversado muito um com o outro?

---

---

2.3 Há muitos conflitos ou discussões na família ou há mais entendimento?

---

---

2.4 – E a criança, ela conversa muito em casa com os membros da família?

---

---

2.5 – Quais são os membros da família mais achegados e quais são os menos achegados?

---

---

2.6 – Alguém da família tem algum vício? Se sim, qual é a sua consequência na família?

---

---

***Questões – Secção 3 (comportamento da criança dentro do sistema familiar)***

3.1 – A criança tem conversado muito em casa?

---

---

3.2 - Com quem a criança mais conversa em casa e com quem ela conversa menos?

---

---

3.3 - Como descreve a sua criança?

---

---

3.4 – Consideraria a sua criança agressiva ou mansa? Porquê?

---

---

3.5 – Consideraria a sua criança responsável? Porquê?

---

---

3.6 - Tem feito alguma coisa para melhorar a relação familiar e a relação com o seu filho?  
Se sim, que estratégias aplica?

---

---

***Secção 4 (relação com os restantes membros do sistema família)***

4.1 – Como tem sido a convivência da criança com outras pessoas da sua família em casa?

---

---

4.2 O (s) pai (s) consegue levar a criança para passeio?

---

---

4.3 – Alguma vez alguém da família entrou em conflito com a criança? Se sim, como e porquê?

---

---

4.4 – Sente-se triste ou feliz com a maneira como se relaciona e interage com ela? Porquê?

---

---

4.5 – Como gostaria que fosse a relação da família com a criança?

---

---

4.6 – A nossa entrevista chegou ao fim, gostaria de acrescentar alguma coisa que eu não tenha perguntado?

---

---

## **Apêndice B: ENTREVISTA PARA A COMUNIDADE EDUCADORA CENTRO DIA MÃES DE MAVALANE**

A presente entrevista pretende recolher informações, sensibilidades e percepções inerentes à vulnerabilidade das crianças acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane.

Este trabalho é meramente académico e visa obter dados para um estudo sobre o funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis, tomando como estudo de caso o “Centro Dia Mães de Mavalane”. Como educadores das crianças, a vossa opinião é muito importante e indispensável para o sucesso desta pesquisa. Peço a vossa colaboração respondendo a todas as questões possíveis, pois só assim será possível alcançarmos os objectivos desta pesquisa. Agradeço desde já a vossa disponibilidade em participar do estudo e garanto-vos a confidencialidade dos dados fornecidos.

Acolher e educar crianças em situação de vulnerabilidade, exige um cuidado e tratamento especiais na interacção com essas crianças.

1. Quais são os maiores desafios que enfrentam como educadoras em relação às crianças?

---

---

2. De que maneira o Centro Dia Mães de Mavalane tem ajudado as crianças em situação de vulnerabilidade?

---

---

3. Qual tem sido a vossa relação, como educadoras, com os pais das crianças?

---

---

4. Quais são os comportamentos típicos das crianças vulneráveis acolhidas no centro: agressivas, mansas, indisciplinadas, quietas?

---

---

5. Como o (s) educador (es) reage (m) quando as crianças vulneráveis se comportam mal?

---

—

---

—

6. As crianças do Centro são comunicativas?

---

---

7. O aproveitamento pedagógico das crianças vulneráveis é inferior, igual ou superior em relação às crianças não apoiadas pelo centro?

---

---

8. Considerariam as crianças do centro responsáveis?

---

---

9. Como educadores, o que vocês fazem para que as crianças se sintam incluídas?

---

---

10. Além do apoio com material escolar, propinas e alimentação, o Centro Dia Mães de Mavalane desenvolve actividades em vista a reduzir a vulnerabilidade das crianças?

---

---

11. Quais são as expectativas que o Centro Dia Mães de Mavalane tem em relação ao combate sobre a vulnerabilidade das crianças?

---

---

12. O que o Centro Dia Mães de Mavalane espera dos pais e das outras comunidades de acolhimento no combate contra a vulnerabilidade das crianças?

---

---



## **Apêndice D: SOLICITAÇÃO DE REVISÃO DO PROTOCOLO**

### **AO COMITÉ INSTITUCIONAL DE BIOÉTICA EM SAÚDE DA FACULDADE DE MEDICINA & HOSPITAL CENTRAL DE MAPUTO (CIBS FM & HCM)**

ASSUNTO: Solicitação de Revisão do Protocolo

Florência Saquina Mulungo Jossefa, investigadora do estudo sobre “*O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane*”, na cidade de Maputo, mestranda em Terapia Familiar e Comunitária, sob supervisão da Pr<sup>fa</sup> Doutora Bernadete Tesoura, solicita ao Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de Medicina & Hospital Central de Maputo (CIBS FM & HCM) a revisão do protocolo.

Pede deferimento

Maputo, Abril de 2019

Assinatura da supervisora

---

Pr<sup>fa</sup> Doutora Bernadete Tesoura

Assinatura da investigadora principal

---

Florência Saquina Mulungo Jossefa

## **Apêndice E: COMPROMISSO DA INVESTIGADORA**

### **COMPROMISSO DA INVESTIGADORA EM MANTER OS PRINCÍPIOS DE BIOÉTICA**

Eu, Florência Saquina Mulungo Jossefa, investigadora principal do estudo “*O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane*”, na cidade de Maputo. Comprometo-me, em cumprir todos os requisitos éticos nacionais e internacionais estipulados para a pesquisa envolvendo humanos, respeitar autonomia individual dos participantes do estudo, maximizar os benefícios e minimizar os riscos, bem com proteger a privacidade e manter a confidencialidade de todos os participantes da pesquisa. Comprometo-me igualmente em não efectuar qualquer alteração ao protocolo aprovado pelo Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de Medicina e Hospital Central de Maputo CIBS FM & HCM), do consentimento informado ao meu estudo e processar toda a informação obtida com toda confidencialidade. Finalmente, comprometo-me que todos os dados recolhidos no âmbito deste estudo não serão usados para quaisquer outros fins que não sejam os referidos no protocolo da pesquisa submetido ao CNBS.

Maputo, Abril de 2019

---

Florência Saquina Mulungo Jossefa

## **Apêndice F: DECLARAÇÃO DO CONFLITO DE INTERESSE**

### DECLARAÇÃO DO CONFLITO DE INTERESSE

Eu, Florência Saquina Mulungo Jossefa, investigadora principal do estudo “*O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane*”, Na cidade de Maputo, declaro que participei na elaboração do protocolo da pesquisa e estarei directamente envolvida na colecta de dados, sua análise, interpretação e apresentação dos resultados da pesquisa acima citada. De salientar que o presente estudo, não trará nenhum benefício financeiro. Ela é levada pelo interesse científico e pela sua importância para a saúde pública no caso concreto de crianças vulneráveis. Assim declaramos que não antevemos nenhum tipo de conflito de interesse com relação a pesquisa que liderou como investigadora principal

Maputo, Abril de 2019

---

Florência Saquina Mulungo Jossefa

**Apêndice G: PEDIDO DE RECOLHA DE INFORMAÇÕES AO CENTRO DIA  
MÃES DE MAVALANE**



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
MESTRADO EM TERAPIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA**

À Direcção do Centro Dia Mães de Mavalane

**Assunto:** Pedido de para autorização para a colecta de dados as famílias ao Centro Dia Mães de Mavalane.

**Florência Saquina Mulungo Jossefa**, estudante de Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária de Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Educação, Departamento de Psicologia, vem por este meio pedir a Directora do Centro Dia Mães de Mavalane se digne autorizar fazer a recolha de dados que permitirão a realização do trabalho de fim do curso que tem como tema “*O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane*”, na cidade de Maputo.

Sem mais espero a vossa compreensão.

Maputo, Abril de 2019

---

Florência Saquina Mulungo Jossefa

## **Apêndice H: FOLHA DE INFORMAÇÃO DO PARTICIPANTE**

O presente protocolo é destinado à elaboração da dissertação do Mestrado em Terapia Familiar e Comunitária oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

- 1. Título do Protocolo:** *“O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane”.*
- 2. Nome da Investigadora Principal:** Florência Saquina Mulungo Jossefa

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Doutora Bernadete Tesoura

### **3. Introdução**

#### **3.1. Justificação da Realização do Estudo**

O sistema familiar desempenha um papel importante na construção de uma sociedade sã, com valores e princípios éticos que permitem uma convivência harmoniosa entre os seus membros. Esta pesquisa justifica-se pelo facto de a pesquisadora ter observado no exercício da sua actividade com as crianças, um número cada vez maior de crianças em condições de vulnerabilidade facto que justifica a procura de instituições de caridade para acolhê-las. Este facto, mostra que as famílias não estão a cumprir com a sua função de proteger e educar as crianças. Este facto a prior, pode ser justificado pela insuficiência de condições financeiras das suas famílias, mas para o presente estudo, analisamos este fenómeno na perspectiva sistémica olhando a família em termos da sua estrutura (hierarquia, coesão, fronteiras e comunicação).

#### **3.2 Objectivo da Pesquisa**

Analisar o funcionamento do sistema familiar e comunitária com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane.

Interessa a pesquisadora, descrever as características das crianças acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane; Perceber as causas da vulnerabilidade destas crianças; Caracterizar o impacto da vulnerabilidade das crianças nos seus sistemas familiares e na comunidade de apoio; Verificar como funciona o sistema familiar com crianças em situação vulnerável e Identificar estratégias idóneas que possam ajudar as famílias e os centros de acolhimento a interagir positivamente com os seus membros nesta situação.

## **4. Métodos**

Marconi e Lakatos (2011, p. 46) “(...) afirmam que o método é o conjunto de actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objectivo, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Não muito longe de autoras definições aqui citadas, Carvalho (2009), define método como sendo o percurso específico a ser trilhado, em certa ordem, de modo a chegar a uma meta. Neste caso, a pesquisadora usará uma combinação de métodos que são: quanti-qualitativo, descritivo e analítico.

### **4.1 População de Estudo**

Segundo Gil (2008), a população de estudo é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Na mesma perspectiva, Ramos (2014, p.55) considera que a população é definida pelo investigador (seus limites e características) em função dos objectivos que se pretendem alcançar. Diante do exposto, a população para esta pesquisa, é constituída por 30 crianças adolescentes de ambos sexos com idade entre 12 e 17 anos, em situação de vulnerabilidade acolhidas no Centro Dias Mães de Mavalane, no Bairro Mavalane “A”.

### **4.2 Critérios de Selecção dos Participantes**

Fará parte desta pesquisa todos os indivíduos que reúnam os critérios de inclusão descritos nesta pesquisa que são: Crianças vulneráveis, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 aos 17 anos e acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane; Crianças pertencentes a um sistema familiar; Crianças em situação de vulnerabilidade e acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane.

## **5. Voluntariedade**

A participação dos seleccionados para este estudo é de carácter voluntário, podendo-se retirarem da pesquisa a qualquer momento que assim o desejar.

## **6. Procedimentos**

As entrevistas irão decorrer na casa dos participantes, num lugar onde estes se sintam seguros e confortáveis. Será realizado um único encontro. Contudo, havendo necessidade poderá realizar-se uma segunda sessão. Os encontros terão a duração máxima de 40

minutos. Para garantir maior fidelidade na transcrição dos depoimentos, as entrevistas serão gravadas.

A participação nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas do questionário que foi preparado sobre o funcionamento do Sistema familiar em crianças vulneráveis acolhidas no Centro dia Mães de Mavalane. A pesquisadora compromete-se a usar os resultados obtidos nesta pesquisa somente para fins académicos e científicos de forma consolidada sem qualquer identificação dos indivíduos.

## **7. Riscos e Benefícios**

Como benefícios, os participantes poderão, por exemplo, ter apoio na compreensão do problema da vulnerabilidade; o conhecimento das capacidades individuais, as estratégias de empoderamento para saberem gerir e superar dos conflitos, traumas e limites, na supervisão das crianças dentro e fora do sistema, bem como a recuperação da auto-estima.

Em termos de riscos, os participantes poderão sofrer: recordação de eventuais momentos de tristeza e angústias ligadas ao passado; represálias de outros membros da família que possam acusar os participantes de revelar os segredos da família a pessoas alheias; ausências de participantes nas secções.

Para a minimização do impacto destes riscos, a pesquisadora fará a sensibilização e esclarecimento aos familiares e às crianças sobre a importância de finalizar o processo.

## **8. Custos da Participação ou Compensações**

A participação neste estudo não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. No caso de eventuais despesas como transporte “chapa” por exemplo, poderão ser custeadas ou ressarcidas pela pesquisa.

## **9. Confidencialidade**

Este estudo, trabalha com uma categoria social (crianças) muito sensível, isto porque, dentro do sistema familiar ainda não tem autonomia sobre seus comportamentos e pensamentos, pois ainda estão sob tutela dos adultos. Deste modo, será garantido o sigilo e confidencialidade na divulgação dos nomes das pessoas envolvidas no estudo. Todos os dados serão codificados através da combinação de letras e números. Por exemplo, P1, P2, P3 até P6.

## **10. Contactos da investigadora**

Para mais informações em caso de dúvida ou esclarecimento de questões relacionadas a esta pesquisa, todos os participantes são convidados a contactar a investigadora deste protocolo de pesquisa pelos seguintes números: 843997170/823123400 ou pelo e-mail [florenciamulungo@gmail.com](mailto:florenciamulungo@gmail.com)

## Apêndice I: DECLARAÇÃO DO CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

### DECLARAÇÃO DO CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, -----, abaixo, assinado, declaro que aceito participar do estudo cujo título é “*O funcionamento do sistema familiar e comunitário com crianças vulneráveis acolhidas no Centro Dia Mães de Mavalane*”, como sujeito. Declaro também que fui explicado sobre os procedimentos do estudo e como deverá ser feita a minha participação, informações que contribuíram para minha ponderação e posterior decisão em integrar o presente estudo.

Fui devidamente explicado (a) que sou livre de participar ou não da investigação ou ainda, se eu pretender desistir a qualquer momento se assim o deseja, não haverá nenhum constrangimento e a minha identidade será preservada.

Fui informado (a) que se desejar qualquer outro esclarecimento, poderei contactar a e investigadora pelo número - 843997170.

Sendo assim, aceito por minha livre espontânea vontade participara na pesquisa e concedo a investigadora o direito de me entrevistar.

Foram também explicados os objectivos, os riscos e benefícios, voluntariedade da minha participação e foram me dadas garantias de confidencialidade que obriga o pesquisador a manter sigilo sobre a minha identidade. Assim, declaro que concordo voluntariamente em participar deste estudo, contudo, salvaguardando a possibilidade de retirar o meu consentimento a qualquer altura, antes, ou durante o mesmo, sem penalidades.

Maputo, Abril de 2019

**Apêndice J: ILUSTRAÇÃO DO TESTE FAST (TESTE DO SISTEMA FAMILIAR)**

